

MAIS DE 1 MILHÃO DE CÓPIAS VENDIDAS

JOHN FLANAGAN

RANGERS

ORDEM DOS ARQUEIROS

PONTE
EM
CHAMAS

Livro 2



FUNDAMENTO



RANGERS

ORDEM DOS

ARQUEIROS

LIVRO 2: PONTE EM CHAMAS



JOHN FLANAGAN

EDITORIA

FUNDAMENTO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Flanagan, John

Rangers — Ordem dos Arqueiros: Ponte em Chamas/John Flanagan; [versão brasileira da editora] — São Paulo, SP: Editora Fundamento Educacional, 2009.

Título original: Rangers apprentice: The Burning Bridge I. Literatura infanto-juvenil I. Título.

07-8417 CDD-028. 5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infanto-juvenil 023. 5 2. Literatura juvenil 023.5

ARALUEN, PICTA E CÉLTICA

ANO DE 643 DA ERA CRISTÃ



PRÓLOGO



Halt e Will estavam seguindo os Wargals por três dias. As quatro criaturas grandes e selvagens, soldados do rebelde comandante Morgarath tinham sido vistas passando pelo Feudo Redmont em direção ao norte. Assim que a informação chegou aos ouvidos do arqueiro, ele saiu para interceptá-los, acompanhado de seu jovem aprendiz.

— De onde será que eles vieram, Halt? — Will perguntou durante uma de suas curtas paradas para descanso. — O Desfiladeiro dos Três Passos já não está bem vigiado?

O Desfiladeiro dos Três Passos era o único acesso existente entre o reino de Araluen e as Montanhas da Chuva e da Noite, onde Morgarath mantinha seu quartel-general. Agora que o reino estava se preparando para a guerra com Morgarath, a companhia de infantaria e os arqueiros tinham sido enviados para reforçar a pequena guarnição permanente na estreita passagem até que o exército principal pudesse se reunir.

— Esse é o único lugar de onde eles podem vir em grande número — Halt concordou. — Mas um pequeno grupo como esse poderia entrar no Reino pela barreira de penhascos.

O domínio de Morgarath era um inóspito planalto que se erguia nas montanhas sobre as fronteiras no sul do reino. Do Desfiladeiro dos Três Passos, no leste, saía uma linha de penhascos íngremes e escarpados, em direção ao oeste, formando a fronteira entre o planalto e Araluen. À medida que avançavam para o sudoeste, os penhascos mergulhavam em outro obstáculo chamado fenda: uma abertura na terra que corria para o mar e separava o território de Morgarath do reino dos celtas.

Foram essas fortificações naturais que mantiveram Araluen e sua vizinha Céltica a salvo dos exércitos de Morgarath nos últimos dezesseis anos. Por outro lado, elas também protegeram o rebelde comandante das forças de Araluen.

— Pensei que fosse impossível passar por esses penhascos — Will comentou.

— Nenhum lugar é realmente impossível de atravessar — Halt retrucou com um sorriso sombrio. — Principalmente se você não der importância a quantas vidas vai perder tentando provar esse fato. Na minha opinião, eles usaram cordas e ganchos e esperaram uma noite sem luar e de mau tempo para conseguirem passar pelas patrulhas da fronteira.

Ele se levantou, mostrando que o descanso tinha chegado ao fim. Will também se ergueu, e os dois foram até os cavalos. Halt grunhiu levemente quando montou na sela. O ferimento que tinha sofrido na batalha com os dois Kalkaras ainda o incomodava um pouco.

— Minha principal preocupação não é saber de onde eles vieram — ele continuou. — É saber para onde estão indo e o que pretendem.

Halt mal tinha acabado de falar quando ele e Will ouviram um grito vindo de algum ponto adiante deles, seguido por uma confusão de grunhidos e, finalmente, pelo choque de armas.

— E talvez a gente descubra isso bem depressa! — concluiu.

Ele fez Abelard galopar, controlando-o com os joelhos enquanto as mãos, sem esforço, escolhiam uma flecha e a ajustavam à corda de seu enorme arco. Will subiu na sela de Puxão com a ajuda das mãos e galopou atrás do mestre. Ele não conseguia imitar a habilidade de Halt para montar sem usar as mãos, pois precisava da mão direita para segurar as rédeas enquanto segurava o arco com a esquerda.

Eles estavam atravessando um bosque com poucas árvores, deixando que os espertos cavalos escolhessem o melhor caminho. De repente, saíram do meio das árvores para uma ampla campina. Abelard, obedecendo a um comando de seu cavaleiro, parou, seguido imediatamente por Puxão. Will deixou cair as rédeas no pescoço do animal e sua mão instintivamente procurou uma flecha na aljava e a posicionou no arco.

Uma grande figueira crescia no meio do terreno com pouca vegetação. Um pequeno acampamento tinha sido montado junto do tronco. Um fio de fumaça ainda subia da fogueira, e uma mochila e um cobertor enrolado estavam no chão ao lado dela. Os quatro Wargals cercavam um homem que estava de costas para a árvore. Sua espada ainda os mantinha longe dele, mas os Wargals faziam leves movimentos em sua direção, tentando encontrar uma brecha para atacá-lo. Eles estavam armados com espadas curtas e machados, e um deles carregava uma pesada lança de ferro.

Will respirou fundo ao ver as criaturas. Depois de seguir suas pegadas por tanto tempo, era um choque vê-los claramente tão de repente. Seus corpos eram parecidos com os de ursos; eles tinham focinhos longos e fortes e presas

amarelas de cachorro, agora expostas ao rosnarem para sua vítima. Eram cobertos por pelos desgrenhados e usavam armaduras pretas de couro. O homem estava vestido de modo parecido, e sua voz tremia de medo ao repelir as tentativas de ataque.

— Para trás! Estou cumprindo uma missão para lorde Morgarath. Para trás, eu ordeno! Eu ordeno em nome de lorde Morgarath!

Halt fez que Abelard se virasse, de modo a ter espaço para puxar a flecha que já estava preparada no arco.

— Larguem as armas! Todos vocês! — ele gritou.

Cinco pares de olhos se voltaram para ele quando os quatro Wargals e sua presa se viraram surpresos. O Wargal que segurava a lança se recuperou primeiro. Percebendo que o espadachim estava distraído, disparou para a frente e perfurou seu corpo com a lança. Um segundo depois, a flecha de Halt se enterrou no coração do Wargal e ele caiu morto ao lado da presa ferida. Quando o espadachim caiu de joelhos, os outros Wargals investiram contra os dois arqueiros. Mesmo desajeitadas e enormes, as três criaturas moveram-se numa velocidade incrível.

O segundo tiro de Halt atingiu o Wargal da esquerda. Will atirou em outro à direita e percebeu no mesmo instante que tinha julgado mal a velocidade da criatura abrutalhada: a flecha passou sibilando no espaço onde o Wargal tinha estado um segundo antes. Sua mão voou para a aljava à procura de outra flecha, e ele ouviu um gemido rouco de dor quando o terceiro tiro de Halt atingiu o peito da criatura que estava no centro. Então Will soltou a segunda flecha na direção do Wargal sobrevivente, agora assustadoramente perto.

Apavorado diante dos olhos selvagens e das presas amarelas da criatura, o garoto atirou, sentindo que a flecha iria passar longe do alvo. O Wargal estava quase sobre ele.

Quando a criatura rosnou triunfante, Puxão veio em ajuda de seu dono. O pequeno cavalo empinou e atacou o monstro terrível com as patas dianteiras, avançando em seguida alguns passos em sua direção. Will, tomado de surpresa, agarrou-se ao alto da sela.

O Wargal ficou igualmente surpreso. Como todos de sua espécie, ele tinha um profundo medo instintivo de cavalos, um medo nascido na Batalha de Hackman Heath, dezesseis anos antes, na qual o primeiro exército de Wargals de Morgarath foi dizimado pela cavalaria de Araluen. O monstro hesitou por um segundo fatal, recuando diante dos cascos impiedosos do cavalo.

A quarta flecha de Halt atingiu a criatura na garganta e, devido à curta distância, a atravessou. Com um último grito agudo, o Wargal caiu morto na

grama.

Pálido, Will escorregou para o chão, pois não conseguia se manter em pé. Teve que se segurar em Puxão para se levantar. Halt saltou da sela depressa, foi até o garoto e o abraçou.

— Está tudo bem, Will — a voz grave atravessou o medo que enchia a mente do rapaz. — Já passou.

Mas Will sacudiu a cabeça negativamente horrorizado com a rápida série de acontecimentos.

— Halt, eu errei... duas vezes! Entrei em pânico e errei!

Ele foi tomado por uma profunda sensação de vergonha por ter causado tamanha decepção ao seu mestre. O braço de Halt apertou ainda mais o ombro do garoto, que olhou para o rosto barbado e os olhos escuros e profundos do mestre.

— Há uma grande diferença entre atirar num alvo e num Wargal que está pronto para atacar. Geralmente o alvo não quer matar você.

Halt acrescentou as últimas palavras num tom mais suave. Ele percebeu que Will estava em choque. “E não é para menos”, ele pensou sombriamente.

— Mas... eu errei...

— E aprendeu uma lição. Da próxima vez, não vai errar. Agora você sabe que é melhor atirar uma flecha com atenção do que duas com pressa — Halt disse com firmeza.

Então, pegou o braço de Will e fez o garoto se virar para o local do acampamento debaixo da figueira.

— Vamos ver o que achamos ali — ele sugeriu pondo um fim na conversa.

O homem vestido de preto e o Wargal estavam mortos, caídos lado a lado. Halt se ajoelhou ao lado do homem e o virou, assobiando surpreso.

— É Dirk Reacher — ele informou meio para si mesmo. — Ele é a última pessoa que eu esperaria ver aqui.

— Você conhece ele? — Will perguntou.

Sua insaciável curiosidade já o estava ajudando a esquecer os terríveis minutos anteriores, como Halt sabia que iria acontecer.

— Eu persegui ele até que saísse do reino, há uns cinco ou seis anos — o arqueiro contou. — Era um covarde e assassino. Desertou do exército e encontrou seu lugar, junto de Morgarath — ele fez uma pausa. — Parece que Morgarath está se especializando em recrutar pessoas como ele. Mas o que esse homem estava fazendo aqui... ?

— Ele disse que estava numa missão para Morgarath.

— Duvido. Os Wargals estavam caçando ele e somente Morgarath poderia ter dado essa ordem. Dificilmente os Wargals perseguiriam alguém que estivesse trabalhando para o chefe deles. Acho que estava desertando outra vez. Ele fugiu de Morgarath, e os Wargals foram mandados atrás dele.

— Por quê? — Will perguntou. — Por que desertar?

— A guerra está para começar — Halt disse dando de ombros. — Pessoas como Dirk tentam evitar esse tipo de aborrecimento.

Ele pegou a mochila que estava perto da fogueira do acampamento e começou a remexer dentro dela.

— Você está procurando alguma coisa em especial?

— Will perguntou.

Halt franziu a testa e, cansado de olhar dentro da mochila, derramou o conteúdo no chão.

— Bom, me ocorreu que, se ele tivesse desertado e quisesse voltar para Araluen, teria que levar alguma coisa para trocar por sua liberdade. Assim...

Sua voz desapareceu aos poucos quando ele apanhou um pedaço de pergaminho cuidadosamente dobrado entre as poucas roupas e utensílios de cozinha. Ele o examinou rapidamente e ergueu uma das sobrelhas levemente. Depois de quase um ano convivendo com o arqueiro grisalho, Will sabia que aquilo era o equivalente a um grito de espanto. Ele também sabia que, se interrompesse Halt antes que terminasse de ler, seu mentor simplesmente o ignoraria. Will esperou até que Halt dobrasse o papel, levantasse devagar e olhasse para o aprendiz, enxergando a pergunta no olhar do garoto.

— É importante?

— Ah, acho que posso dizer que sim — Halt respondeu. — Parece que tropeçamos nos planos de batalha de Morgarath para a próxima guerra. Acho melhor voltarmos para Redmont.

Ele assobiou baixinho, e Abelard e Puxão trotaram para junto de seus donos.

Das árvores, a várias centenas de metros de distância, cuidadosamente a favor do vento para que os cavalos dos arqueiros não sentissem o cheiro do intruso, olhos inamistosos os observavam. Seu dono observou os dois arqueiros se afastarem da cena da pequena batalha e então se virou para o sul, na direção dos penhascos. Era hora de informar Morgarath que seu plano tinha dado certo.



Já era quase meia-noite quando um cavaleiro solitário freou o cavalo em frente à pequena cabana construída entre as árvores abaixo do Castelo Redmont. O pônei carregado que caminhava atrás do cavalo selado parou também. O cavaleiro, um homem alto que se movia com a graça fácil da juventude, escorregou da sela e entrou na varanda estreita, agachando-se para não bater no beiral baixo. Do estábulo coberto ao lado da casa, vinha o som do suave relinchar de cavalos, e o animal que acabara de chegar levantou a cabeça como se respondesse a um cumprimento.

O cavaleiro tinha levantado o punho para bater na porta quando viu uma luz se acender atrás da cortina da janela. Ele hesitou. A luz atravessou a sala e, cerca de um segundo depois, a porta se abriu.

— Gilan — Halt disse sem qualquer sinal de surpresa na voz. — O que está fazendo aqui?

O jovem arqueiro riu ao encarar o antigo professor.

— Como você faz isso, Halt? — ele perguntou. — Como você podia saber que era eu quem estava chegando no meio da noite, antes mesmo de abrir a porta?

Halt deu de ombros, fazendo sinal para que Gilan entrasse na casa. Ele fechou a porta, foi até a pequena cozinha bem arrumada, abriu o fogão e reavivou as chamas do carvão em seu interior. Jogou alguns gravetos no fogão e colocou uma chaleira de cobre na chapa quente sobre o fogo, sacudindo-a primeiro para se certificar de que tinha bastante água.

— Escutei um cavalo há alguns minutos — ele contou. — Então, quando ouvi Abelard cumprimentar, soube que tinha que ser o cavalo de um arqueiro.

Ele deu de ombros outra vez. “Simples, depois da explicação”, dizia o gesto. Gilan riu em resposta.

— Bem, isso reduziu as possibilidades para 50 pessoas, não é mesmo?

Halt inclinou a cabeça para o lado com um olhar de pena.

— Gilan, acho que ouvi você tropeçando naquele degrau da frente umas mil vezes quando era meu aluno. Admita que eu não podia deixar de reconhecer

esse som mais uma vez.

O arqueiro mais jovem estendeu as mãos num gesto de derrota. Ele tirou a capa e a pendurou em uma cadeira, aproximando-se mais um pouco do fogão. A noite estava fria, e ele ficou olhando com certa ansiedade Halt preparar o café. A porta do quarto dos fundos se abriu, e Will entrou na pequena sala com as roupas vestidas às pressas sobre o pijama e os cabelos ainda desgrehados.

— Boa-noite, Gilan — ele cumprimentou calmamente. — O que trouxe você aqui?

Gilan olhou de um para outro um tanto desesperado.

— Ninguém fica surpreso quando apareço no meio da noite? — ele perguntou.

Halt, ocupado no fogão, se virou para esconder um sorriso. Alguns minutos antes, ele tinha ouvido Will se mover apressado e ir até a janela quando o cavalo se aproximou da cabana. Era evidente que o aprendiz tinha ouvido a sua conversa com Gilan e estava fazendo o melhor que podia para tentar criar o seu jeito informal de tratar a chegada inesperada. Entretanto, conhecendo Will como conhecia, Halt tinha certeza de que o garoto estava ardendo de curiosidade quanto ao motivo da visita inesperada, por isso resolveu fazer uma brincadeira.

— É tarde, Will. Acho bom você voltar para a cama. Temos um dia cheio amanhã.

No mesmo instante, a expressão indiferente de Will foi substituída por um olhar infeliz. A sugestão do mestre equivalia a uma ordem. Todas as intenções de parecer casual desapareceram de repente.

— Ah, por favor, Halt! — o garoto exclamou. — Quero saber o que está acontecendo!

Halt e Gilan trocaram um sorriso rápido. Will esperava ansiosamente que Halt mudasse de ideia quanto a mandá-lo para a cama. O arqueiro grisalho continuou sério ao colocar três canecas fumegantes de café na mesa da cozinha.

— Por que você acha que preparei três xícaras? — ele disse, e Will percebeu que tinha sido feito de bobo.

Ele deu de ombros sorrindo e se sentou com seus superiores.

— Muito bem, Gilan, antes que meu aprendiz acabe explodindo de curiosidade, qual é a razão para essa visita inesperada?

— Bom, tem a ver com os planos de batalha que você descobriu na semana passada. Agora que conhecemos as intenções de Morgarath, o rei quer o exército pronto nas Planícies de Uthal antes da próxima Lua crescente. É nesse dia que Morgarath planeja atravessar o Desfiladeiro dos Três Passos.

O documento encontrado tinha muitas informações. O plano de Morgarath falava de 500 mercenários escandinavos que iriam atravessar os pântanos e atacar a guarnição no Desfiladeiro dos Três Passos. Com o desfiladeiro desprotegido, o exército principal de Wargals poderia invadir e espalhar suas tropas na planície.

— Então Duncan planeja atacar primeiro — Halt disse assentindo devagar. — Boa ideia. Desse jeito, vamos controlar o campo de batalha.

— E vamos manter o exército de Morgarath preso numa armadilha no desfiladeiro — Will disse em tom igualmente sério, também concordando com a cabeça.

Gilan se virou ligeiramente para esconder um sorriso. Ele se perguntou se tinha tentado imitar os trejeitos de Halt quando era seu aprendiz e chegou à conclusão de que provavelmente tinha, sim.

— Ao contrário — ele disse. — Quando o exército chegar, Duncan planeja se retirar, voltar para posições preparadas com antecedência e deixar Morgarath sair das planícies.

— Deixar ele sair? — Will indagou surpreso e com voz aguda. — O rei está louco? Por que...

Ele percebeu que os dois arqueiros o observavam. Halt com uma sobancelha levantada e Gilan com um sorriso zombeteiro dançando nos cantos da boca.

— Quero dizer... — hesitou, sem saber ao certo se questionar a sanidade do rei poderia ser considerado traição. — Sem querer ofender ou qualquer coisa parecida. É que...

— Ah, tenho certeza de que o rei não vai ficar ofendido se souber que um mero aprendiz de arqueiro pensa que ele está doido — Halt retrucou. — Os reis geralmente adoram ouvir esse tipo de coisa.

— Mas Halt... deixar que ele saia, depois de todos esses anos? Parece... — ele ia dizer “loucura”, mas pensou melhor.

De repente, o rapaz se lembrou do recente encontro com os Wargals. A ideia de milhares daquelas criaturas horríveis se espalhando livremente para fora do desfiladeiro fez seu sangue congelar.

— Essa é exatamente a questão, Will — Halt foi o primeiro a responder. — “Depois de todos esses anos.” Nós passamos dezesseis anos olhando para Morgarath e nos perguntando quais as intenções dele. Anos atrás, nossas forças estavam ocupadas patrulhando a base dos penhascos e vigiando Três Passos. E ele teve a liberdade de nos atacar no momento em que quis. Os Kalkaras foram o exemplo mais recente, como você sabe muito bem.

Gilan olhou para o antigo mestre com admiração. Halt tinha entendido imediatamente o raciocínio que estava por trás do plano do rei. Não era a primeira vez que percebia por que Halt era um dos conselheiros mais respeitados do monarca.

— Halt está certo, Will. E há outro motivo. Depois de dezesseis anos de relativa paz, as pessoas estão ficando complacentes. Não os arqueiros, é claro, mas o povo das vilas que fornecem homens ao nosso exército. E até alguns dos barões e mestres de guerra em feudos longínquos ao norte.

— Você mesmo viu como algumas pessoas hesitam em deixar as fazendas e ir para a guerra — Halt argumentou.

Will assentiu. Ele e Halt tinham passado a última semana viajando para os vilarejos vizinhos do Feudo Redmont para alistar homens e formar o exército. Em mais de uma ocasião, foram recebidos com total hostilidade. Uma hostilidade que desapareceu quando Halt usou toda a força de sua personalidade e reputação.

— No que se refere ao rei Duncan, agora é o momento de acertar isso — Gilan continuou. — Nós estamos tão fortes quanto sempre fomos, e qualquer atraso só vai nos enfraquecer. Esta é a melhor oportunidade que temos para nos livrar de Morgarath de uma vez por todas.

— E tudo isso nos leva de volta à minha primeira pergunta — Halt replicou. — O que traz você aqui no meio da noite?

— Ordens de Crowley — Gilan disse animado.

Ele colocou sobre a mesa uma mensagem escrita, e Halt, depois de um olhar interrogador para Gilan, a desenrolou e leu. Will sabia que Crowley era o comandante dos arqueiros, a maior autoridade entre os 50 arqueiros da Corporação. Halt leu e tornou a enrolar as ordens.

— Então você está levando mensagens para o rei Swyddned, dos celtas. Suponho que está invocando o tratado mútuo de defesa que Duncan assinou com ele há alguns anos.

Gilan assentiu, tomando um gole do café cheiroso com satisfação.

— O rei acha que vamos precisar de todas as tropas que pudermos reunir.

— Não posso criticar ele por pensar assim — Halt disse em voz baixa concordando pensativo. — Mas...?

Ele estendeu as mãos num gesto de interrogação. O gesto parecia dizer que, se Gilan estava levando mensagens para Céltica, quanto mais rápido ele comesse, melhor.

— Bom — disse Gilan —, é uma missão oficial para Céltica.

Ele deu ênfase à última palavra e, de repente, Halt acenou com a cabeça compreendendo o que o outro arqueiro queria dizer.

— Claro — ele disse. — A velha tradição celta.

— É mais uma superstição — Gilan comentou. — Na minha opinião, é uma perda de tempo ridícula.

— Claro que é — Halt respondeu —, mas os celtas insistem nela. Então, o que se pode fazer?

Will olhou de Halt para Gilan e para seu mentor novamente. Os dois arqueiros pareciam entender do que estavam falando. Para Will, eles pareciam falar uma língua estrangeira.

— Não há problemas em tempos normais — Gilan disse. — Mas, com todos esses preparativos para a guerra, estamos com dificuldades em todas as áreas. Simplesmente não dispomos de pessoal. Então Crowley pensou...

— Acho que já estou adiante de você — Halt disse e, finalmente, Will não conseguiu mais aguentar.

— Bom, acho que estou bem atrás de você! — ele explodiu. — O que raios vocês estão dizendo? Estão falando a nossa língua ou algum estranho idioma estrangeiro que se parece com ela, mas não faz nenhum sentido?



Surpreso diante da explosão repentina, Halt se virou lentamente para encarar seu jovem e impulsivo aprendiz.

— Sinto muito, Halt — Will murmurou se acalmando.

— Acho que deve mesmo — o arqueiro mais velho comentou. — É mais do que evidente que Gilan está perguntando se vou liberar você para acompanhar ele a Céltica.

Gilan fez um gesto de confirmação e Will franziu a testa atordoado com a repentina virada nos acontecimentos.

— Eu? — ele perguntou sem acreditar. — Por que eu? O que posso fazer em Céltica?

Assim que proferiu as palavras, Will se arrependeu. Ele já deveria ter aprendido a nunca dar esse tipo de abertura para Halt. Seu mestre franziu os lábios e pensou na pergunta.

— Não muito, provavelmente. A pergunta importante é se você pode ser liberado de suas tarefas aqui. E a resposta é “com certeza”.

— Então por que...

Will desistiu. Eles poderiam explicar o que estava acontecendo ou não. E, por mais que perguntasse, Halt só daria explicações quando achasse que tinha chegado o momento. Na verdade, ele estava começando a pensar que, quanto mais perguntas fazia, mais Halt gostava de deixá-lo às escuras. Foi Gilan que sentiu pena do garoto, talvez por se lembrar de como Halt podia ser fechado quando queria.

— Preciso de você para completar o grupo, Will — informou. — Por tradição, os celtas insistem em que uma missão oficial seja composta por três pessoas. E, para ser honesto, Halt está certo. Você é uma das pessoas que podem ser liberadas das funções aqui em Araluen — ele riu um tanto tristemente. — Se isto o faz se sentir melhor, recebi a missão porque sou o integrante mais novo dos arqueiros da Corporação.

— Mas por que três pessoas? — Will quis saber, vendo que pelo menos Gilan estava disposto a responder perguntas. — Uma pessoa só não pode

entregar a mensagem?

— Como estávamos dizendo, é uma superstição dos celtas — Gilan contou suspirando. — Ela remonta aos dias do Conselho Celta, quando eles, os scottis e os hibernianos eram aliados governados por um triunvirato.

— A questão é — Halt interrompeu — que Gilan pode levar a mensagem sozinho. Mas, se assim for, eles vão fazer ele esperar e enganar ele com artifícios durante dias, ou até semanas, enquanto se preocupam com etiqueta e protocolos. E não temos esse tempo a perder. Há um velho ditado celta que fala sobre isso: Um homem pode ser enganado. Dois, pode ser conspiração. Três é o número em que confio.

— Então vocês estão me mandando porque não há outro jeito?

Will perguntou um tanto insultado com a ideia.

Halt decidiu que era o momento de massagear o jovem ego um pouco; mas só um pouco.

— Bem, na verdade, há, sim. Mas não se pode mandar qualquer um para uma missão dessas. Os três membros precisam ter algum tipo de status. Por exemplo, eles não podem ser simples soldados.

— E você, Will — Gilan acrescentou —, é um membro do Corpo dos Arqueiros. Isso vai pesar bastante para os celtas.

— Sou só um aprendiz — Will retrucou e ficou surpreso quando os dois homens balançaram a cabeça discordando.

— Você usa a Folha de Carvalho — Halt disse com firmeza. — Não importa se é de bronze ou prata. Você é um dos nossos.

Will ficou visivelmente animado com a declaração do mestre.

— Bom, se vocês acham isso, vou ficar muito feliz em acompanhar Gilan — Will respondeu.

Halt olhou para ele com frieza. Certamente era tempo de parar com as carícias no ego. Deliberadamente, ele se virou para Gilan.

— Então, você sabe de mais alguém que seja totalmente desnecessário para ser o terceiro membro? — ele perguntou.

Gilan deu de ombros, sorrindo quando viu Will se acalmar.

— Esse é o outro motivo pelo qual Crowley me mandou para cá — ele contou. — Como Redmont é um dos maiores feudos, ele pensou que vocês poderiam dispensar outra pessoa daqui. Alguma sugestão?

— Acho que talvez tenhamos exatamente a pessoa de quem você precisa — Halt disse esfregando o queixo enquanto uma ideia se formava em sua cabeça. — Talvez seja melhor você ir para a cama — ele disse virando-se para Will — Vou ajudar Gilan com os cavalos e depois vou até o castelo.

Will concordou. Agora que Halt tinha mencionado a cama, o rapaz sentiu uma vontade irresistível de bocejar. Ele se levantou e foi para o seu pequeno quarto.

— Até amanhã, Gilan.

— Bem cedo — Gilan respondeu sorrindo, e Will revirou os olhos fingindo estar apavorado.

— Eu sabia que você ia dizer isso.

Halt e Gilan atravessaram os campos e foram até o Castelo Redmont num silêncio agradável. Gilan, atento aos modos do antigo mestre, percebeu que Halt queria discutir um assunto. Não demorou muito para que o arqueiro mais velho quebrasse o silêncio.

— Essa missão para Céltica pode ser exatamente o que Will precisa. Estou um pouco preocupado com ele.

Gilan franziu a testa. Ele gostava do jovem e irrefreável aprendiz.

— Qual é o problema?

— Ele passou por maus momentos quando encontramos aqueles Wargals na semana passada — Halt contou. — Acha que perdeu a coragem.

— E perdeu?

— Claro que não — Halt disse e sacudiu a cabeça com determinação. — Ele tem mais coragem do que muitos homens adultos. Mas, quando os Wargals nos atacaram, ele se apressou em atirar e errou.

— Isso não é nenhuma vergonha, é? — Gilan retrucou. — Afinal, ele nem tem 16 anos ainda. Suponho que não tenha fugido.

— Não, de jeito nenhum. Ele se manteve firme. Até conseguiu atirar outra flecha. Então Puxão fez o Wargal recuar para que eu desse cabo dele. Bom cavalo aquele.

— Ele tem um bom dono — Gilan replicou, e Halt concordou.

— Isso é verdade. Mesmo assim, acho que vai ser bom para o garoto passar algumas semanas longe de todos esses preparativos de guerra. Ele vai esquecer os problemas se ficar algum tempo com você e Horace.

— Horace? — Gilan perguntou.

— Ele é o terceiro membro que estou sugerindo. Um dos aprendizes da Escola de Guerra e amigo de Will.

— Halt pensou alguns minutos e então disse para si mesmo. — Sim. Algumas semanas com pessoas da mesma idade vão fazer bem a ele. Afinal, dizem que fico um pouco carrancudo de vez em quando.

— Você, Halt? Carrancudo? Quem diria uma coisa dessas? — Gilan brincou.

Halt olhou para ele desconfiado. Era evidente que o rapaz estava tendo dificuldades em ficar sério.

— Você sabe, Gilan — Halt comentou —, que o sarcasmo é a pior forma de fazer graça. Aliás, nem graça tem.



Apesar de já passar da meia-noite, as luzes ainda estavam acesas no escritório do barão Arald quando Halt e Gilan chegaram ao castelo.

O barão e sir Rodney, o mestre de guerra de Redmont, tinham muitos planos a fazer, preparando-se para a marcha até as Planícies de Uthal, onde iriam se juntar ao resto do exército do Reino. Quando Halt explicou do que Gilan precisava, sir Rodney logo percebeu aonde o arqueiro queria chegar.

— Horace? — ele perguntou, e o pequeno arqueiro de barba concordou de modo quase imperceptível. —

Sim, não é mesmo uma má ideia — o mestre de guerra continuou, andando pela sala enquanto pensava no assunto. — Ele tem o status de que você precisa para a tarefa: é um membro da Escola de Guerra, mesmo sendo apenas um aluno. Podemos dispensar ele da força a partir deste fim de semana e... — ele fez uma pausa e lançou um olhar significativo para Gilan. — E você até pode acabar descobrindo que ele é uma pessoa útil.

O arqueiro mais jovem olhou para ele com curiosidade, e sir Rodney continuou.

— Ele é um dos meus melhores aprendizes e é um espadachim nato. Já é melhor do que a maioria dos membros da Escola de Guerra, mas costuma encarar a vida de um jeito um tanto formal e inflexível. Talvez uma missão com dois arqueiros indisciplinados possa ensinar ele a relaxar um pouco.

Ele sorriu brevemente, para mostrar que não pretendia ofender ninguém com a brincadeira, e então olhou para a espada que Gilan usava na cintura. Era uma arma incomum para um arqueiro.

— Foi você quem estudou com MacNeil, não é verdade?

— O mestre espadachim. Sim, fui eu — Gilan assentiu.

— Hum — sir Rodney murmurou olhando o jovem e alto arqueiro com novo interesse. — Bem, você pode ficar à vontade para dar algumas dicas para Horace enquanto estiverem na estrada. Encare isso como um favor para mim e você vai descobrir que ele aprende rápido.

— Com todo o prazer — Gilan respondeu, já com vontade de conhecer aquele guerreiro aprendiz.

Durante o período em que tinha sido aprendiz de Halt, ele notara que sir Rodney não costumava elogiar abertamente nenhum aluno da Escola de Guerra.

— Bem, então está combinado — o barão Arald concluiu ansioso para voltar para o planejamento de centenas de detalhes da marcha até Uthal. — A que horas você pretende partir, Gilan?

— Logo depois que o sol nascer, se possível, senhor — Gilan respondeu.

— Vou mandar Horace se apresentar a você antes do amanhecer — Rodney lhe disse.

Gilan assentiu percebendo que a reunião tinha terminado, o que foi confirmado pelas palavras seguintes do barão.

— Agora, se vocês nos derem licença, vamos voltar ao assunto relativamente simples que é planejar uma guerra.



O céu estava pesado, com nuvens de chuva sombrias. Em algum lugar, o sol devia estar nascendo, mas ali não havia sinal dele, apenas uma luz cinzenta e sem brilho que atravessava as nuvens e, aos poucos, hesitante, enchia o céu.

Quando o pequeno grupo subiu a última colina, deixando o contorno maciço do Castelo Redmont para trás, o novo dia finalmente cedeu às nuvens e começou a cair uma fria chuva de primavera. Ela era leve, mas persistente, e cobria tudo de névoa. No início, escorria pelas capas de lã dos cavaleiros, mas por fim começou a encharcar o tecido. Depois de cerca de vinte minutos, os três estavam encolhidos nas selas e tentavam aquecer o corpo da melhor forma possível.

Gilan se virou para os dois companheiros enquanto avançavam com dificuldade de olhos baixos e encolhidos sobre os pescoços dos cavalos. Ele sorriu para si mesmo e então se dirigiu a Horace, que estava ficando ligeiramente para trás ao lado do pônei de carga conduzido por Gilan.

— E aí, Horace, estamos proporcionando bastante aventura para você até agora?

Horace enxugou o rosto molhado de chuva que não o deixava enxergar bem e sorriu tristemente.

— Menos do que eu esperava, senhor. Mas ainda é melhor do que os exercícios.

Gilan assentiu e sorriu para ele.

— Imagino que seja mesmo. Você sabe que não precisa andar aí atrás — ele acrescentou com gentileza. — Nós, arqueiros, não somos muito de cerimônia. Venha e fique com a gente.

Ele cutucou Blaze com o joelho, e o cavalo baio se afastou para abrir espaço. Ansioso, Horace fez seu cavalo avançar para cavalgar ao lado dos dois arqueiros.

— Obrigado, senhor — ele disse. Gilan fez um gesto para Will.

— Educado, não? — ele perguntou divertido. — Pelo jeito, eles sabem como ensinar boas maneiras na Escola de Guerra atualmente. É bom ser

chamado de “senhor” o tempo todo.

Will sorriu com a brincadeira. Mas o sorriso desapareceu de seu rosto quando Gilan, pensativo, continuou:

— Não é nada ruim quando mostram um pouco de respeito. Talvez você também deva me chamar de senhor — ele disse e virou o rosto para observar a fileira de árvores do lado da estrada, para que Will não pudesse ver o leve sorriso que insistia em aparecer.

Aborrecido, Will tentou engolir a resposta. Ele não acreditava no que estava ouvindo.

— Senhor? — ele disse finalmente. — Você quer mesmo que eu o chame de senhor, Gilan?

Então, quando Gilan olhou para ele com a testa levemente franzida, ele ajuntou rapidamente muito confuso:

— Quero dizer, senhor! Você quer que o chame de senhor... senhor?

— Não — Gilan respondeu. — Acho que senhor-senhor não é adequado. Nem mesmo “senhor Gilan”. Acho que só “senhor” ficaria muito bem, você não concorda?

Will não conseguia pensar numa forma educada de dizer o que estava pensando e fez um gesto com as mãos, sem saber o que fazer. Gilan continuou.

— Afinal, vai ser bom para que a gente se lembre de quem manda neste grupo, não é mesmo?

Finalmente, Will conseguiu falar.

— Bom, acho que sim, Gil... quer dizer, senhor.

Will balançou a cabeça surpreso com essa súbita exigência de formalidade por parte do amigo. Cavalgou em silêncio por alguns minutos e então ouviu um espirro explosivo ao seu lado quando Horace tentou, sem sucesso, conter o riso. Will olhou para ele e depois, desconfiado, se virou para Gilan.

O jovem arqueiro estava sorrindo abertamente, olhando para o aprendiz e sacudindo a cabeça num falso arrependimento.

— Brincadeira, Will. Brincadeira.

Will percebeu que tinham lhe pregado uma peça novamente e, desta vez, com o total conhecimento de Horace.

— Eu... sa-bia — ele disse constrangido e falando devagar para mostrar indiferença.

Horace riu alto e, desta vez, Gilan o acompanhou.



Eles viajaram o dia todo para o sul e finalmente acamparam ao pé da primeira fileira de montanhas na estrada para Cél-tica. Perto do meio-dia, a chuva tinha lentamente começado a diminuir, mas o chão ao redor deles ainda estava encharcado.

Os três procuraram lenha seca debaixo das árvores de folhagem mais espessa e aos poucos reuniram o suficiente para uma pequena fogueira. Todos comeram trocando experiências num clima de amizade.

Horace, contudo, ainda mostrava um pouco de temor respeitoso pelo jovem e alto arqueiro. Will acabou por perceber que, quando Gilan o provocava, estava tentando deixar Horace à vontade, certificando-se de que ele não se sentisse deixado de lado. Will se deu conta de que se apegava ainda mais do que antes ao antigo aprendiz de Halt. Pensativo, chegou à conclusão de que ainda tinha muito a aprender sobre como lidar com as pessoas.

Will sabia que ainda enfrentaria pelo menos outros quatro anos de treinamento antes de terminar seu aprendizado. Depois, certamente iria cumprir missões secretas, obter informações sobre os inimigos do reino e, talvez, guiar membros do exército. Assim como Halt tinha feito. O pensamento de que um dia teria de contar com a própria capacidade e inteligência ainda era assustador. Will se sentia seguro na companhia de arqueiros experientes como Halt e Gilan. Uma tranquilizadora aura de conhecimento e capacidade os cercava, e o garoto se perguntou se algum dia seria capaz de assumir seu lugar ao lado deles. Naquele exato momento, ele duvidava disso.

Will suspirou. Às vezes parecia que a vida fazia questão de ser confusa. Menos de um ano antes, ele era um órfão desconhecido e sem nome protegido do Castelo Redmont. Desde então, começara a aprender as técnicas usadas pelos arqueiros e tinha conquistado a admiração e os elogios de todo o Feudo Redmont quando ajudou o barão, sir Rodney e Halt a derrotar as terríveis bestas conhecidas como Kalkaras.

Ele olhou para Horace, o inimigo de infância que tinha se tornado um amigo, e se perguntou se ele vivia o mesmo conflito desconcertante de emoções. A recordação dos dias que passaram juntos no castelo o fez se lembrar dos outros amigos, George, Jenny e Alyss, agora aprendizes de outros chefes de ofício. Ele gostaria de ter tido tempo de se despedir dos amigos antes de partir para Cél-tica. Especialmente de Alyss. Ele se mexeu inquieto quando pensou nela. Alyss o tinha beijado naquela noite, na pousada, e ele ainda se lembrava do suave toque dos seus lábios.

“Sim”, ele pensou, “especialmente Alyss.”

Do outro lado da fogueira do acampamento, Gilan observou Will com

olhos semicerrados. Ele sabia que não era fácil ser aprendiz de Halt. O arqueiro era uma figura quase lendária que colocava uma carga pesada em todos os seus alunos. Havia muitas expectativas a concretizar. Ele decidiu que Will precisava se distrair um pouco.

— Certo! — ele disse e se levantou de um pulo. — Lições!

Will e Horace olharam um para o outro.

— Lições? — Will repetiu num tom de voz suplicante.

Depois de um dia na sela, ele só queria saber de dormir.

— Isso mesmo — Gilan disse satisfeito. — Apesar de estarmos numa missão, cabe a mim ensinar vocês dois.

— Ensinar o quê? — Horace perguntou confuso.

— Por que eu deveria aprender técnicas usadas pelos arqueiros?

Gilan pegou a espada e a bainha presas à sela e tirou a lâmina fina e brilhante do estojo de couro. A espada sibilou e pareceu dançar na trêmula luz do fogo.

— Técnicas de arqueiros, não, garoto. Técnicas de combate. Deus sabe que precisamos de espadas bem afiadas o mais depressa possível. Você sabe que uma guerra está para começar.

Com um olhar crítico, ele observou o garoto corpulento sentado à sua frente.

— Agora, vamos ver o que você sabe fazer com esse palito de dente que está usando.

— Ah, está bem! — Horace concordou parecendo um pouco mais satisfeito com o rumo dos acontecimentos.

Ele nunca se importou em praticar um pouco de esgrima e sabia que não era uma técnica aprendida pelos arqueiros. Puxou a espada com confiança e se posicionou na frente de Gilan, com a ponta da arma educadamente virada para o chão. Gilan enfiou a ponta da própria espada na terra macia e estendeu a mão para Horace.

— Posso ver isso, senhor? — ele pediu.

Horace concordou e entregou a arma com o punho voltado para Gilan.

— Está vendo, Will? É isso o que se procura numa espada.

Will olhou desinteressado para o objeto. Para ele, parecia uma espada comum. A lâmina era simples e reta, o punho era de aço revestido de couro e a cruzeta era um pedaço grosso de bronze. Ele deu de ombros.

— Não parece especial — ele disse num tom de desculpas, sem querer ferir os sentimentos de Horace.

— Não é a aparência delas que importa — Gilan retrucou. — É a

sensação que passam. Esta aqui, por exemplo. Ela é bem equilibrada, e você pode agitar ela o dia todo sem ficar cansado demais; e a lâmina é leve, mas forte. Já vi lâminas duas vezes mais grossas cortadas ao meio por um bom golpe de porrete. As sofisticadas, com gravações, incrustações e joias, também — ele acrescentou com um sorriso.

— Sir Rodney diz que joias no punho de uma espada são apenas peso desnecessário — Horace respondeu, e Gilan concordou com um gesto de cabeça.

— E mais, elas costumam encorajar as pessoas a atacar você para roubar as joias — contou.

Então, com atitude professoral outra vez, devolveu a espada de Horace e pegou a dele.

— Muito bem, Horace, vimos que a espada é de boa qualidade. Vamos ver o dono.

Horace hesitou sem saber ao certo o que Gilan pretendia.

— Senhor? — ele disse sem jeito.

Gilan fez um gesto na direção de si mesmo com a mão esquerda.

— Me ataque — ele disse alegre. — Dê um golpe, invista contra mim. Arranque minha cabeça.

Sem saber o que fazer, Horace continuou parado. A espada de Gilan não estava em posição de guarda. Ele a segurava negligentemente na mão direita com a ponta voltada para baixo. Horace fez um gesto desamparado.

— Vamos, Horace — Gilan chamou. — Não vamos esperar a noite toda. Mostre o que sabe fazer.

Horace virou a ponta da própria espada para o chão.

— Mas, senhor, eu sou um guerreiro treinado — ele disse. Gilan pensou nisso e assentiu.

— É verdade. Mas você vem treinando há menos de um ano. Acho que não vai arrancar muitos pedaços de mim.

Horace olhou para Will em busca de apoio. O amigo apenas deu de ombros. Ele supôs que Gilan sabia o que estava fazendo, mas não o conhecia há muito tempo e nunca o tinha visto empunhar a espada, muito menos usá-la. Gilan balançou a cabeça fingindo desespero.

— Vamos lá, Horace! — ele repetiu.

Relutante, Horace deu um golpe desanimado em Gilan. Naturalmente, ele estava preocupado com o fato de não ser suficientemente experiente para controlar o golpe e acabar ferindo o arqueiro, caso conseguisse derrubar a defesa do rapaz. Gilan nem mesmo levantou a espada para se proteger. Em vez

disso, oscilou tranquilamente para o lado, e a lâmina de Horace passou longe dele sem feri-lo.

— Vamos! — ele disse. — Ataque com vontade!

Horace respirou fundo e desferiu um golpe vigoroso em Gilan.

Para Will, que via a cena, aquilo foi como poesia. Era parecido com uma dança ou com o movimento da água correndo sobre pedras lisas. A espada de Gilan, aparentemente impelida só por seus dedos e seu pulso, agitou-se no ar num arco cintilante para interceptar o golpe de Horace. Ouviu-se um som metálico, e Horace parou surpreso. A defesa fez sua mão tremer até o ombro. Gilan olhou para ele com as sobrancelhas levantadas.

— Assim está melhor — ele disse. — Tente outra vez.

E Horace obedeceu. Cortadas, golpes por cima, giros completos com o braço.

A cada vez, a espada de Gilan disparava para bloquear o golpe com um estrépito agudo. Horace desferia golpes cada vez mais fortes e rápidos. O suor caía em sua testa, e sua camisa estava encharcada. Agora ele não pensava em tentar não ferir Gilan. Cortava e investia livremente e tentava romper a defesa impenetrável do oponente.

Finalmente, quando a respiração de Horace ficou entrecortada, Gilan mudou os movimentos de bloqueio, que tinham sido tão eficientes contra o ataque vigoroso do rapaz. Sua espada se chocou contra a de Horace e então descreveu um pequeno movimento circular, fazendo que sua lâmina ficasse por cima. Em seguida, com um barulho forte, Gilan deslizou a lâmina ao longo da de Horace, obrigando a ponta da espada do aprendiz a se virar para o chão. Quando a ponta tocou a terra úmida, Gilan rapidamente pôs o pé sobre ela e a prendeu.

— Certo, isso é suficiente — ele disse com calma.

No entanto, seus olhos continuaram fixos nos de Horace, pois o arqueiro queria ter certeza de que o garoto percebera que a sessão de prática tinha terminado. Gilan sabia que, às vezes, no calor do momento, o espadachim perdedor podia tentar dar apenas mais um golpe, enquanto, para o oponente, a luta já chegara ao fim.

E então, na maioria das vezes, chegava mesmo.

Ele viu que Horace estava atento, recuou um pouco e em seguida se afastou depressa para fora do alcance de sua espada.

— Nada mal — Gilan disse em tom aprovador.

Mortificado, Horace deixou a espada cair na terra.

— Nada mal? — ele exclamou. — Foi terrível! Nem consegui chegar

perto da... — Horace hesitou.

De alguma forma, não parecia educado admitir que durante os últimos três ou quatro minutos ele tinha tentado arrancar a cabeça de Gilan.

— Não consegui derrubar sua defesa nenhuma vez — ele finalmente confessou.

— Bem — Gilan disse com modéstia —, você sabe que já fiz esse tipo de coisa antes.

— Sim — Horace respondeu sem fôlego. — Mas você é um arqueiro, todos sabem que arqueiros não usam espadas.

— Pelo que parece, esse usa — Will disse sorrindo. Horace, cansado e derrotado, devolveu o sorriso.

— É, acho que você tem razão — ele se virou respeitosamente para Gilan. — Posso perguntar onde você aprendeu a usar a espada, senhor? Nunca vi nada parecido.

— Aí vem você de novo com esse “senhor” — Gilan retrucou zombando. — O meu mestre foi um velho homem. Um morador do norte chamado MacNeil.

— MacNeil! — Horace sussurrou admirado. — Você não está falando “daquele” MacNeil, está? MacNeil, de Bannock?

— Esse mesmo — Gilan respondeu. — Então você ouviu falar dele?

— Quem não ouviu falar de MacNeil? — Horace replicou com respeito.

E, nesse momento, Will, cansado de não saber o que estava acontecendo, decidiu falar.

— Bom, eu nunca ouvi — ele contou. Mas vou fazer um chá se alguém me contar a história dele.



— Então me contem sobre esse Neil — Will pediu quando os três se ajeitaram confortavelmente em volta do fogo, com canecas fumegantes de chá de ervas aquecendo suas mãos.

— MacNeil — Horace corrigiu. — Ele é uma lenda.

— Ah, ele é muito real — Gilan disse. — Acho que posso dizer isso. Treinei com ele durante cinco anos. Comecei quando tinha 11 e com 14, fui ser aprendiz de Halt. Mas ele sempre me dava uma licença para continuar meu trabalho com o mestre espadachim.

— Mas por que você continuou a aprender a lutar com a espada depois de começar o treinamento como arqueiro? — Horace quis saber.

— Talvez as pessoas pensassem que era uma vergonha desperdiçar todo aquele treinamento — Gilan respondeu dando de ombros. — Eu queria muito continuar, e meu pai é sir David, do Feudo de Caraway, então acho que me deram alguma liberdade nesse sentido.

Horace endireitou o corpo ao ouvir esse nome ser mencionado.

— O chefe de guerra David? — ele perguntou, obviamente mais do que impressionado. — O novo comandante supremo?

Gilan assentiu sorrindo diante do entusiasmo do garoto.

— Ele mesmo.

Então, vendo que Will estava em silêncio, continuou a explicação.

— Meu pai foi nomeado comandante supremo dos exércitos do rei depois da morte de lorde Northolt. Ele comandou a cavalaria na Batalha de Hackman Heath.

— Quando Morgarath foi derrotado e obrigado a ir para as montanhas? — Will indagou de olhos arregalados.

Gilan e Horace assentiram com um gesto de cabeça. Horace continuou a explicação com entusiasmo.

— Sir Rodney diz que a forma como ele coordenou a cavalaria com o auxílio dos arqueiros nas laterais, no estágio final da batalha, é um verdadeiro clássico. Ele ainda usa isso como exemplo de tática perfeita. Não é de

surpreender que o seu pai tenha sido escolhido para substituir lorde Northolt.

Will percebeu que a conversa tinha se afastado do tema principal.

— Então, o que seu pai teve a ver com esse MacNeil? — perguntou voltando ao assunto.

— Bom — Gilan recomeçou —, o meu pai também foi aluno dele. Por isso, foi natural que MacNeil acabasse dando aulas em sua Escola de guerra, não é mesmo?

— Acho que sim — Will concordou.

— E era mais do que natural que eu me tornasse seu aluno assim que consegui levantar uma espada. Afinal, eu era o filho do mestre de Guerra.

— Então como você se tornou arqueiro? — Horace perguntou. — Você não foi aceito como cavaleiro?

Os dois arqueiros olharam para ele curiosos, de certa forma achando engraçado o fato de ele supor que uma pessoa apenas se tornava arqueiro por não conseguir ser cavaleiro ou guerreiro. Na verdade, não fazia muito que Will tinha se sentido do mesmo jeito, mas agora ele ignorara o fato convenientemente. Horace percebeu a pausa na conversa e então notou os olhares que recebia dos colegas. De repente, ele se deu conta da gafe que tinha cometido e tentou reparar o erro.

— Quer dizer... vocês sabem. Bom, quase todos nós queremos ser guerreiros, não é?

Will e Gilan trocaram olhares. Gilan levantou uma sobrancelha, e Horace continuou a tentar se explicar de maneira bem atrapalhada.

— Quer dizer... não quero ofender ninguém... mas todo mundo que conheço quer ser guerreiro.

Seu constrangimento diminuiu quando ele apontou um dedo para Will.

— Você mesmo, Will! Lembro que quando éramos crianças você sempre dizia que iria para a Escola de Guerra e que seria um cavaleiro famoso!

Agora foi a vez de Will se sentir pouco à vontade.

— E você sempre zombou de mim, não é? E dizia que eu era pequeno demais.

— Bom, você era! — Horace retrucou um tanto exaltado.

— É mesmo? — Will perguntou zangado. — Pois bem, já lhe ocorreu que talvez Halt já tivesse falado com sir Rodney e dito que me queria como aprendiz? E que essa é a razão por que não fui escolhido para a Escola de Guerra? Você já pensou nisso?

Gilan interveio nesse momento, interrompendo a discussão com delicadeza antes que saísse de controle.

— Acho que já chega de briguinhas infantis — ele disse com firmeza.

Os dois garotos, prontos para soltar mais uma alfinetada, cederam um tanto sem jeito.

— Ah... está certo — Will resmungou. — Sinto muito.

Envergonhado pela cena desagradável que tinha acabado de ocorrer, Horace balançou a cabeça várias vezes.

— Eu também.

Então, curioso, acrescentou:

— Foi assim que aconteceu, Will? Halt pediu a sir Rodney para não escolher você porque queria que você fosse arqueiro?

Will olhou para baixo e tirou um fio solto da camisa.

— Bem... não exatamente — ele admitiu. — E você está certo. Eu sempre quis ser um cavaleiro quando criança. Mas não mudaria agora, por nada no mundo! — acrescentou depressa virando-se para Gilan.

— Comigo aconteceu o contrário — Gilan disse sorrindo para os garotos. — Lembrem-se, eu cresci na Escola de Guerra. Posso ter começado a treinar com MacNeil aos 11 anos, mas comecei o treinamento básico com cerca de 9 anos.

— Deve ter sido ótimo! — Horace disse com um suspiro. Surpreendentemente, Gilan balançou a cabeça negativamente.

— Não para mim. Vocês já ouviram falar que a grama do vizinho é sempre mais verde?

Os dois garotos ficaram espantados ao ouvir essa expressão.

— Quer dizer que você sempre quer o que não tem — Gilan continuou, e os dois assentiram mostrando que compreendiam. — Bem, foi assim que aconteceu. Quando fiz 12 anos, estava cansado da disciplina, dos exercícios e dos desfiles.

Ele olhou de lado para Horace.

— Isso acontece muito na Escola de Guerra, você sabe muito bem.

— Como se eu não soubesse — o garoto corpulento concordou suspirando. — Ainda assim, a equitação e os treinos de combate são divertidos.

— Talvez — Gilan afirmou. — Mas eu estava mais interessado na vida que os arqueiros levavam. Depois de Hackman Heath, meu pai e Halt ficaram bons amigos, e Halt costumava nos visitar. Eu sempre o via. Muito misterioso. Super aventureiro. Comecei a pensar em como seria ir e vir à vontade. Viver nas florestas. As pessoas sabem muito pouco sobre os arqueiros e, para mim, a vida deles parecia a coisa mais emocionante do mundo.

— Sempre tive um pouco de medo de Halt — Horace confessou. — Eu

achava que ele era algum tipo de feiticeiro.

— Halt? Um feiticeiro? — Will riu sem acreditar.

— Ele não é nada disso!

— Mas você achava a mesma coisa — Horace protestou magoadado outra vez.

— Bom... acho que sim, mas eu era só uma criança naquela época.

— Eu também! — Horace retrucou com uma lógica devastadora. Gilan sorriu para os dois. Eram só garotos. Halt estava com a razão. Era bom para Will passar algum tempo com alguém da própria idade.

— Então você pediu a Halt que aceitasse você como aprendiz? — Will perguntou para o arqueiro mais velho. — O que ele respondeu?

— Não pedi nada para ele — Gilan contou. — Eu o segui um dia quando saiu do nosso castelo e entrou na floresta.

— Você o seguiu? Um arqueiro? Você seguiu um arqueiro na floresta? — Horace indagou.

Ele não sabia se deveria ficar impressionado com a coragem de Gilan ou horrorizado com a imprudência. Will se apressou a defender Gilan.

— Gil é um dos melhores membros do Corpo de Arqueiros e sabe seguir alguém sem ser visto — ele disse depressa. — Acho que é o melhor nisso.

— Naquela época, eu não era — Gilan disse chateado. — Veja só, eu achava que sabia alguma coisa sobre me mover sem ser visto. Descobri como sabia pouco quando tentei seguir Halt. Ele parou para comer ao meio-dia, e a primeira coisa que vi foi sua mão me agarrando pelo colarinho e me jogando no rio.

Ele sorriu com a lembrança.

— E então ele mandou você para casa? Você ficou envergonhado? — Horace perguntou, mas Gilan negou com um movimento de cabeça e um leve sorriso ainda dançando no rosto ao se lembrar daquele dia.

— Ao contrário, ele ficou comigo durante uma semana. Disse que eu não tinha me saído tão mal ao me esgueirar pela floresta e que talvez tivesse algum talento para andar por aí sem ser visto. Começou a me ensinar o que era ser um arqueiro. E, no fim daquela semana, eu tinha me tornado seu aprendiz.

— Como seu pai reagiu quando você contou para ele? — Will indagou. — Provavelmente queria que você também fosse um cavaleiro, não é mesmo? Acho que ficou desapontado...

— De jeito nenhum — Gilan respondeu. — Foi estranho, mas Halt tinha dito para ele que provavelmente eu o seguiria pela floresta. O meu pai já tinha concordado que eu poderia servir como aprendiz de Halt antes mesmo de eu

saber que queria.

— Como Halt poderia ter sabido disso? — Horace perguntou franzindo a testa.

Gilan deu de ombros e lançou um olhar significativo para Will.

— Halt tem um jeito especial de saber das coisas, não é, Will? — ele perguntou rindo.

Will se lembrou da noite escura no escritório do barão e da mão que tinha disparado de dentro da escuridão para agarrar seu pulso. Halt estava esperando ele naquela noite. Do mesmo jeito que obviamente esperara que Gilan o seguisse.

Ele olhou para as brasas da fogueira antes de responder:

— Talvez, do jeito dele, ele seja algum tipo de feiticeiro.

Por alguns minutos, os três companheiros ficaram sentados num silêncio confortável, pensando no que tinham conversado. Então Gilan se espreguiçou e bocejou.

— Bom, eu vou dormir — avisou. — Precisamos nos manter alertas no momento, por isso vamos fazer turnos. Will, você é o primeiro, depois Horace e por último eu. Boa noite para vocês.

E, assim, ele se enrolou na capa cinza-esverdeada e logo estava respirando profunda e regularmente.



Eles estavam de volta à estrada antes mesmo de o sol surgir no horizonte. As nuvens tinham desaparecido, carregadas para longe por um vento fresco vindo do sul, e o ar estava limpo e frio quando a trilha que percorriam subiu sinuosa para o alto das colinas que levavam à fronteira de Céltica.

As árvores ficaram mais mirradas e tortas, a grama era grosseira e a floresta densa tinha sido substituída por arbustos baixos e retorcidos pelo vento.

Aquela era uma parte do território onde os ventos sopravam constantemente e a terra refletia sua incessante ação destruidora. As poucas casas que viram ao longe com suas paredes de pedra e telhados rústicos, estavam amontoadas ao lado das colinas. Aquela era uma parte fria e desagradável do reino e, conforme Gilan tinha dito a eles, ficaria ainda pior quando entrassem em Céltica.

Naquela noite, enquanto relaxavam em volta da fogueira do acampamento, Gilan continuou a dar aulas de esgrima para Horace.

— A coordenação é a essência da coisa toda — ele disse para o suado aprendiz. — Você está vendo como está se defendendo com o braço travado e rígido?

Horace olhou para o braço direito e, realmente, Gilan tinha razão. Ele pareceu aborrecido.

— Mas eu tenho que estar pronto para impedir o seu golpe — ele explicou.

— Olhe... está vendo como eu faço? — Gilan, com paciência, fez uma demonstração com a própria espada.

— Quando o seu golpe esta vindo, a minha mão e meu braço estão relaxados. Então, exatamente antes que a sua espada alcance o ponto em que quero que pare, faço um pequeno contragiro, viu?

E foi o que ele fez, usando a mão e o pulso para girar a lâmina da espada, formando um pequeno arco.

— Seguro a espada com mais força no último momento, e a maior parte da energia do giro é absorvida pelo movimento da minha própria lâmina.

Horace ficou em dúvida. Parecia muito fácil para Gilan.

— Mas... e se eu calcular mal o tempo?

— Bom, nesse caso, eu provavelmente vou arrancar sua cabeça — Gilan retrucou com um sorriso largo.

Ele fez uma pausa, porque viu que Horace não tinha ficado muito satisfeito com a resposta.

— A ideia é não calcular mal — Gilan acrescentou com delicadeza.

— Mas... — o garoto começou.

— E como você consegue melhorar a coordenação? — Gilan interrompeu.

— Eu sei. Eu sei. Prática — Horace respondeu cansado.

— Isso mesmo. Então, está pronto? — Gilan indagou radiante.

— Um, e dois, e três, e quatro, assim está melhor, e três, e quatro... Não! Não! Só um pequeno movimento do pulso... e um, e dois...

O tilintar das lâminas ecoava pelo acampamento. Satisfeito com o fato de que não era ele que estava suando em bicas, Will observava com pouco interesse.

Depois de alguns dias, Gilan percebeu que Will parecia um pouco relaxado demais. Gilan estava sentado afiando a lâmina de sua espada depois de uma sessão de treino com Horace quando olhou para o aprendiz de arqueiro com ar de zombaria.

— Halt já lhe mostrou a defesa da espada com faca dupla? — ele perguntou de repente.

Will olhou surpreso para ele — Faca dupla... o quê? — ele perguntou hesitante.

Gilan suspirou profundamente.

— A defesa da espada. Droga! Eu devia ter percebido que teria mais trabalho para fazer. Bem feito para mim! Trazer dois aprendizes...

Ele se levantou com um suspiro exagerado e fez sinal para que Will o acompanhasse. Atordoados, o garoto obedeceu.

Gilan mostrou o caminho para uma clareira circular onde ele e Horace tinham praticado esgrima. Horace ainda estava lá, dando golpes e cortes num inimigo imaginário enquanto contava baixinho o tempo para si mesmo. O suor corria livremente por seu rosto, e sua camisa estava ensopada.

— Certo, Horace — Gilan chamou. — Faça uma pausa de alguns minutos.

Agradecido, Horace obedeceu. Abaixou a espada e se deixou cair no tronco de uma árvore tombada.

— Acho que estou pegando o jeito da coisa — ele disse, e Gilan concordou.

— Bom para você. Mais três ou quatro anos e você poderá dominar essa arte.

Ele falou alegremente, mas a expressão de Horace ficou desanimada diante da perspectiva dos longos anos de treinamento cansativo que o esperavam.

— Olhe para o lado bom, Horace — Gilan disse.

— No fim desse período, vai haver menos que meia dúzia de espadachins no reino que poderão vencer você num duelo.

O rosto de Horace se animou um pouco, mas logo tornou a ficar desconsolado quando Gilan acrescentou:

— O segredo está em saber quem são essas pessoas. Seria muito desagradável se você desafiasse um deles e só depois descobrisse isso, não é?

Ele não esperou a resposta e se voltou para o garoto menor.

— Agora, Will, vamos dar uma olhada nessas suas facas.

— As duas? — Will hesitou, e Gilan revirou os olhos.

A expressão era muito parecida com a que Halt usava quando Will fazia perguntas demais.

— Desculpe — Will murmurou, enquanto desembainhava as duas facas e as entregava a Gilan.

O arqueiro mais velho não as pegou, mas inspecionou rapidamente o gume e verificou se estavam cobertas por uma fina camada de óleo que as protegeria da ferrugem. Satisfeito, ele assentiu quando viu que tudo estava em ordem.

— Certo. A faca de caça fica na mão direita porque é a que se usa para bloquear um golpe de espada...

— Por que eu iria precisar bloquear um golpe de espada?

Gilan se inclinou para a frente e deu uma pancada não muito delicada com os nós dos dedos no alto da cabeça de Will.

— Bom, talvez impedir que ela rache o seu crânio seja um bom motivo — ele sugeriu.

— Mas Halt disse que os arqueiros não lutam corpo a corpo — Will protestou.

— Certamente não é nosso papel — Gilan concordou —, mas, se isso acontecer e tivermos que fazer, é uma boa ideia saber como proceder.

Enquanto falavam, Horace tinha levantado do tronco caído e se aproximado para observá-los.

— Você não acha que uma faca pequena como essa vai parar uma espada, acha? — ele interrompeu com um certo desprezo.

— Dê uma olhada melhor nessa “faca pequena” antes de falar com tanta segurança — Will convidou.

Horace estendeu a mão para a faca, e Will rapidamente a virou e colocou o cabo na mão do amigo.

Will tinha que concordar com Horace. A faca era grande. Na verdade, quase uma espada curta, mas, comparada a uma espada de verdade, como a de Horace ou a de Gilan, parecia tristemente inadequada.

Horace girou a faca para testar o equilíbrio.

— É pesada — ele disse afinal.

— E dura. Muito, muito dura — Gilan acrescentou. — Facas de arqueiros são feitas por artífices que aperfeiçoaram a arte de endurecer o aço em um grau surpreendente. A sua espada pode ficar cega nessa lâmina e mal deixar uma marca nela.

— Mesmo assim, você tem me ensinado a noção de movimento e equilíbrio a semana toda. Uma lâmina curta como essa tem muito menos equilíbrio.

— Isso é verdade — Gilan concordou. — Então precisamos encontrar outra fonte de equilíbrio, não é mesmo? E vamos achar isso na faca mais curta, na faca de atirar.

— Não entendo — Horace retrucou com a testa muito franzida. Will também não entendia, mas ficou satisfeito porque o outro garoto admitiu sua ignorância primeiro. Então, ele adotou um olhar sabido enquanto esperava a explicação de Gilan. Mas deveria ter previsto que os olhos atentos do arqueiro não perdiam nada.

— Bem, talvez Will possa explicar para você — Gilan disse feliz. Ele inclinou a cabeça na direção de Will, que hesitou.

— Bem... é o... ah... hum... a defesa de duas facas — ele balbuciou. — Não é? — acrescentou, em dúvida, depois de uma longa pausa em que Gilan não disse nada.

— Claro que é! — Gilan respondeu. — E que tal se você fizesse uma demonstração?

Ele nem mesmo esperou a resposta de Will, pois continuou depois de uma breve pausa:

— Eu achava mesmo que não. Então me dê licença, por favor. Ele pegou a faca de caça de Will e tirou a própria faca de atirar da bainha.

Então fez um gesto na direção da espada de Horace com a faca menor.

— Pegue sua espada — ele ordenou muito sério.

Horace obedeceu hesitante. Gilan gesticulou para que ele se dirigisse à área de exercícios e se posicionou. Horace fez o mesmo, com a ponta da espada virada para cima.

— Agora, tente dar um golpe acima do ombro em mim — Gilan disse.

— Mas... — Horace mostrou com ar infeliz as duas armas menores nas mãos de Gilan, que revirou os olhos desesperado.

— Quando vocês dois vão aprender? — perguntou. — Eu sei o que estou fazendo. Agora, VAMOS CONTINUAR!

Ele chegou a gritar as últimas palavras. O grande aprendiz, estimulado a agir e condicionado a obedecer imediatamente às ordens proferidas aos gritos, depois de meses passados no campo de treino, agitou a espada num golpe mortal na direção da cabeça de Gilan.

Ouviu-se um tilintar forte de aço, e a lâmina parou de imediato no ar. Gilan havia cruzado as duas facas de arqueiro na frente dela, num movimento em que a faca de atirar dava apoio à lâmina da faca de caça, e bloqueou o golpe facilmente. Horace, surpreso, recuou um pouco.

— Viu? — Gilan perguntou. — A faca menor oferece o apoio ou o equilíbrio extra para a arma maior.

Ele dirigiu as observações principalmente para Will, que assistia a tudo com grande interesse.

— Certo. Agora um golpe por baixo, por favor — continuou dirigindo-se para Horace.

O aprendiz de guerreiro desferiu o golpe e, novamente, Gilan uniu as duas lâminas e bloqueou o movimento. Ele olhou para Will, que acenou mostrando que entendia.

— Agora, um golpe lateral — Gilan ordenou.

Novamente, Horace girou a espada. Novamente, a arma foi parada no mesmo instante.

— Está entendendo? — Gilan perguntou para Will.

— Sim. E quanto a um golpe direto? — ele quis saber, Gilan fez um aceno de aprovação.

— Boa pergunta. Esse é um pouco diferente. — Ele se virou para Horace. — Se, por acaso, algum dia você enfrentar um homem que esteja usando duas facas, uma estocada direta é a forma mais segura e eficiente de ataque. Agora, ataque, por favor.

Horace investiu com a ponta da espada, o pé direito abrindo caminho com força no chão a fim de dar mais impulso ao golpe. Desta vez Gilan usou

somente a faca de caça para desviar a lâmina, fazendo que o aço passasse deslizando por seu corpo.

— É impossível parar esse golpe — ele ensinou a Will. — Por isso, nós simplesmente o desviamos. A nosso favor está o fato de que uma estocada vem com menos força, então podemos usar apenas a faca de caça.

Horace, sem sentir uma verdadeira resistência ao seu golpe, tinha tropeçado para a frente quando a lâmina foi desviada. No mesmo instante, a mão esquerda de Gilan agarrou a camisa dele e o puxou para perto, até que os ombros dos dois ficaram quase se tocando. Tudo aconteceu tão depressa e casualmente que Horace arregalou os olhos surpreso.

— E é nesse momento que uma lâmina curta é muito útil. — Gilan ressaltou.

Ele fingiu dar um golpe por baixo do braço no lado do corpo de Horace que estava exposto. O garoto arregalou os olhos ainda mais quando percebeu todas as implicações do que tinha acabado de ver. Seu desconforto aumentou quando Gilan continuou a demonstração.

— E, é claro, se você não quiser matar ele, ou se ele estiver usando uma malha de ferro, você sempre pode usar a lâmina da faca para aleijar.

Ele fez um movimento rápido em direção à parte de trás do joelho de Horace, deixando que a lâmina pesada e afiada parasse a alguns centímetros da perna.

Horace prendeu a respiração, mas a aula ainda não tinha terminado.

— Ah, lembre-se — Gilan acrescentou alegremente —, minha mão esquerda, que está segurando o colarinho, também está segurando uma lâmina afiada — ele agitou a faca de atirar, de lâmina larga e curta, chamando a atenção para ela. — Uma rápida estocada debaixo do maxilar e adeus para o espadachim, concorda?

Will balançou a cabeça admirado.

— Isso é fantástico, Gilan! — exclamou. — Nunca vi nada parecido.

Gilan soltou o colarinho da camisa de Horace, e o garoto recuou depressa antes que o arqueiro continuasse se aproveitando de sua vulnerabilidade.

— Não gostamos de fazer alarde sobre isso — o arqueiro admitiu. — É preferível nos depararmos com um espadachim que não saiba dos perigos que envolvem a defesa com duas facas — ele olhou para Horace com ar arrependido. — Naturalmente, isso é ensinado na Escola de Guerra do Reino. Mas é matéria para o 2º ano. Sir Rodney vai mostrar isso no ano que vem.

— Posso tentar? — Will perguntou ansioso, entrando na área de exercício e desembainhando a faca de atirar.

— Claro — Gilan concordou. — Vocês também podem praticar juntos, à noite, a partir de hoje. Mas não com armas de verdade. Cortem algumas varas para treinar.

— É mesmo, Will — disse Horace concordando com a ideia sensata de Gilan. — Afinal, você só está começando a aprender essa lição, e não quero machucar você. Pelo menos não muito — acrescentou sorrindo depois de pensar um pouco.

— Realmente esse é um dos motivos — Gilan comentou, e o sorriso no rosto de Horace desapareceu. — Mas nós também não temos tempo para amolar sua espada todas as noites.

Ele olhou para a lâmina de Horace de um jeito significativo. O aprendiz seguiu o olhar e soltou um leve gemido. Havia duas marcas profundas no fio da lâmina, obviamente causadas pelos bloqueios de Gilan. Um olhar disse a Horace que ele teria que passar pelo menos uma hora afiando a espada para se livrar delas. Ele observou a faca de caça e esperou ver os mesmos danos ali. Contente, Gilan examinou a pesada lâmina de perto.

— Nenhuma marca — ele afirmou sorrindo. — Lembre que eu disse que as facas dos arqueiros são fabricadas de um jeito especial.

Desanimado, Horace procurou o amolador em sua mochila e, sentando-se no chão duro, começou a passá-lo ao longo do fio da espada.

— Gilan — Will começou. — Andei pensando...

Gilan ergueu as sobrancelhas num falso desespero.

Novamente, sua expressão fez Will se lembrar de Halt.

— Sempre um problema — o arqueiro disse. — E o que pensou?

— Bom — Will respondeu devagar —, está tudo bem com essa história das duas facas. Mas não seria melhor simplesmente atingir o espadachim antes que ele se aproximasse demais?

— Sim, Will, certamente seria — Gilan concordou com paciência. — Mas e se você estiver pronto para fazer isso e a corda do seu arco arrebentar?

— Eu poderia correr e me esconder — ele sugeriu.

— E se não houver lugar para se esconder? — Gilan pressionou. — Você está encurralado junto da parede de um penhasco íngreme. Não tem para onde ir. A corda do arco arrebentou e o espadachim furioso está se aproximando. O que vai fazer?

— Acho que então vou ter que lutar — ele admitiu relutante.

— Exatamente. Evitamos um combate direto sempre que possível. Mas, se isso tiver que acontecer quando não tivermos outra escolha, é uma boa ideia estar preparado, certo?

— Acho que sim — Will retrucou. Então Horace apresentou uma questão.

— E se for alguém com um machado?

— Um homem com um machado? — Gilan perguntou.

— Sim — Horace reforçou a ideia. — E se você enfrentar um inimigo com uma acha? As suas facas vão funcionar?

— Eu não aconselharia ninguém a enfrentar uma acha somente com duas facas — ele disse com cuidado depois de hesitar.

— Então, o que devo fazer? — Will retrucou.

Gilan olhou de um para outro com a impressão de estar sendo vítima de uma brincadeira.

— Atire nele — ele disse simplesmente. Will deu um sorriso.

— Não posso — ele lembrou. — A corda do arco arrebentou.

— Então corra e se esconda — Gilan devolveu entre os dentes cerrados.

— Mas há o penhasco — Horace ressaltou. — Uma parede alta atrás dele e um homem furioso com um machado se aproximando.

— O que devo fazer? — Will repetiu.

Gilan respirou fundo e encarou os dois, um depois do outro.

— Pule do penhasco. Vai fazer menos sujeira.



— Onde raios está todo mundo?

Gilan fez Blaze parar e olhou ao redor do posto de fronteira deserto. Havia uma pequena guarita ao lado da estrada onde dois ou três homens mal conseguiriam se proteger do vento. Mais atrás, tinha uma casa para a guarnição. Normalmente, num posto de fronteira pequeno e longínquo como esse, havia uma guarnição de cerca de meia dúzia de homens que viviam na casa e faziam turnos na guarita à beira da estrada.

Como a maioria dos edifícios de Céltica, as duas estruturas eram construídas com pedras calcárias cinzentas da região, pedras achatadas do rio que tinham sido partidas no sentido do comprimento e telhas do mesmo material. Havia pouca madeira em Céltica. Até as fogueiras para aquecimento usavam carvão ou turfa sempre que possível. A madeira disponível era usada para escorar os túneis e galerias das minas de carvão e ferro de Céltica.

Will olhou em volta inquieto e espiou os arbustos raquíticos que cobriam as colinas varridas pelo vento como se esperasse que uma horda de celtas surgisse delas de repente. Havia alguma coisa assustadora no silêncio do lugar. Não se ouvia nenhum som, só o suspirar calmo do vento entre as colinas e os arbustos.

— Será que eles estão trocando de turno? — ele sugeriu com uma voz que pareceu extremamente alta.

— É um posto de fronteira — Gilan retrucou. — Precisa estar guarnecido o tempo todo.

Ele saltou da sela e fez sinal para Will e Horace permanecerem montados. Puxão, sentindo a inquietação de Will, deu alguns passos nervosos para o lado. Will o acalmou com um afago delicado no pescoço. As orelhas do pequeno cavalo se ergueram ao toque do dono, e o animal balançou a cabeça como se quisesse negar que estivesse tão inquieto.

— Será que eles foram atacados e expulsos? — Horace perguntou. Sua mente sempre o fazia pensar em luta, o que Will imaginou ser natural num aprendiz da Escola de Guerra.

Gilan deu de ombros enquanto abria a porta da guarita e espiava ali dentro.

— Talvez. Mas não parece haver nenhum sinal de luta.

Ele se recostou no batente da porta e franziu a testa. A guarita era uma construção de um aposento mobiliado com apenas alguns bancos e uma mesa. Não havia nada ali que mostrasse o paradeiro dos ocupantes.

— Este é só um posto sem importância — ele disse pensativo. — Talvez os celtas simplesmente tenham parado de usar ele. Afinal, a trégua entre Céltica e Araluen já dura mais de trinta anos.

Ele se afastou do batente e fez um sinal em direção à casa da guarnição com o polegar.

— Talvez a gente encontre alguma coisa lá.

Os dois garotos desmontaram. Horace levou seu cavalo e o pônei de carga até uma cerca perto da estrada. Will simplesmente deixou as rédeas de Puxão caírem no chão. O cavalo do aprendiz estava treinado para não se afastar. Ele tirou o arco do estojo de couro atrás da sela e o pendurou atravessado nos ombros. Naturalmente, já estava preparado com a corda. Arqueiros sempre viajavam com os arcos prontos para uso. Horace, percebendo o gesto, afrouxou levemente a espada dentro do estojo, e os dois se puseram a acompanhar Gilan até a casa da guarnição.

O pequeno prédio de pedra era bem organizado e estava limpo e deserto. Mas ali havia sinais de que seus ocupantes tinham partido apressados. Havia alguns pratos na mesa com restos secos de comida, e as portas de vários armários estavam abertas. E peças de roupa estavam espalhadas no chão do dormitório, como se seus donos tivessem enfiado alguns pertences nas mochilas apressadamente antes de sair. Muitos catres estavam sem lençol.

Gilan correu o dedo indicador ao longo da mesa da sala de refeições, deixando uma linha ondulada na camada de poeira que se tinha juntado ali. Ele inspecionou a ponta do dedo e franziu os lábios — Já faz tempo que eles partiram — constatou.

Horace, que estava espiando a pequena despensa debaixo das escadas, assustou-se com a voz do arqueiro e bateu a cabeça na soleira baixa da porta.

— Como você pode ter certeza? — ele perguntou, mais para ocultar o constrangimento do que por verdadeira curiosidade.

Gilan mostrou o aposento com um gesto do braço.

— Os celtas são pessoas organizadas. Essa poeira deve ter se acumulado desde que eles foram embora. O meu palpite é que o lugar está vazio há pelo menos um mês.

— Talvez isso seja verdade — Will respondeu, descendo as escadas, vindo da sala de comando. — Talvez eles tenham decidido que não precisavam mais manter homens neste posto.

Gilan acenou várias vezes com a cabeça, mas sua expressão mostrou que ele não estava convencido.

— Isso não iria explicar por que saíram apressados — retrucou — Olhem tudo isto: a comida na mesa, os armários abertos, as roupas espalhadas no chão. Quando se fecha um posto como este, as pessoas fazem uma limpeza e levam os pertences com elas. Principalmente os celtas. Como eu disse, eles são muito caprichosos.

E, como se esperasse encontrar algum indício que revelasse aquele enigma, ele saiu da casa e olhou a paisagem deserta que os rodeava. Mas não havia nada visível além dos cavalos que pastavam preguiçosamente no capim curto que crescia junto da guarita.

— O mapa mostra que a vila mais próxima é Pordellath — ele informou. — Fica um pouco fora do caminho, mas lá talvez a gente possa descobrir o que está acontecendo aqui.



Pordellath ficava somente a 5 quilômetros de distância. Por causa do terreno íngreme, o caminho dava voltas e ziguezagueava para o alto das colinas. Consequentemente, eles quase tinham chegado à vila quando a viram. Já era fim de tarde, e Will e Horace sentiam pontadas de fome. Eles não tinham parado para a habitual refeição do meio-dia, inicialmente porque queriam chegar logo ao posto da fronteira e depois porque tinham se apressado para chegar a Pordellath. Com certeza, haveria uma pousada na vila, e os garotos estavam pensando alegremente numa refeição quente e em bebidas frias. Por causa disso, ficaram surpresos quando Gilan puxou as rédeas do cavalo assim que a vila ficou visível, depois da curva de uma colina a cerca de 200 metros de distância.

— Que diabos está acontecendo aqui? — ele perguntou. — Olhem só aquilo!

Will e Horace olharam. Sinceramente, Will não enxergava o que poderia incomodar o jovem arqueiro.

— Não estou vendo nada — ele admitiu. Gilan se virou para ele.

— Exatamente! — ele concordou. — Nada! — Não há fumaça nas chaminés nem pessoas nas ruas. A vila parece tão vazia quanto o posto da

fronteira!

Ele cutucou Blaze com os joelhos, e o cavalo baio saiu num meio-galope na estrada pedregosa. Will o seguiu, enquanto o cavalo de Horace reagiu um pouco mais devagar. Formando uma fila, eles cavalgaram para a vila, finalmente freando na pequena praça do mercado.

Não havia muita coisa em Pordellath. Apenas a pequena rua principal por onde eles entraram, cercada de casas e lojas dos dois lados e se abrindo para a pequena praça no final. Esta era dominada pelo maior edifício da vila, que era, segundo o costume dos celtas, a moradia do riadhah. O riadhah era o chefe da vila por tradição hereditária, uma combinação de chefe do clã, prefeito e delegado. A sua autoridade era absoluta, e ele governava incontestado os demais moradores.

Quando havia moradores para serem governados. Naquele dia, não havia riadhah nem moradores, apenas os ecos leves e agonizantes dos cascos dos cavalos na superfície coberta de pedriscos da praça.

— Olá! — Gilan gritou, e sua voz ecoou pela rua principal, batendo nas pedras dos edifícios e depois se espalhando para as colinas próximas.

— O... lá... lá... lá... — o eco repetiu desaparecendo lentamente até silenciar.

Os cavalos se mexeram nervosos outra vez. Will estava relutante em chamar a atenção do arqueiro, mas ficara inquieto pela forma como ele tinha anunciado a presença deles ali.

— Será que você deveria fazer isso? — indagou.

Gilan olhou para ele, e um pouco de seu bom humor habitual retornou quando percebeu a razão do desconforto de Will.

— Por que está perguntando? — ele quis saber.

— Bom — Will disse olhando nervoso ao redor da praça do mercado deserta —, se alguém levou as pessoas daqui, talvez a gente não queira que ele saiba que chegamos.

— Acho que é um pouco tarde para isso — Gilan retrucou dando de ombros. — Entramos aqui a galope, como a cavalaria do rei, e viajamos na estrada totalmente visíveis. Se alguém estava vigiando, certamente já nos viu.

— Acho que sim — Will concordou sem muita certeza. Enquanto isso, Horace tinha levado seu cavalo para perto de uma das casas e estava se preparando para descer da sela e espiar para dentro das janelas baixas. Gilan notou o movimento.

— Vamos dar uma olhada por aí — ele sugeriu desmontando. Horace não estava muito ansioso para seguir esse exemplo.

— E se houve algum tipo de praga ou alguma coisa parecida? — ele perguntou.

— Uma praga? — Gilan replicou.

— Sim. Quer dizer, ouvi falar que coisas como essas aconteceram muitos anos atrás — Horace respondeu engolindo a saliva nervoso.

— Cidades inteiras foram varridas por uma praga que surgia e simplesmente... meio que... matava as pessoas onde elas estavam.

Enquanto dizia isso, ele fez o cavalo se afastar da casa e foi para o centro da praça. Sem perceber, Will começou a acompanhá-lo. No momento em que Horace sugeriu a ideia, ele formou imagens dos dois caídos na praça com o rosto negro, a língua para fora e os olhos saltados em seus momentos finais de agonia.

— Então essa praga pode simplesmente aparecer do nada? — Gilan perguntou com calma.

Horace assentiu várias vezes.

— Na verdade, ninguém sabe realmente como ela se espalha — ele disse. — Ouvi dizer que é o ar da noite que carrega as pragas. Ou, às vezes, o vento oeste. Mas não importa como viaja, ela ataca tão depressa que não há escapatória. Simplesmente mata você onde estiver.

— Todos os homens, mulheres e crianças por onde passa? — Gilan perguntou.

Novamente, Horace balançou a cabeça com entusiasmo.

— Todos. Mortinhos da silva!

Will estava começando a sentir a garganta secar enquanto os outros dois conversavam. Ele tentou engolir, sentiu um incomodo na garganta e teve um momento de pânico quando se perguntou se aquele não era o primeiro sinal da praga. Sua respiração ficou mais rápida, e ele quase não ouviu a próxima pergunta de Gilan.

— E então ela simplesmente... derrete os corpos e os transforma em pó? — ele indagou com delicadeza.

— É isso mesmo! — Horace respondeu e só depois percebeu o que o arqueiro tinha dito.

Ele hesitou, olhou em volta da vila deserta e não viu sinal de nenhum corpo. De repente, por coincidência, Will deixou de ter a sensação desconfortável na garganta.

— Ah... — Horace disse quando se deu conta da falha em sua teoria. — Bom, talvez seja um novo tipo de praga. Talvez ela dissolva os corpos.

Gilan olhou para ele com a cabeça inclinada para o lado.

— Ou talvez tenha havido uma ou duas pessoas imunes, e elas enterraram todos os outros? — Horace sugeriu.

— E onde essas pessoas estão agora? — Gilan replicou.

— Talvez tenham ficado tão tristes que não conseguiram continuar vivendo aqui — ele disse, dando de ombros, tentando manter viva sua teoria.

— Horace, seja lá o que for que tenha expulsado as pessoas daqui, não foi uma praga — Gilan declarou.

Ele olhou rapidamente para o céu que escurecia.

— Está ficando tarde. Vamos dar uma olhada por aí e encontrar um lugar para passar a noite.

— Aqui? — Will se espantou inquieto. — Na vila?

— A menos que você queira acampar nas colinas — ele sugeriu. — Há poucos abrigos adequados e geralmente chove nesta área à noite. Pessoalmente, prefiro passar a noite debaixo de um teto, mesmo que esteja deserto.

— Mas... — Will começou, porém não encontrou nenhum argumento racional para continuar.

— Tenho certeza de que seu cavalo também prefere passar a noite debaixo de um telhado do que na chuva — Gilan acrescentou gentilmente devolvendo o equilíbrio a Will.

Seu primeiro instinto foi cuidar de Puxão e não era justo condenar o pônei a passar uma noite úmida e desconfortável nas colinas só porque seu dono tinha medo de algumas casas vazias. Ele assentiu com um gesto de cabeça e pulou da sela.



Não havia respostas a serem encontradas em Pordellath. Os três companheiros atravessaram a vila e encontraram os mesmos sinais de partida repentina que tinham visto no posto da fronteira. Havia indícios de que algumas pessoas tinham feito as malas apressadamente, mas na maioria das casas quase todos os bens dos ocupantes ainda estavam no lugar. Tudo indicava que a população tinha partido às pressas levando o que podia carregar nas costas e um pouco mais. Ferramentas, utensílios, roupas, móveis e outros itens pessoais foram deixados para trás. Mas os três viajantes não conseguiram encontrar pistas do motivo pelo qual o povo de Pordellath tinha desaparecido. Ou por que tinha partido.

Quando começou a escurecer, Gilan finalmente pôs fim à busca. Eles voltaram à casa do riadhah, onde tiraram as selas dos cavalos e os escovaram no abrigo de uma pequena varanda em frente ao edifício.

Passaram uma noite intranquila na casa. Pelo menos, foi o que aconteceu com Will, e este supôs que Horace estava tão pouco à vontade quanto ele. Gilan, por sua vez, parecia relativamente calmo, pois tinha se enrolado em sua capa e pegado no sono no instante em que Will o substituíra, depois do primeiro turno de vigília. Mas a atitude de Gilan estava mais controlada do que o normal, e Will imaginou que o arqueiro estava mais preocupado com o desconcertante rumo dos acontecimentos do que deixava transparecer.

Enquanto montava guarda, Will ficou surpreso com os barulhos que uma casa podia provocar. As portas rangiam, o piso gemia, o teto parecia suspirar a cada sopro do vento lá fora. E a vila parecia cheia de objetos soltos que também batiam e tiniam, o que levou Will a um estado de atenção nervoso e assustado, sentado junto da janela sem vidros na sala da frente da casa, onde as venezianas de madeira estavam presas para ficarem no lugar.

A Lua parecia ansiosa para também colaborar com o clima sinistro; flutuava bem acima da vila, jogando entre as casas longas sombras que pareciam se mover levemente, quando se olhava para elas com o canto dos olhos, mas paravam assim que se sentiam observadas.

Mais movimento acontecia quando as nuvens passavam sob a Lua, fazendo que a praça principal ficasse iluminada e logo depois mergulhada numa repentina escuridão.

Exatamente após a meia-noite, como Gilan tinha previsto, uma chuva constante começou a cair, e os outros barulhos foram acompanhados pelo gorgolejar da água que corria e pelo pinga-pinga das gotas descendo dos beirais para as poças no chão.

Will acordou Horace para assumir a guarda perto das 2 horas. Ele fez uma pilha de almofadas e cobertores no chão da sala principal, enrolou a capa ao redor do corpo e se deitou.

Então ficou acordado por outra hora e meia, escutando rangidos, gemidos, gorgolejos, borrifos de água e imaginando se Horace tinha caído no sono e se, mesmo agora, algum terror invisível, incontrollável e sedento de sangue estava rastejando na direção da casa. Ele ainda estava preocupado com essa possibilidade quando finalmente adormeceu.



Eles pegaram a estrada nas primeiras horas da manhã seguinte. A chuva tinha parado antes do amanhecer. Gilan estava ansioso para chegar a Gwyntaleth, a primeira cidade grande em sua rota, e descobrir algumas respostas para as charadas com que tinham se deparado até o momento em Céllica. Eles fizeram uma refeição fria e rápida, lavaram-se com água gelada da fonte da vila, depois selaram os cavalos e partiram.

Com cuidado, os três desceram a trilha sinuosa e irregular que saía da vila, mas, quando chegaram à estrada principal, fizeram os cavalos galoparem. Eles galoparam por uns vinte minutos e então fizeram os animais avançarem num passo mais lento pelos próximos vinte, mantendo esse ritmo alternado e constante durante toda a manhã.

O grupo fez uma refeição rápida na metade do dia e continuou a viagem. Eles estavam na principal área de mineração de Céllica e tinham passado por pelo menos umas 12 minas de carvão ou ferro: grandes buracos negros abertos nas laterais das colinas e das montanhas e cercados por escoras de madeira e por edifícios de pedra. Mas em nenhum lugar eles viram sinal de vida. Era como se os habitantes de Céllica simplesmente tivessem desaparecido da face da Terra.

— Eles podem ter desertado do posto da fronteira e até dos vilarejos — Gilan murmurou em determinado momento, quase para si mesmo —, mas

nunca conheci um celta que abandonaria uma mina enquanto restasse um grama de metal para ser extraído.

Finalmente, no meio da tarde, eles chegaram ao pico de uma montanha e ali, no vale que descia na frente deles, viram as fileiras bem-ordenadas de telhados de pedra que formavam o condado de Gwyntaleth. Uma pequena torre no centro da cidade indicava um templo. Os celtas seguiam uma religião única e particular que venerava os deuses do fogo e do ferro. Uma torre maior formava o principal ponto de defesa da cidade.

Eles estavam longe demais para perceber qualquer movimento de pessoas nas ruas, mas, como antes, não havia sinal de fumaça nas chaminés e, o que era ainda mais importante na opinião de Gilan, nenhum barulho.

— Barulho? — Horace perguntou. — Que tipo de barulho?

— Batidas, marteladas, tinidos — Gilan respondeu brevemente. — Lembre que os celtas extraem o minério de ferro e também forjam ele. Com a brisa soprando do sudeste como acontece agora, deveríamos ouvir as ferrarias em funcionamento, mesmo a esta distância.

— Bom, então vamos dar uma olhada — Will sugeriu e começou a impelir Puxão para a frente.

Gilan, contudo, o segurou.

— Acho que talvez eu deva ir na frente sozinho — ele disse devagar sem que os olhos deixassem a cidade no vale abaixo.

Will olhou para ele espantado.

— Sozinho? — perguntou, e Gilan assentiu.

— Ontem você percebeu que ficamos bem visíveis quando entramos em Pordellath. Talvez seja a hora de sermos um pouco mais cuidadosos. Alguma coisa está acontecendo, e eu gostaria de saber o que é.

Will teve que concordar que Gilan estava tomando uma atitude sensata ao ir sozinho. Afinal, ninguém sabia se mover sem ser visto melhor do que ele no Corpo de Arqueiros, e os arqueiros eram os melhores do reino nessa atividade.

Gilan fez sinal para que se afastassem do topo da montanha em que estavam parados e ficassem do outro lado, num ponto em que uma pequena vala formava um local de acampamento protegido do vento.

— Montem acampamento ali — ele disse. — Nada de fogueiras. Vamos ter que usar rações frias até sabermos o que está acontecendo. Devo estar de volta depois que escurecer.

E, dizendo isso, ele fez Blaze virar, passou trotando pelo cume da montanha e desceu a estrada que levava a Gwyntaleth.

Will e Horace levaram cerca de meia hora para arrumar o acampamento. Havia pouca coisa a fazer. Eles amarraram a lona em alguns arbustos ressecados que cresciam perto de uma parede de rochas da vala e prenderam a outra ponta com pedras. Pelo menos, havia muitas delas. A lona lhes dava uma cobertura triangular no caso de a chuva recomeçar. Depois, eles prepararam um local para acender fogo em frente ao abrigo. Gilan havia proibido fogueiras, mas, se ele voltasse no meio da noite e mudasse as ordens, eles já estariam preparados.

Foi necessário muito mais tempo para juntar lenha para fogueira. A única fonte real de gravetos eram os arbustos raquíticos que cobriam os lados das colinas. As raízes e os galhos dos arbustos eram duros, mas altamente inflamáveis. Os dois garotos cortaram um suprimento razoável, Horace usando a machadinha que levava na mochila, e Will, a sua faca de caça. Finalmente, depois que todas as tarefas domésticas tinham sido realizadas, eles se sentaram ao lado da fogueira apagada com as costas apoiadas nas rochas. Will gastou alguns minutos amolando a faca numa pedra, restaurando o corte.

— Sem dúvida, prefiro acampar em florestas — Horace disse e mudou pela décima vez a posição das costas apoiadas na rocha.

Will grunhiu em resposta. Mas Horace estava entediado e continuou falando, mais para ter alguma coisa para fazer do que por realmente querer conversar.

— Afinal, numa floresta a gente encontra muita lenha bem à mão. Ela praticamente cai das árvores em cima de você.

— Não enquanto você espera — Will discordou.

Ele também estava falando mais para passar o tempo do que por qualquer outra coisa.

— Não. Não enquanto você espera. Normalmente, ela já está lá antes de você chegar — Horace continuou.

— Além disso, numa floresta você acha agulhas de pinheiro ou folhas no chão que servem para fazer uma cama macia. E têm troncos de árvores para se sentar e se recostar. E elas têm muito menos pontas afiadas do que as pedras.

Novamente, ele mexeu as costas para um ponto temporariamente mais confortável. Olhou para Will, esperando que o aprendiz de arqueiro discordasse dele para então poderem discutir e passar o tempo. Will, contudo, apenas grunhiu novamente. Inspeccionou o fio da faca e a aguardou na bainha. Desconfortável, endireitou o corpo, tirou o cinturão que carregava a faca e o dobrou sobre a mochila junto com o arco e a aljava. Então se deitou com a cabeça pousada numa pedra achatada e fechou os olhos, pois a noite

maldormida o tinha deixado esgotado e desanimado.

Horace suspirou, pegou a espada e começou a afiá-la, o que era desnecessário, pois já estava extremamente afiada. Mas era alguma coisa para fazer. Ele produzia um som irritante e olhava ocasionalmente para Will a fim de ver se o amigo estava dormindo. Por um momento, acreditou que sim, mas então o garoto menor se virou de repente, sentou-se e procurou a capa. Ele a enrolou, colocou-a na pedra chata que estava usando como travesseiro e voltou a se deitar.

— Você tem razão sobre as florestas — ele disse de mau humor. — Nelas têm lugares muito mais confortáveis para acampar.

Horace não respondeu. Ele chegou à conclusão de que sua espada estava bastante afiada, guardou-a no estojo untado com óleo e apoiou a arma embainhada na parede de rocha ao seu lado.

Ele observou Will outra vez enquanto tentava encontrar uma posição confortável. Por mais que se torcesse e se remexesse, sempre havia uma pedra ou uma ponta de rocha espetando suas costas. Cinco ou dez minutos se passaram, e então Horace finalmente disse:

— Quer treinar? Vai ajudar a passar o tempo.

Will abriu os olhos e pensou na ideia. Relutantemente, ele admitiu para si mesmo que nunca iria conseguir dormir naquele chão duro e pedregoso.

— Por que não?

Ele procurou suas armas de exercício na mochila e então se juntou a Horace na extremidade da barraca onde este desenhava um círculo no chão arenoso. Os dois meninos tomaram suas posições e, a um sinal de Horace, começaram.

Will estava melhorando, mas Horace definitivamente era o mestre nesse exercício. Will não pôde deixar de admirar a velocidade e o equilíbrio que o colega mostrou enquanto brandia a espada de madeira em uma série de movimentos atordoantes. Além disso, quando percebia que tinha derrubado a defesa de Will, evitava golpeá-lo no último instante. Em vez disso, apenas tocava levemente o ponto que o golpe teria atingido.

Ele não queria agir assim para mostrar superioridade. O treinamento com armas, mesmo que fossem de madeira, era uma parte importante da vida de Horace naqueles dias. Não era algo com que se exibir quando se era melhor do que o oponente. Horace já tinha aprendido muito bem no extenso treinamento na Escola de Guerra que nunca valia a pena subestimar um oponente.

Em vez disso, usava sua capacidade superior para ajudar Will, mostrando como prever golpes, ensinando as combinações básicas que todos os

espadachins usavam e a melhor forma de vencê-las.

E Will reconheceu aborrecido que saber como agir era uma coisa e que fazer era outra totalmente diferente. Ele percebeu o quanto o seu antigo inimigo tinha amadurecido e se perguntou se as mesmas mudanças eram visíveis nele. Achava que não. Ele não se sentia diferente e, sempre que se via num espelho, também não enxergava nenhuma mudança em sua imagem.

— A sua mão esquerda está indo muito para a frente — Horace destacou quando fizeram uma pausa.

— Eu sei — Will retrucou. — Fico esperando um golpe lateral e quero estar pronto para ele.

— Está bem, mas, se sua mão se adianta demais, fica fácil eu fingir que vou dar um golpe lateral e depois transformar ele num golpe por cima do ombro, entende?

Ele mostrou o movimento que estava descrevendo para Will, começando com a espada num amplo lance circular lateral. Então, com um poderoso movimento do pulso, levou-a para o alto e depois para baixo num forte golpe giratório. Ele parou a lâmina de madeira a alguns centímetros da cabeça de Will, e o aprendiz de arqueiro notou que o seu contragolpe teria chegado muito tarde.

— Às vezes acho que nunca vou aprender essas coisas — ele disse. Horace lhe deu um tapinha encorajador no ombro.

— Está brincando? Você está melhor a cada dia que passa. E além disso eu nunca conseguiria atirar essas facas como você faz.

Mesmo quando estavam na estrada, Gilan tinha insistido para que Will praticasse suas habilidades de arqueiro sempre que possível. Horace tinha ficado impressionado, para dizer o mínimo, quando viu o quanto o garoto menor tinha ficado competente. Várias vezes, tinha estremecido ao pensar no que poderia acontecer se tivesse que enfrentar um arqueiro como Will. Na opinião de Horace, sua precisão com o arco era incrível. Ele sabia que Will podia colocar flechas em todos os espaços de sua armadura se quisesse. Até mesmo na pequena abertura para os olhos de um capacete que cobria todo o rosto.

O que não lhe agradava era que a precisão de Will estivesse apenas dentro da média no que se referia aos padrões dos arqueiros.

— Vamos treinar outra vez — Will sugeriu cansado. Mas outra voz os interrompeu.

— Não vamos, não, garotinhos. Vamos largar essas armas afiadas e ficar muito quietos, certo?

Os dois aprendizes se viraram ao ouvir essas palavras. Ali, na boca da

pequena vala semicircular onde tinham montado acampamento, estavam duas figuras de aspecto esfarrapado. Ambas tinham barbas compridas e descuidadas e usavam uma estranha mistura de roupas: algumas delas rasgadas e surradas, outras novas e obviamente muito caras. O mais alto usava um colete de cetim ricamente bordado, mas coberto por uma grossa camada de sujeira. O outro usava um chapéu escarlate no qual estava espetada uma pena enlameada. Ele também levava, na mão envolta numa atadura suja, um bastão de madeira em cuja ponta havia um prego de ferro. Seu companheiro carregava uma espada comprida, com as bordas denteadas e marcadas, e a agitava na direção dos dois garotos.

— Vamos, meninos. Varas afiadas são perigosas para gente como vocês — ele disse, soltando um riso rouco e gutural.

A mão de Will caiu automaticamente na direção da faca de caça, mas ele nada encontrou. Com uma sensação de desânimo, lembrou que o cinturão, o arco e a aljava estavam caprichosamente empilhados do outro lado da fogueira, onde ele tinha se sentado. Os dois intrusos iriam impedi-lo de chegar lá, e ele se amaldiçoou por sua falta de cuidado.

Halt ficaria furioso. Então, olhando para a espada e o bastão, percebeu que o aborrecimento de Halt seria a menor de suas preocupações.



Will sentiu a mão de Horace no ombro quando o garoto maior começou a puxá-lo para trás, para longe dos dois bandidos.

— Se afaste, Will — Horace disse baixinho. O homem com o bastão riu.

— Sim, Will, se afaste. Fique longe daquele pequeno arco desagradável que estou vendo ali. Nós não queremos saber de arcos, queremos, Carney?

— Não queremos, Bart, não mesmo — Carney respondeu e sorriu para o companheiro.

Ele olhou com cara feia para os dois garotos.

— Não mandamos vocês soltarem esses pedaços de pau? — ele perguntou com uma voz aguda e num tom muito desagradável.

Juntos, os dois homens começaram a avançar pela clareira.

Horace apertou Will com mais força e o puxou para o lado, fazendo-o se estatelar no chão. Quando caiu, ele viu Horace se virar para as pedras atrás dele e agarrar a espada. Ele a agitou uma vez, e o estojo escorregou pela lâmina. Só a tranquilidade do movimento deveria ter mostrado a Bart e Carney que estavam enfrentando alguém que sabia muito bem lidar com armas. Mas nenhum deles era especialmente inteligente. Eles simplesmente viam um garoto de 16 anos. Um garoto grande, talvez, mas um garoto. Uma criança, na verdade, com uma arma de gente grande na mão.

— Ah, que coisa — Carney gemeu. — Nós pegamos a espada do papai?

Horace o olhou, ficando muito calmo de repente.

— Eu vou lhe dar mais uma chance de se virar e ir embora agora — ele avisou.

Bart e Carney trocaram olhares zombeteiros de medo.

— Ah, meu Deus — Carney gemeu. — É a nossa única chance. O que vamos fazer?

— Oh, Deus! — Bart repetiu. — Vamos fugir.

Eles começaram a avançar na direção de Horace, que os observou se aproximarem. Estava com o bastão de exercício na mão esquerda e a espada na direita. Ele enrijeceu o corpo e se equilibrou nos calcanhares enquanto os dois

iam chegando mais perto. Carney com a espada enferrujada de lâmina entrecortada balançando à sua frente e Bart com o porrete apoiado no ombro, pronto para ser usado.

Will se levantou com esforço e começou a se mover na direção de suas armas. Ao perceber o movimento,

Carney se virou para impedi-lo. Ele não tinha dado nem mesmo o primeiro passo quando Horace atacou.

O garoto disparou para a frente, e a espada passou como um relâmpago num golpe por cima da cabeça do bandido. Espantado com a velocidade do movimento do aprendiz de guerreiro, Carney mal teve tempo de levantar a própria lâmina num ataque desajeitado. Perdendo o equilíbrio e totalmente despreparado diante da força e autoridade surpreendente do golpe, ele tropeçou para trás e caiu estendido na poeira.

No mesmo momento, Bart, ao ver o companheiro em dificuldades, deu um passo à frente e agitou o pesado porrete num perverso movimento circular em direção ao desprotegido lado esquerdo de Horace. Ele imaginava que o garoto fosse saltar para trás para evitar o ataque. Em vez disso, o aprendiz avançou, fazendo o bastão de exercício saltar para cima e para fora, apanhando o pesado porrete no meio e fazendo que se afastasse do alvo pretendido. A cabeça do porrete fez um barulho surdo ao bater no chão pedregoso, e Bart soltou um gemido de surpresa ao sentir seu braço inteiro estremecer com a força do impacto.

Mas Horace ainda não tinha terminado. Continuou a avançar e agora ele e Bart estavam ombro a ombro. O bandido estava perto demais para que Horace pudesse usar a lâmina da espada. Em vez disso, girou o punho direito e bateu o pesado cabo de bronze da arma no lado da cabeça de Bart.

O olhar do bandido ficou vidrado, e ele caiu de joelhos semi-inconsciente, com a cabeça balançando levemente de um lado para outro.

Carney, patinando furiosamente para trás na areia, tinha recuperado o equilíbrio e observava os movimentos de Horace. Estava espantado e zangado. Não entendia como ele e o companheiro tinham sido derrubados por um simples garoto. “Sorte”, ele pensou. “Sorte simples e idiota!”

Seus lábios se entreabriram num rosnado, e ele agarrou a espada com força, avançando mais uma vez na direção do menino, ameaçando-o e amaldiçoando-o. Horace se manteve firme e esperou. Algo no olhar calmo do garoto fez Carney hesitar. Ele deveria ter seguido seus primeiros instintos e desistido de lutar naquele momento. Mas a raiva foi mais forte e ele recomeçou a avançar.

Naquele momento, o homem não estava prestando atenção em Will. O aprendiz de arqueiro disparou em volta do acampamento, agarrou o arco e a aljava e apressadamente o apoiou contra o pé esquerdo, segurando-o com o direito para prender o arco a fim de amarrar a corda no entalhe.

Rapidamente, escolheu uma flecha e a ajustou à corda. Estava prestes a puxá-la quando ouviu uma voz calma atrás dele.

— Não atire nele. Eu prefiro ver isso.

Perplexo, ele se virou e viu Gilan, quase invisível entre as dobras da capa de arqueiro, aparentando indiferença apoiado no seu longo arco.

— Gilan! — ele exclamou, mas o arqueiro pediu silêncio.

— Deixe o Horace continuar — disse baixinho. — Ele vai ficar bem se nós não o distrairmos.

— Mas... — Will falou desesperado e olhou para o amigo que enfrentava um homem adulto muito zangado.

Percebendo a preocupação, Gilan se apressou em tranquilizá-lo.

— Horace vai dar um jeito nele — afirmou. — Você sabe que ele é mesmo muito bom. Um espadachim nato, se é que já vi um. Esse movimento com o bastão de exercício e o golpe com o punho da espada foram verdadeira poesia. Uma improvisação maravilhosa!

Will balançou a cabeça admirado e se virou para ver a luta. Agora, Carney atacava, investindo com uma fúria cega e um poder aterrorizante. Aos poucos, Horace recuava diante dele, agitando a espada em pequenos movimentos semicirculares que bloqueavam todos os cortes, investidas e ataques, fazendo o pulso e o cotovelo de Carney estremecerem com a força e a impenetrabilidade de sua defesa. Durante todo o tempo, Gilan sussurrava comentários de aprovação ao lado de Will.

— Bom, garoto! — ele disse. — Você está vendo como ele deixa o outro dar o primeiro passo? Como ele faz o outro acreditar que é muito habilidoso? Ou o contrário. Meu Deus, a coordenação daquele movimento de defesa está simplesmente perfeita! Olhe aquilo! E aquilo! Fantástico!

Agora, aparentemente Horace tinha resolvido não recuar mais. Continuou a se desviar de todos os golpes de Carney com evidente facilidade e se manteve firme, deixando o bandido gastar suas forças como o mar quando bate nas rochas. Os golpes de Carney ficavam cada vez mais lentos e imperfeitos. O braço dele estava começando a doer por causa do esforço de empunhar a espada longa e pesada. Na verdade, estava mais acostumado a usar a faca nas costas de quase todos os seus oponentes e não esperava que aquela luta passasse de um ou dois golpes devastadores para derrubar a defesa do garoto.

antes de matá-lo. Mas seus ataques mais perigosos tinham sido desviados com evidente desprezo.

Ele balançou outra vez e perdeu o equilíbrio. Horace fez sua lâmina bater na do oponente, envolvendo-a num movimento circular e prendendo-a, e depois a deixou deslizar até que as duas cruzetas ficassem engatadas.

Eles ficaram parados ali, olho no olho, o peito de Carney subindo e descendo, Horace absolutamente calmo e no controle. A primeira onda de medo se instalou no estômago do bandido quando percebeu que tinha sido irremediavelmente vencido naquela luta independentemente do fato de seu oponente ser apenas um menino.

E, nesse momento, Horace começou a atacar.

Ele empurrou o peito de Carney com o ombro, separando as lâminas e fazendo o bandido cambalear para trás. Então, com calma, avançou, agitando a espada em combinações desconcertantes e apavorantes. Golpes laterais e por cima. Lateral, lateral, cortada à esquerda, ataque. Lateral, lateral, cortada à esquerda, cortada por cima. Ataque. Ataque. Ataque. Cortada para a frente, para trás. Uma combinação se transformava suavemente em outra, e Carney lutava desesperadamente para colocar sua lâmina entre seu corpo e a espada implacável que parecia viva e dona de uma energia interminável. Ele sentiu o pulso e o braço cansados. Os golpes de Horace ficavam cada vez mais fortes e firmes até que, finalmente, com um último tinido surdo, Horace simplesmente arrancou a espada da mão entorpecida.

Carney caiu de joelhos com o suor escorrendo para dentro dos olhos, o peito se movimentando com esforço, esperando o golpe final que poria fim a tudo.

— Não mate ele, Horace! — Gilan gritou. — Quero fazer umas perguntas.

Surpreso, Horace viu o alto arqueiro e deu de ombros. Não era mesmo o tipo que matava um oponente a sangue-frio. Jogou a espada para o lado, colocando-a fora de alcance. Então, com a bota no ombro do bandido derrotado, empurrou-o para o chão, fazendo-o cair de lado.

Carney ficou deitado, soluçando, incapaz de se mover. Aterrorizado. Exausto. Física e mentalmente derrotado.

— De onde você veio? — Horace perguntou furioso a Gilan. — E por que não me ajudou?

— Pelo que vi, não me pareceu que você precisasse de ajuda — Gilan retrucou, sorrindo e mostrando Bart, atrás de Horace, com um gesto.

O bandido Bart estava se levantando devagar, balançando a cabeça, pois o

efeito do golpe do cabo da espada começava a passar.

— Acho que seu outro amigo precisa de um pouco de atenção — ele sugeriu.

Horace se virou e levantou a espada casualmente, batendo a lateral da lâmina no crânio de Bart. Ele deu outro leve gemido e caiu de cara no chão.

— Ainda acho que você devia ter dito alguma coisa.

— Eu teria feito isso se você estivesse com problemas — Gilan garantiu.

Então ele atravessou a clareira e se aproximou de Carney. Levantou o bandido pelo braço, obrigou-o a ficar de pé, arrastou-o pela clareira e o jogou, sem delicadeza, contra uma rocha. Quando Carney começou a cair para a frente, ouviu-se um raspar de aço sobre couro, e a faca de Gilan apareceu em sua garganta, fazendo que o bandido ficasse com o corpo ereto.

— Então esses dois apanharam vocês cochilando?

— Gilan perguntou para Will.

Os garotos concordaram envergonhados.

— Desde quando você está aqui? — Will perguntou depois que assimilou a importância do comentário.

— Desde que eles chegaram — Gilan contou. — Eu não tinha ido muito longe quando vi os dois se esgueirando entre as rochas. Assim deixei Blaze e voltei para cá atrás deles. Era óbvio que não tinham boas intenções.

— Por que não disse nada? — Will perguntou incrédulo. Por um momento, o olhar de Gilan se endureceu.

— Porque vocês precisavam de uma lição. Estão num território perigoso, parece que a população desapareceu misteriosamente, e vocês ficam aí fazendo exercícios com a espada para que todo mundo veja e escute.

— Mas... — Will balbuciou. — Achei que devíamos praticar.

— Não quando não há mais ninguém para ficar de olho no que está acontecendo — Gilan ressaltou com sensatez. — Quando se começa a treinar desse jeito, fica-se totalmente concentrado nisso. Esses dois fizeram barulho suficiente para chamar a atenção de uma vovó surda. Puxão até avisou você duas vezes e você não percebeu.

— É mesmo? — Will respondeu muito desconcertado.

Gilan olhou Will nos olhos até ter certeza de que a lição tinha sido aprendida. Então mostrou com um gesto que o assunto estava encerrado. Certo de que aquilo não iria acontecer outra vez, Will também balançou a cabeça.

— Agora — Gilan disse — vamos descobrir o que essas duas belezinhas sabem sobre o preço do carvão.

Ele se virou para Carney, que estava vesgo tentando enxergar a faca que

espetava seu pescoço.

— Há quanto tempo vocês estão em Célitica? — Gilan perguntou.

Carney olhou para ele e outra vez para a faca pesada.

— Da... de... dez ou onze dias, meu senhor — ele gaguejou.

— Não me chame de “meu senhor” — Gilan retrucou com um ar impaciente virando-se então para os dois garotos. — Essa gente sempre tenta agradar quando percebe que está em dificuldades — ele olhou para Carney.

— O que estão fazendo aqui?

Carney hesitou e evitou o olhar direto de Gilan, de modo que o arqueiro soube que ele ia mentir mesmo antes que o bandido falasse.

— Só... queria conhecer a região, meu... — ele parou, pois se lembrou no último instante da instrução de não falar “meu senhor”.

Gilan suspirou exasperado.

— Olhe, eu gostaria de cortar sua cabeça aqui e agora. Duvido mesmo que tenha alguma coisa útil para me contar. Mas vou lhe dar uma última chance. Agora, DIGA A VERDADE!

Ele gritou as últimas palavras zangado e com o rosto a apenas alguns centímetros do de Carney. A repentina mudança nos modos suaves e divertidos que vinha usando assustou o bandido. Apenas por alguns segundos, Gilan deixou que seu escudo de bondade escorregasse e que Carney enxergasse a raiva intensa imediatamente debaixo da superfície. No mesmo instante, ele sentiu medo. Como a maioria das pessoas, ficava nervoso perto de um arqueiro. Não era nada bom deixar um arqueiro zangado. E esse parecia muito, muito zangado.

— Ouvimos dizer que havia coisa boa por aqui! — ele respondeu imediatamente.

— Coisa boa? — Gilan repetiu, e Carney assentiu com um gesto de cabeça obediente, soltando totalmente a língua.

— Todas as vilas e cidades desertas. Ninguém para vigiar nada, e todos os bens jogados pelos cantos para pegarmos à vontade. Mas não prejudicamos ninguém — ele concluiu na defensiva.

— Ah, não, não prejudicam. Vocês só entraram quando as pessoas não estavam e roubaram tudo o que elas possuíam de valor — Gilan completou. — Acho que ficaram até agradecidas pela sua contribuição.

— Foi ideia de Bart, não minha — Carney tentou justificar, e Gilan balançou a cabeça com tristeza.

— Gilan? — Will chamou, e o arqueiro se virou para olhar para ele. — Como eles ficaram sabendo que as cidades estavam desertas? Nós não ouvimos

nada.

— É a rede de informações dos ladrões — Gilan informou para os garotos. — É desse jeito que os urubus se reúnem sempre que um animal está morrendo. A rede de inteligência entre ladrões, bandidos e salteadores é incrivelmente grande. Assim que um lugar enfrenta dificuldades, a notícia se espalha como um rastilho de pólvora e eles surgem de todos os lados. Tenho a impressão de que há muitos mais nestas colinas.

Ele se virou para Carney, apertando a faca com mais força na carne de seu pescoço, só cuidando para não tirar sangue.

— Não é mesmo? — ele indagou. Carney ia assentir com a cabeça, mas percebeu o que aconteceria se mexesse o pescoço e engoliu em seco.

— Sim, senhor — ele sussurrou.

— E devo imaginar que você tem uma caverna em algum lugar, ou algum túnel de mina deserta, onde escondeu o que roubou até agora?

Gilan aliviou a pressão da faca e desta vez Carney pôde responder com um gesto da cabeça. Os dedos do bandido foram até a bolsa que carregava no cinto, mas pararam quando percebeu o que estava fazendo. Entretanto, Gilan tinha visto o movimento e, com a mão livre, abriu a bolsa com irritação e remexeu em seu interior até que finalmente tirou uma folha de papel suja dobrada em quatro. Ele a passou para Will.

— Dê uma olhada — ele pediu, e Will desdobrou o papel revelando um mapa mal desenhado que mostrava pontos de referência, instruções e distâncias.

— Pelo que parece, eles enterraram o produto do roubo — o garoto disse, e Gilan assentiu com um leve sorriso.

— Ótimo. Então, sem o mapa, não vão poder encontrar ele de novo — retrucou, e Carney arregalou os olhos em sinal de protesto.

— Mas esse é o nosso... — ele começou e parou quando viu o brilho perigoso no olhar de Gilan.

— Foi roubado — o arqueiro afirmou em voz muito baixa. — Vocês se esgueiraram como chacais e roubaram de pessoas que estão em grandes dificuldades, isso é evidente. Não é de vocês. É delas. Ou de suas famílias, se ainda estiverem vivas.

— Elas ainda estão vivas — disse uma nova voz atrás deles. — Elas fugiram de Morgarath... As que ele ainda não capturou.



Se ela não tivesse falado, eles a teriam tomado por um garoto. Foi a voz suave que revelou quem era. Estava parada na beira do acampamento, um vulto magro com cabelos loiros curtos, como os de um menino, vestindo uma túnica esfarrapada, calças e botas de couro macio amarradas até os joelhos. Um colete de pele de carneiro manchado e rasgado parecia ser sua única proteção contra as noites frias da montanha, pois ela não tinha nenhum casaco e não levava cobertores. Apenas uma pequena bandana amarrada como uma trouxa que, possivelmente, continha todos os seus pertences.

— De onde diabos você apareceu? — Gilan perguntou virando-se para observá-la.

Ele guardou a faca e permitiu que Carney caísse de joelhos, exausto e agradecido.

A garota, que Will agora via ter aproximadamente a sua idade e que debaixo de uma grossa camada de sujeira também era extremamente bonita, fez um gesto vago.

— Ah... — ela fez uma pausa hesitante, tentando raciocinar, e Will percebeu que estava muito cansada.

Estou escondida nas colinas há várias semanas — disse finalmente.

Will teve que admitir que a aparência dela mostrava que estava dizendo a verdade.

— Como você se chama? — Gilan perguntou com certa suavidade.

Ele também viu que a garota estava exausta.

Ela hesitou parecendo não saber se deveria revelar o nome.

— Evanlyn Wheeler, do Feudo Greenfield — ela contou. Greenfield era um pequeno feudo da costa de A-raluen. — Estávamos aqui visitando amigos... — ela parou e desviou o olhar de Gilan.

A garota pareceu pensar por um instante antes de corrigir a frase.

— Na verdade, minha patroa estava visitando amigos quando os Wargals atacaram.

— Wargals? — Will repetiu inquieto, o que fez a moça colocar nele seu

par de brilhantes olhos verdes.

Ao encará-los, Will percebeu que a moça era mais que bonita. Ela era maravilhosa. Os lindos cabelos loiros e olhos verdes eram completados por um nariz pequeno e reto e uma boca carnuda que Will achou que ficaria deliciosa se ela estivesse sorrindo. Mas naquele exato momento sorrir não estava nos planos da menina. Ela levantou os ombros tristemente quando respondeu.

— Aonde você acha que todas as pessoas foram?

— ela perguntou. — Os Wargals têm atacado cidades e vilas em toda esta região de Céltica, há semanas. Os celtas não conseguiram enfrentá-los. Foram expulsos de suas casas. A maioria fugiu para a península do sudoeste, mas alguns foram capturados. Não sei o que aconteceu com eles.

Gilan e os dois garotos se entreolharam. Bem lá no fundo, vinham esperando ouvir alguma coisa parecida. Agora, era um fato.

— Achei que a mão de Morgarath estava atrás disso tudo — Gilan disse devagar, e a garota concordou com lágrimas nos olhos.

Uma delas escorreu pela face marcando seu trajeto na sujeira que a cobria. Ela pôs uma das mãos nos olhos, e seus ombros começaram a sacudir. Rapidamente, Gilan se aproximou e a segurou exatamente antes que ela caísse. Ele a abaixou delicadamente até o chão e a recostou em uma das pedras que os garotos tinham arrumado em volta da fogueira. Sua voz era suave e piedosa.

— Está tudo bem — ele a consolou. — Agora você está em segurança. Descanse um pouco, vamos dar alguma coisa para você comer e beber.

Ele olhou rapidamente para Horace.

— Acenda uma fogueira bem pequena. Estamos mais ou menos protegidos aqui e acho que podemos correr esse risco. E, Will — ele acrescentou, erguendo a voz para ser ouvido com clareza —, se esse bandido fizer outro movimento para fugir, você dá uma flechada na perna dele?

Carney, que tinha aproveitado a oportunidade da repentina chegada de Evanlyn para começar a rastejar em silêncio na direção das pedras, ficou paralisado onde estava. Gilan o olhou furioso e então reviu as ordens.

— Pensando melhor, você acende o fogo, Will. Horace, amarre esses dois.

Os dois garotos se moveram rapidamente para realizar as tarefas recebidas. Satisfeito por ver tudo sob controle, Gilan tirou a capa e a colocou em volta da menina. Ela tinha coberto o rosto com as duas mãos e seus ombros ainda tremiam, embora ela não fizesse nenhum ruído. Ele a abraçou e, murmurando com suavidade, garantiu mais uma vez que ela estava em segurança.

Aos poucos, os soluços silenciosos e atormentados diminuíram e a respiração da menina ficou mais tranquila. Will, ocupado em aquecer uma panela de água para uma bebida quente, olhou para ela um tanto surpreso quando percebeu que tinha adormecido.

— É óbvio que ela tem passado por maus bocados — Gilan disse em voz baixa depois de pedir silêncio. — É melhor deixar ela dormir. Você pode preparar um daqueles ótimos cozidos que Halt lhe ensinou a fazer.

Em sua mochila, Will levava vários ingredientes desidratados que, quando colocados na água e fervidos, resultavam em cozidos deliciosos. Eles podiam ser aumentados com qualquer tipo de carne fresca e legumes que os viajantes apanhavam ao longo do caminho, mas, mesmo sem eles, formavam uma refeição muito mais saborosa do que as rações frias que os três tinham comido naquele dia.

Ele colocou uma grande vasilha de água no fogo e logo havia um delicioso cozido de carne fervendo e enchendo o ar frio da noite com seu aroma. Ao mesmo tempo, procurou a reduzida porção de café que levavam e colocou uma panela esmaltada cheia de água sobre as brasas quentes ao lado do fogo maior. Quando a água borbulhou e sibilou no ponto de fervura, ele levantou a tampa com uma vara bifurcada e jogou um punhado de grãos no interior. Logo, o aroma perfumado de café fresco se misturou com o do cozido, e todos ficaram com água na boca. Mais ou menos ao mesmo tempo, os deliciosos cheiros devem ter penetrado na consciência de Evanlyn. O nariz dela se retorceu delicadamente e os fantásticos olhos verdes se abriram. Por um ou dois segundos, eles se mostraram assustados, enquanto ela tentava lembrar onde estava. Ao ver o rosto tranquilizador de Gilan, ela relaxou um pouco.

— Tem alguma coisa cheirando muito bem — ela disse, e Gilan sorriu.

— Por que você não experimenta uma tigela do nosso cozido e depois nos conta o que tem acontecido nesta região?

Ele fez sinal para que Will enchesse a tigela esmaltada com um pouco de cozido. Era a tigela de Will, pois eles não tinham utensílios de reserva. O estômago dele roncou quando percebeu que teria que esperar até que Evanlyn terminasse para poder comer. Horace e Gilan simplesmente se serviram.

Evanlyn engoliu a saborosa refeição com um entusiasmo que mostrava que ela não comia há dias. Gilan e Horace também se puseram a comer com satisfação. Uma voz chorosa veio da parede rochosa na outra extremidade, onde Horace tinha amarrado os dois bandidos sentados de costas um para o outro.

— Podemos comer alguma coisa, senhor? — Carney perguntou. Gilan mal parou entre uma colherada e outra e olhou para eles com desdém.

— É claro que não — respondeu voltando a desfrutar o jantar. Evanlyn percebeu que, fora os bandidos, somente Will não estava comendo. Ela olhou para o prato e a colher que estava segurando, olhou para os objetos semelhantes usados por Gilan e Horace e se deu conta do que tinha acontecido.

— Ah — ela disse olhando com ar de arrependimento para Will —, você gostaria de...? — ela ofereceu o prato esmaltado para ele.

Will ficou tentado em dividi-lo, mas percebeu que ela devia estar praticamente morrendo de fome. Apesar da oferta, sentiu que a moça esperava que recusasse. Will concluiu que havia uma diferença entre estar com fome, o que era o caso dele, e morrendo de fome, que era o caso dela, e balançou a cabeça sorrindo.

— Pode comer à vontade — ele disse. — Vou comer depois que você terminar.

Ele ficou um pouco desapontado quando ela não insistiu e voltou a engolir grandes colheradas do cozido, parando de vez em quando para um grande gole do café recém-coado. Enquanto ela comia, parecia que um pouco de cor voltava às suas faces. Ela limpou o prato e olhou ansiosamente para a panela que ainda pendia sobre o fogo. Will entendeu a deixa e serviu outra porção generosa de cozido para ela, e Evanlyn recomeçou a comer, mal parando para respirar. Desta vez, quando o prato ficou vazio, ela sorriu timidamente e o devolveu para Will.

— Obrigada — ela disse simplesmente, e ele inclinou a cabeça sem jeito.

— Tudo bem — ele murmurou enchendo o prato outra vez para si mesmo. — Você devia estar com muita fome.

— Estava, sim — ela concordou. — Acho que não comia direito há uma semana.

Gilan se ajeitou numa posição mais confortável junto da pequena fogueira.

— Por que não? — ele perguntou. — Acho que ficou muita comida nas casas. Você não podia pegar alguma coisa?

Ela balançou a cabeça negativamente, e seus olhos mostraram o medo que a tinha dominado nas semanas anteriores.

— Eu não quis arriscar — contou. — Não sabia se havia outras patrulhas de Morgarath na região, então não tive coragem de entrar nas cidades. Encontrei alguns legumes e um pedaço de queijo numa das fazendas, mas muito pouca coisa além disso.

— Acho que agora você pode nos contar o que sabe sobre o que aconteceu aqui — Gilan pediu, e ela concordou com um gesto de cabeça.

— Não que eu saiba muita coisa. Como eu disse, estava aqui com... minha patroa, visitando... amigos.

Novamente, houve uma ligeira hesitação em suas palavras.

Percebendo o fato, Gilan franziu um pouco a testa.

— Suponho que a sua patroa faça parte da nobreza. A mulher de um cavaleiro ou talvez de um lorde?

— Ela é filha de... lorde e lady Caramon, do Feudo Greenfield — ela disse depressa.

Mas outra vez houve uma leve hesitação. Gilan apertou os lábios pensativo.

— Já ouvi esses nomes — ele disse. — Mas acho que não os conheço.

— Seja como for, ela estava aqui visitando uma senhora da corte do rei Swyddned, uma velha amiga, quando as forças de Morgarath atacaram.

— Como eles conseguiram isso? — ele perguntou franzindo a testa mais uma vez. — É impossível atravessar os penhascos e a fenda. Não se pode fazer que um exército desça os rochedos, muito menos que passe sozinho pelo desfiladeiro.

Os penhascos se erguiam do lado extremo da fenda, formando a fronteira entre Céltica e as Montanhas da Chuva e da Noite. Eles eram feitos de puro granito e tinham vários metros de altura. Não havia passagens, não havia como subir ou descer, certamente não para um grande número de soldados.

— Halt diz que não existe lugar impossível de atravessar — Will argumentou. — Especialmente se você não se importa em perder vidas na tentativa.

— Encontramos um pequeno grupo de celtas que fugiam para o sul — a menina contou. — Eles nos disseram que os Wargals conseguiram. Eles usaram cordas e escadas para escalada e desceram os penhascos à noite, em pequenos grupos. Encontraram saliências estreitas, então usaram as escadas para atravessar a fenda. Eles escolheram o ponto mais distante que puderam encontrar e assim passaram sem ser vistos. Durante o dia, os que já tinham atravessado a fenda se esconderam entre as rochas e vales até que toda a tropa estivesse reunida. Não precisavam de muitos soldados, pois o rei Swyddned não mantinha um grande exército na corte.

Gilan soltou um gemido de desaprovação e olhou para Will.

— Pois deveria manter. O tratado obriga ele a fazer isso. Você se lembra do que falamos sobre as pessoas ficarem mais tolerantes? Os celtas preferem cavar seu solo a defender ele.

Ele fez um gesto para que a garota continuasse.

— Os Wargals invadiram o interior e se concentraram nas minas em especial. Por algum motivo, queriam os mineiros vivos. Todos os outros foram mortos.

— Pordellath e Gwyntaleth estão totalmente desertas — ele contou. Você tem ideia do lugar para onde as pessoas possam ter ido?

— Muitas pessoas das cidades fugiram — ela respondeu. — Todas foram para o sul. Parece que os Wargals fizeram que fossem nessa direção.

— Acho que faz sentido — Gilan comentou. — Manter elas agrupadas no sul evita que a notícia se espalhe por Araluen.

— Foi o que o capitão de nosso grupo disse — Evanlyn concordou. — O rei Swyddned e a maior parte dos sobreviventes de seu exército recuaram para a costa sudoeste para formar uma linha de defesa. Os celtas que conseguissem fugir dos Wargals se encontrariam com ele lá.

— E você? — Gilan indagou.

— Estávamos tentando escapar para a fronteira quando fomos bloqueados por um grupo de combate — ela explicou. — Nossos homens os mantiveram afastados enquanto minha senhora e eu escapamos. Estávamos quase livres quando o cavalo dela tropeçou, e eles a apanharam. Eu quis voltar para ajudá-la, mas ela gritou para que eu fugisse. Não pude... eu quis ajudá-la, mas... eu só...

Lágrimas começaram a escorrer outra vez. Ela parecia não notar e não tentou secá-las. Ficou apenas olhando em silêncio para o fogo enquanto o horror dos acontecimentos voltava à sua lembrança. Quando falou de novo, sua voz era quase inaudível.

— Consegui fugir e voltei para olhar. Eles estavam... eles estavam... vi quando eles... — a voz dela sumiu.

Gilan se inclinou e apanhou a mão dela.

— Não pense nisso — ele disse com delicadeza, e ela olhou para ele com gratidão. — Acho que depois... disso... você fugiu para as colinas?

Ela fez que sim várias vezes. As lembranças das cenas terríveis ainda estavam bastante vivas. Will e Horace estavam sentados em silêncio. Will se virou para o amigo, e os dois trocaram um olhar de compreensão. Evanlyn tinha tido sorte em escapar.

— Estou me escondendo desde então — ela contou em voz baixa. — Meu cavalo começou a mancar há dez dias e eu o soltei. Por isso, tenho andado na direção do norte durante a noite e me escondido de dia.

Ela apontou para Bart e Carney, amarrados como dois frangos cativos do outro lado da clareira.

— Vi esses dois algumas vezes e outros como eles. Mas não deixei que me vissem. Achei que não podia confiar neles.

Carney mostrou uma expressão magoada. Bart ainda estava tonto demais por causa da pancada que Horace tinha lhe dado com a lateral da espada, por isso não se interessou no que estava acontecendo.

— Então vi vocês três hoje cedo do outro lado do vale e reconheci você como um dos arqueiros do rei... Bem, na verdade, dois de vocês — ela corrigiu. — E não pude fazer outra coisa senão agradecer a Deus.

Gilan olhou preocupado para ela quando disse isso. Ela não percebeu a reação e continuou a falar.

— Levei quase o dia todo para alcançar vocês. Não era assim tão longe, mas não havia um caminho para atravessar o vale. Tive que dar uma volta enorme, subir e descer as colinas e me apavorei ao pensar que vocês talvez não estivessem mais aqui quando eu chegasse. Mas, felizmente, vocês estavam — ela acrescentou sem necessidade.

Will estava inclinado para a frente, o cotovelo no joelho e a mão sustentando o queixo, tentando assimilar tudo o que ela tinha contado.

— Por que Morgarath ia querer mineiros? — ele perguntou a quem quisesse responder. — Ele não tem minas, portanto isso não faz sentido.

— Será que encontrou alguma? — Horace sugeriu.

— Talvez tenha encontrado ouro nas Montanhas da Chuva e da Noite e precise de escravos para explorar elas.

Gilan mordiscava a unha do polegar pensando no que Horace tinha dito.

— Pode ser — ele falou finalmente. — Vai precisar de ouro para pagar os escandinavos. Talvez esteja extraíndo o próprio ouro.

Evanlyn se sentou com o corpo ereto ao ouvir falar dos lobos do mar.

— Escandinavos? — ela perguntou. — Agora eles são aliados de Morgarath?

— Eles estão preparando alguma coisa — Gilan afirmou. — Todo o reino está alerta. Nós estávamos trazendo mensagens de Duncan para o rei Swyddned.

— Vocês vão ter que ir para o sudoeste para encontrá-lo — Evanlyn declarou.

Will percebeu que ela se assustou um pouco ao ouvir o nome do rei Duncan.

— Mas duvido que ele deixe suas posições de defesa ali.

— Acho que isso é mais importante do que levar mensagens para Swyddned — Gilan disse. — Afinal, o principal motivo delas era avisar o rei

que Morgarath tinha entrado em ação. Acho que ele já sabe disso agora.

Ele se levantou, enquanto se espreguiçava e bocejava. Já estava totalmente escuro.

— Sugiro que tenhamos uma boa noite de sono e comecemos a viagem para o norte pela manhã. Vou montar guarda primeiro, então você pode ficar com minha capa, Evanlyn. Vou usar a de Will quando ele me substituir.

— Obrigada — a moça disse simplesmente, e todos os três entenderam que ela se não se referia apenas ao uso da capa.

Will e Horace foram cochilar junto do fogo enquanto Gilan apanhava o arco e ia até um monte de rochas que lhe dava uma boa visão da trilha que levava ao acampamento.

Enquanto Will ajudava Evanlyn a arrumar um lugar para dormir, ele ouviu a voz chorosa de Carney mais uma vez.

— Senhor, por favor, poderia afrouxar um pouco as cordas para passarmos a noite? Elas estão muito apertadas.

— Claro que não — Gilan retrucou indiferente. E então ele subiu nas rochas para assumir o primeiro turno da vigília.



Na manhã seguinte, eles se viram diante de um problema: o que fazer com Bart e Carney.

Amarrados de costas um para o outro e obrigados a ficar sentados eretos no chão pedregoso, os dois bandidos tinham passado uma noite extremamente desconfortável. A cada troca de turno, Gilan afrouxava as cordas por alguns minutos para que seus músculos pudessem relaxar um pouco e até cedeu e lhes deu um pouco de água e comida. Mas mesmo assim a experiência foi muito desagradável e ficou ainda pior porque não tinham ideia do que Gilan planejava fazer com eles pela manhã.

E, verdade seja dita, Gilan também não. Ele não tinha vontade de levá-los como prisioneiros. Eles só tinham quatro cavalos, se contassem o animal que vinha carregando seus equipamentos para acampar e que agora teria que levar também Evanlyn. Ele era da opinião de que a notícia sobre a invasão atordoante de Morgarath em Céltica deveria ser levada de volta para o rei Duncan o mais rápido possível e arrastar dois prisioneiros com eles a pé iria atrasá-los muito. Além disso, já estava pensando em partir a toda a velocidade e deixar que os outros três o seguissem em seu próprio ritmo. Ele sabia que o desajeitado pônei de carga nunca conseguiria acompanhar o veloz Blaze.

Assim, diante desses dois problemas, ficou sério enquanto se alimentava pela manhã, permitindo-se o luxo de uma segunda xícara de café de seu reduzido estoque. Ele ponderou que, se fosse na frente, seria o último café que tomaria por alguns dias. Depois de algum tempo, levantou a cabeça, encontrou o olhar de Will e chamou o garoto para perto de si.

— Estou pensando em ir na frente — ele disse em voz baixa. No mesmo momento, ele viu o olhar assustado de Will.

— Você quer dizer sozinho? — Will perguntou, e Gilan assentiu.

— Essas notícias são vitais, Will, e preciso levar elas para o rei Duncan o mais depressa possível. E, além do mais, isso significa que não vai haver reforços vindos de Céltica. Ele precisa saber disso.

— Mas... — Will hesitou.

Ele olhou ao redor do pequeno acampamento como se procurasse algum argumento para rebater a ideia de Gilan. A presença do alto arqueiro era reconfortante. Como Halt, ele sempre parecia saber qual a coisa certa a fazer. A ideia de que estava planejando deixá-los criava uma sensação próxima do pânico na mente de Will. Gilan reconheceu a insegurança que tomava conta do garoto. Ele se levantou e colocou a mão em seu ombro.

— Vamos andar um pouco — ele convidou e começou a se afastar do local do acampamento.

Blaze e Puxão olharam para eles curiosos quando os dois passaram e, ao perceber que não eram necessários, voltaram a pastar a vegetação rara.

— Sei que você está preocupado com o que aconteceu com aqueles quatro Wargals — Gilan disse.

Will parou de andar e olhou para ele.

— Halt contou para você? — ele indagou um tanto constrangido. Ele se perguntou o que Halt teria dito sobre seu comportamento.

Gilan assentiu sério.

— Claro que ele me contou. Will, você não tem nada do que se envergonhar, acredite.

— Mas, Gil, eu entrei em pânico. Esqueci todo o meu treinamento e...

Gilan levantou a mão para interromper a torrente de autorrecriação que sentiu que ia começar.

— Halt disse que você se manteve firme — Gilan afirmou com determinação.

Will se mexeu inquieto.

— Bom... acho que sim. Mas...

— Você sentiu medo, mas não fugiu, e isso não é covardia. É coragem. Essa é a maior forma de coragem que existe. Você não sentiu medo quando matou o Kal- kara?

— Claro — Will admitiu. — Mas aquilo foi diferente. Ele estava a 40 metros de distância e estava atacando sir Rodney.

— E o Wargal estava a 10 metros, correndo diretamente na sua direção. Grande diferença — Gilan terminou para ele.

— Foi Puxão que me salvou — Will falou ainda não convencido. Gilan se permitiu dar um sorriso.

— Talvez ele tenha pensado que valia a pena salvar você. É um cavalo esperto. E, embora Halt e eu não tenhamos a metade da esperteza de Puxão, achamos que você tem muito valor.

— Bom, tenho duvidado disso — Will retrucou.

Mas, pela primeira vez em algumas semanas, ele sentiu sua confiança aumentar um pouco.

— Pois não faça isso! — Gilan disse com vigor. — Insegurança é uma doença. E se ela foge ao controle toma conta de você. Aprenda com o que aconteceu com aqueles Wargals. Use a experiência para ficar mais forte.

Will pensou nas palavras de Gilan por alguns segundos. Em seguida, respirou fundo e endireitou os ombros.

— Está certo — ele disse. — O que quer que eu faça?

Gilan o observou por um momento. Havia uma nova determinação na atitude do garoto.

— Vou deixar você no comando — ele disse. — Não há mais motivo para continuar com a missão, então você deve me seguir até Araluen o mais depressa que puder.

— Até Redmont? — Will perguntou, e Gilan assentiu com um gesto.

— Nesse momento, o exército deve estar a caminho das Planícies de Uthal. É para lá que eu vou e é lá que Halt vai estar. Vamos dar uma olhada no mapa antes de eu partir e planejar o melhor caminho para você.

— E a garota? — Will perguntou. — Ela vai conosco ou devo deixar ela em algum lugar seguro depois que voltarmos para Araluen?

— Leve ela com você — Gilan sugeriu depois de pensar um pouco. — Talvez o rei e os conselheiros queiram interrogar ela um pouco mais. Ela vai estar no meio do exército de Araluen, portanto tão segura quanto em qualquer outro lugar.

Ele hesitou e então decidiu contar suas dúvidas para Will.

— Tem alguma coisa estranha sobre ela, Will — ele começou.

— Você acha que a história dela não está certa? — Will interrompeu.

— Ela hesita e para como se tivesse medo de contar alguma coisa para nós — outro pensamento lhe veio à mente, e ele baixou a voz instintivamente, apesar de não poderem ser ouvidos do acampamento.

— Você não acha que ela é uma espiã, acha?

— Nada tão dramático — Gilan respondeu. — Mas você lembra quando ela disse que nos viu e pensou que graças a Deus nós éramos arqueiros? Pessoas comuns não pensam desse jeito sobre nós. Somente os nobres ficam à vontade perto de arqueiros.

— Então você acha... — Will indagou sério.

Ele hesitou, pois não sabia o que Gilan pensava.

— Acho que ela pode ser a dama e ter assumido a identidade da criada.

— Então, por um lado, ela fica satisfeita ao encontrar arqueiros, mas não

confia o bastante em nós para nos dizer a verdade? Isso não faz sentido, Gil! — Will argumentou.

— Talvez não seja falta de confiança em nós — Gilan tornou dando de ombros. — Talvez ela tenha outros motivos para não contar quem realmente é. Não acho que isso seja um problema para você, apenas fique atento.

Eles se viraram e começaram a voltar para o acampamento.

— Não gosto de deixar você em apuros — Gilan disse. — Mas você não está exatamente desarmado. Tem seu arco e as facas e, claro, Horace está com você.

Will olhou para o musculoso aprendiz, que estava contando uma piada para Evanlyn. Quando ela atirou a cabeça para trás e riu, ele sentiu uma pontada de ciúme. Mas então se deu conta de que devia estar satisfeito por ter Horace em sua companhia.

— Ele não se saiu nada mal com aquela espada, não é mesmo? — Will comentou.

Gilan balançou a cabeça admirado.

— Eu nunca contaria isso para ele, pois não faz bem para um espadachim ter uma opinião exagerada sobre si mesmo, mas ele é muito melhor do que isso.

Ele olhou para Will.

— Isso não quer dizer que vocês devam procurar problemas. Ainda pode haver Wargals daqui até a fronteira, portanto viajem à noite e se escondam nas pedras durante o dia.

— Gil — Will chamou quando um pensamento estranho lhe veio à mente —, o que vamos fazer com esses dois?

Ele ergueu o polegar na direção dos dois bandidos, ainda amarrados juntos de costas, ainda tentando cochilar e ainda sacudindo um ao outro sempre que um deles pegava no sono.

— Essa é a questão, não é? — disse o arqueiro. — Acho que eu poderia enforcar eles. Tenho autoridade para isso. Afinal, tentaram interferir no trabalho de oficiais do rei. E estão roubando em tempo de guerra. São dois crimes capitais.

Ele deu uma olhada nas colinas pedregosas que os cercavam.

— A questão é se realmente posso fazer isso aqui — murmurou.

— Você quer dizer — Will disse sem gostar do que o amigo estava pensando — que talvez não tenha autoridade para enforcar eles porque não estamos no nosso reino?

— Não tinha pensado nisso — Gilan respondeu e riu. — Eu estava mesmo pensando que seria um pouco difícil fazer isso num lugar onde não há

árvores com mais de 1 metro de altura num raio de 100 quilômetros.

Will soltou um pequeno suspiro interior de alívio quando percebeu que Gilan não falava sério.

— Mas eu sei que não queremos que eles sigam você outra vez — Gilan disse em tom de aviso, já sem sorrir. — Portanto, não mencione meus planos até que a gente se livre deles, está bem?



No fim, a solução foi simples. Primeiro, Gilan fez que Horace quebrasse a lâmina da espada de Carney torcendo-a entre duas rochas. Depois, jogou o porrete de Bart no barranco ao lado da estrada. Eles ouviram quando ele caiu, batendo e pulando no declive rochoso por vários segundos.

Feito isso, Gilan obrigou os dois homens a ficarem somente com as roupas de baixo.

— Você não precisa ver isso — ele tinha dito a Evanlyn. — Não vai ser um espetáculo bonito.

Sorrindo para si mesma, a garota entrou na barraca enquanto os dois homens se despiam. Os bandidos ficaram apenas com as cuecas rasgadas, tremendo no ar frio da montanha.

— As botas também — Gilan ordenou, e os dois homens se sentaram desajeitados no chão pedregoso para tirá-las.

Gilan cutucou a pilha de roupas com o pé.

— Agora, formem uma trouxa e a amarrem com seus cintos — ele mandou, e Bart e Carney obedeceram.

Quando estava tudo pronto, ele chamou Horace e apontou com o polegar duas trouxas de roupas e as botas.

— Jogue onde nós jogamos o porrete, Horace — ele ordenou.

Horace sorriu quando começou a entender o que Gilan tinha planejado. Bart e Carney também entenderam e começaram um coro de protestos que parou no momento em que o arqueiro lhes lançou um olhar gelado.

— Vocês estão com sorte — ele disse com frieza.

— Como falei para Will mais cedo, eu podia enforcar vocês se quisesse.

Bart e Carney se calaram no mesmo instante, e então Gilan fez um gesto para que Horace os amarrasse outra vez. Docemente, eles se submeteram à ação do aprendiz e em poucos minutos estavam de costas um para o outro novamente, tremendo no vento frio que circulava e mergulhava ao redor das colinas. Gilan olhou para eles por alguns instantes.

— Jogue um cobertor em cima deles — disse com relutância. — Um cobertor dos cavalos.

Will obedeceu sorrindo. Ele cuidou para não usar o cobertor de Puxão e pegou um que pertencia ao forte pônei de carga.

Gilan começou a selar Blaze enquanto falava com os companheiros.

— Eu vou investigar a região em volta de Gwynta-leth. Talvez haja alguém lá que possa esclarecer melhor o que Morgarath pretende fazer.

Ele olhou significativamente para Will. O aprendiz percebeu que o arqueiro estava dizendo isso para despistar os dois bandidos e assentiu de leve.

— Devo estar de volta no fim da tarde — Gilan continuou em voz alta. — E gostaria de comer alguma coisa quente quando chegar.

Ele saltou na sela e fez sinal para que Will se aproximasse.

— Deixe esses dois amarrados e parta quando o sol se puser. Eles vão acabar se soltando, mas então vão ter que procurar as botas e as roupas. Não vão a lugar nenhum sem elas. Isso vai lhe dar um dia de dianteira, e você vai se livrar deles — sussurrou.

— Entendi. Faça uma boa viagem, Gilan — Will desejou.

O arqueiro assentiu com a cabeça. Ele pareceu hesitar um instante e então tomou uma decisão.

— Will, estamos em tempos incertos e nenhum de nós sabe o que nos espera no futuro. Pode ser uma boa ideia contar a Horace a senha para montar Puxão.

Will franziu a testa. A senha era um segredo cuidadosamente guardado, e ele relutava em passá-la para outra pessoa, mesmo um camarada confiável como Horace.

— Nunca se sabe o que pode acontecer — Gilan continuou ao perceber a hesitação do garoto. — Você pode se ferir ou ficar incapacitado e, sem a senha, Puxão não vai obedecer Horace. É só uma precaução — ele acrescentou.

Will compreendeu que a ideia era sensata e concordou.

— Vou dizer a ele hoje à noite. Se cuide, Gilan.

O arqueiro alto se inclinou e deu um forte aperto de mão em Will.

— Outra coisa. Você está no comando, e os outros vão ter que fazer o que determinar. Não mostre nenhum sinal de que está inseguro. Acredite em si mesmo e eles também vão acreditar em você.

Ele cutucou Blaze com o joelho, e o cavalo baio se virou na direção da estrada. Gilan levantou a mão num gesto de despedida para Horace e Evanlyn e se afastou a galope. A poeira levantada por sua passagem foi logo dispersada pelo vento forte.

E então Will se sentiu muito pequeno. E muito só.



O grupo cavalgou tudo o que pôde naquela noite, de certa forma retardado pelo passo do pônei de carga, que não conseguia andar mais rápido.

A chuva voltou durante a noite para tornar tudo mais difícil. Mas então, uma hora antes do amanhecer, ela parou, e os primeiros raios de luz vindos do leste pintaram o céu com uma fraca cor de pérola. Will começou a procurar um lugar para acampar.

Horace percebeu o amigo olhando ao redor.

— Por que não continuamos por mais algumas horas? — ele sugeriu. — Os cavalos ainda não estão cansados.

Will hesitou. Não tinham visto sinal de nenhum ser humano durante a noite e certamente nenhum indício de Wargals na região. Mas ele não gostava de contrariar os conselhos de Gilan. No passado, descobrira que valia a pena seguir conselhos dados por arqueiros mais experientes. Finalmente, a decisão foi tomada quando, após uma curva na estrada, ele viu um amontoado de arbustos a cerca de 30 metros de distância. Embora não tivessem mais que 3 metros de altura, ofereciam uma boa proteção e abrigo do vento e de olhos inamistosos que pudessem passar na área.

— Vamos acampar aqui — Will disse indicando os arbustos. — É o primeiro lugar decente para acampar que vimos em horas. Quem sabe se vamos encontrar outro?

Horace deu de ombros. Ele estava satisfeito em deixar Will tomar as decisões. Só tinha feito uma sugestão, sem a menor intenção de tentar usurpar a autoridade do aprendiz de arqueiro. Horace era essencialmente uma alma simples. Reagia bem a comandos e a decisões tomadas por outras pessoas. Cavalgue agora. Pare aqui. Lute ali. Contanto que confiasse na pessoa que tomava as decisões, ficava feliz em segui-las.

E ele confiava no julgamento de Will. Tinha uma leve ideia de que o treinamento dos arqueiros tornava as pessoas mais determinadas e inteligentes. E, claro, nisso ele tinha razão, até certo ponto.

Quando desmontaram e conduziram os cavalos pelos arbustos espessos

para uma clareira adiante, Will soltou um pequeno suspiro de alívio. Depois de uma noite inteira na sela com apenas alguns momentos rápidos de descanso, seu corpo estava mais rígido do que tinha se dado conta. Algumas boas horas de sono pareciam a coisa mais importante naquele momento. Will ajudou Evanlyn a descer do pônei de carga. Cavalgando na sela de carga como tinha feito, ela teve um pouco de dificuldade para desmontar. Em seguida, o jovem arqueiro começou a soltar as mochilas com os suprimentos de comida e a lona enrolada que usavam como proteção contra a chuva e o vento.

Evanlyn, quase sem falar com Will, esticou o corpo, afastou-se alguns passos e se sentou numa pedra achatada.

Will, com a testa franzida, jogou uma das mochilas de comida aos pés dela.

— Você pode começar a preparar a refeição — ele disse mais asperamente do que pretendia.

Ele estava aborrecido por ver a garota se sentar e deixar o trabalho para ele e Horace. Ela olhou para o pacote e corou zangada.

— Eu não estou com muita fome — retrucou. Horace parou de tirar a sela do cavalo e começou a se aproximar.

— Eu faço isso — ele disse ansioso para evitar qualquer conflito entre os outros dois.

Mas Will levantou a mão para impedi-lo.

— Não — ele disse. — Eu gostaria que você estendesse a lona. Evanlyn pode preparar a comida.

O olhar dos dois se encontrou. Ambos estavam zangados, mas ela percebeu que estava errada, então deu de ombros e pegou a mochila.

— Se isso significa tanto para você...! — ela murmurou. — Horace pode acender o fogo para mim? — perguntou. — Ele faz isso mais depressa do que eu.

Will considerou a ideia com uma expressão pensativa. Ele estava relutante em acender fogo enquanto ainda estavam em Céltica. Não parecia lógico viajar de noite para evitar serem vistos e depois acender uma fogueira cuja fumaça podia ser visível durante o dia. Além disso, havia outro ponto que Gilan tinha observado no dia anterior.

— Nada de fogo — Will disse com determinação e, de mau humor, Evanlyn jogou a mochila de comida no chão.

— Não quero comida fria outra vez! — ela disparou. Will olhou para a garota com calma.

— Há pouco tempo, você teria ficado satisfeita em comer qualquer coisa,

fria ou quente, contanto que fosse comida — ele lembrou, e ela desviou o olhar do dele. — Olhe — ele acrescentou num tom de voz mais amistoso —, Gilan sabe mais sobre essas coisas do que qualquer um de nós e ele nos pediu para fazermos de tudo para não sermos vistos, está bem?

Evanlyn resmungou alguma coisa. Horace estava observando os dois. Aquele conflito o preocupava. Ele resolveu fazê-los chegar a um meio-termo.

— Eu poderia fazer um pequeno fogo para cozinhar — sugeriu. — Se a gente o fizer debaixo desses arbustos, vai ser muito difícil ver a fumaça depois que ela passar pelos galhos.

— Não é só isso — Will explicou, jogando os cantis sobre o ombro e pegando o arco no estojo da sela. — Gil diz que os Wargals têm um excelente faro. Se nós acendermos fogo, o cheiro da fumaça vai ficar no ar durante horas depois que o apagarmos.

Horace assentiu, entendendo a explicação. Antes que alguém pudesse levantar mais objeções, Will foi até as rochas atrás do local do acampamento.

— Vou dar uma olhada no local — ele avisou —, ver se encontro água por aqui. E me certificar de que estamos sozinhos.

Ignorando o comentário “como se não estivéssemos” que a garota resmungou alto o suficiente para que ele escutasse, Will começou a subir pelas rochas. Fez um exame cuidadoso da área, ficando abaixado e fora de vista, movendo-se de um arbusto para outro com o máximo de cuidado possível. “Sempre que estiver explorando algum lugar”, Halt tinha dito certa vez, “mova-se como se alguém o pudesse ver. Nunca suponha que está sozinho”.

Ele não viu nenhum sinal de Wargals ou celtas, mas encontrou um riacho pequeno e límpido onde a água fresca corria sobre um leito de pedras. Ela parecia boa para beber, pois corria rápido. Ele a experimentou e, satisfeito por não estar poluída, encheu os cantis até a borda. A água fresca tinha um gosto especialmente bom depois do suprimento com gosto de couro que vinham tomando. Depois de ficar nos cantis por algumas horas, a água começava a ter um gosto estranho.

Quando voltou ao acampamento, Will encontrou Horace e Evanlyn à sua espera. Evanlyn tinha preparado um prato de carne seca e de biscoitos duros que vinham comendo no lugar de pão fazia algum tempo. Ele ficou satisfeito por ela também ter posto um pouco de pickles na carne. Qualquer melhoria naquela refeição sem sabor era bem-vinda, mas ele percebeu que no prato dela não havia nenhum.

— Você não gosta de pickles? — ele perguntou entre uma porção e outra de carne e biscoito.

Ela balançou a cabeça negativamente e evitou o olhar dele.

— Não muito.

Mas Horace continuou o assunto.

— Ela lhe deu o último — ele contou para Will.

Por um momento, Will hesitou constrangido. Ele tinha acabado de engolir o último bocado do picante pickles amarelo sobre um pedaço de biscoito e não havia como dividir o pedaço com ela.

— Oh! — ele murmurou percebendo que aquele era o jeito de ela fazer as pazes. — Ah... bem, obrigado, Evanlyn.

Ela jogou a cabeça para trás. Com os cabelos muito curtos, o efeito se perdeu e ocorreu a Will que ela provavelmente tinha o hábito de fazer esse gesto com longos cachos dourados que acentuariam o movimento.

— Eu já disse — ela replicou. — Não gosto de pickles.

Mas agora havia um leve sorriso em sua voz, e o mau humor anterior tinha desaparecido. Ele olhou para ela e devolveu o sorriso.

— Vou montar guarda primeiro.

Aquele parecia um bom jeito de mostrar a ela que não guardava ressentimento.

— Se você também ficar com o segundo turno, pode ficar com os meus pickles — Horace ofereceu, e todos riram.

O clima no pequeno acampamento ficou muito mais leve quando Horace e Evanlyn se ocuparam em sacudir os cobertores e as capas e cortar alguns dos galhos mais cheios de folhas dos arbustos para formar as camas.

Will, por sua vez, pegou um dos cantis e sua capa e subiu numa das rochas mais altas que cercavam o acampamento. Ele se ajeitou com o máximo de conforto possível num lugar de onde podia ver claramente, de um lado, as colinas rochosas e, de outro, a estrada. Sempre se lembrando das lições de Halt, ele se acomodou entre uma pilha de rochas que formavam um ninho quase natural de onde podia espiar para todos os lados sem levantar a cabeça acima do nível do horizonte.

Ele se mexeu por alguns minutos, desejando que não houvesse tantas pedras pontudas para cutucá-lo. Então deu de ombros e decidiu que pelo menos elas o impediriam de cochilar durante seu turno.

Ele vestiu a capa e levantou o capuz. Sentado ali sem se mexer entre as pedras cinzentas, parecia se misturar ao fundo, pois ficara quase invisível.

Foi o barulho que chamou sua atenção em primeiro lugar. Ele ia e vinha levemente com a brisa. Quando o vento ficou mais forte, o som também se intensificou.

Então, quando a brisa diminuiu, Will não escutou mais nada e pensou estar imaginando coisas.

Daí, o barulho se repetiu. Era um som grave e ritmado. Vozes, talvez, mas não parecidas com nenhuma que já tivesse ouvido. Talvez fosse um canto. Quando a brisa soprou um pouco mais forte, ele o ouviu de novo. Não era uma canção. Não havia nenhuma melodia, apenas um ritmo. Um ritmo constante e invariável.

A brisa morreu outra vez, e o som parou com ela. Will sentiu os pelos da nuca se arrepiarem. Havia alguma coisa sinistra naquele som. Algo perigoso. Ele pressentia isso com todos os nervos de seu corpo.

E lá estava de novo! E, desta vez, ele descobriu o que era. Cânticos. Vozes graves entoando cânticos como se fossem uma só voz. Um cântico sem melodia que transmitia uma inconfundível ameaça.

A brisa vinha do sudoeste, de modo que o som vinha da estrada por onde tinha viajado. Ele se levantou devagar e espiou na direção da brisa. De onde estava, via várias curvas e voltas da estrada, embora algumas desaparecessem atrás das rochas e das colinas. Calculou que podia ver trechos da estrada por talvez 1 quilômetro, e não havia sinal de movimento.

Rapidamente, ele desceu das pedras e correu para acordar os outros.



O canto monótono estava mais perto agora. Ele não desaparecia mais com as idas e vindas da brisa e ficava cada vez mais alto e definido. Will, Horace e Evanlyn se agacharam entre os arbustos, ouvindo as vozes que se aproximavam.

— Talvez vocês dois devessem ir um pouco para trás — Will sugeriu.

Ele sabia que, enrolado na capa de arqueiro e com o rosto escondido debaixo do capuz, seria praticamente invisível, mas não tinha tanta certeza quanto aos outros. Sem nenhuma relutância, eles recuaram para dentro do esconderijo oferecido pelos arbustos espessos. A reação de Horace foi uma mistura de curiosidade e nervosismo. Will percebeu que Evanlyn estava pálida de medo.

O líder do trio tinha desmontado o acampamento e feito desaparecer quaisquer traços que pudessem ter deixado, no caso de os cantores terem espiões espalhados pela região. Ele levou os cavalos para o meio dos rochedos, a cerca de 100 metros de distância, e os prendeu ali, deixando o equipamento com eles. Então, com Horace e Evanlyn, procurou a proteção da vegetação,

escondendo-se no fundo dos arbustos, mas tendo ainda uma visão relativamente boa da estrada.

— Quem são eles? — Horace sussurrou quando o canto ficou ainda mais forte.

Will calculou que o som vinha de algum lugar na curva mais próxima, a cerca de 100 metros de distância.

— Você não sabe? — Evanlyn perguntou com a voz tensa de terror. — São os Wargals.



Will e Horace se viraram depressa para olhar para ela.

— Wargals? Como você sabe? — Will perguntou.

— Eu já os ouvi antes — ela explicou em voz baixa e mordendo o lábio.
— Eles fazem essa cantoria enquanto marcham.

Will ficou sério. Os quatro Wargals que ele e Halt haviam seguido não tinham cantado. Mas então ele se deu conta de que os Wargals estavam seguindo uma vítima naquele dia. Com o canto do olho, Will viu um movimento na curva da estrada.

— Se abaixem! — ele sussurrou depressa. — Fiquem com os rostos escondidos!

Tanto Horace quanto Evanlyn baixaram os rostos para o chão. Will estendeu a mão, cobriu ainda mais a própria cabeça com o capuz e então puxou as dobras da capa para cobrir tudo, menos os olhos.

Ele percebia agora que a cantoria era uma forma de cadência destinada a manter os Wargals se movimentando no mesmo ritmo; da mesma forma que um sargento faz a tropa de infantaria manter o passo. Ele contou cerca de 30 elementos no grupo. Vultos grandes e fortes, vestidos com jaquetas escuras cobertas de botões de metal e calças de um tecido grosso. Eles corriam num ritmo constante, cantando a cadência gutural e sem palavras que nada mais era do que uma série de grunhidos.

Todos estavam armados com uma variedade de lanças, clavas e achas, prontas para o uso.

Mas ele ainda não conseguia distinguir as feições. Eles corriam com movimentos trôpegos em duas filas. Então Will notou que estavam conduzindo outro grupo entre as duas fileiras: prisioneiros.

Agora que o grupo estava mais próximo, ele viu que os prisioneiros, cerca de uma dúzia, estavam se arrastando pela estrada, tentando desesperadamente manter o passo dos Wargals cantantes. Reconheceu neles os celtas: mineiros, a julgar pelos aventais e gorros de couro que usavam. Eles estavam exaustos, e os Wargals usavam pequenos chicotes para fazê-los andar depressa.

A cantoria ficou mais forte.

— O que está acontecendo? — Horace sussurrou, e Will sentiu vontade de estrangulá-lo.

— Cale a boca! — ele disparou. — Nem mais uma palavra!

Agora os Wargals estavam mais perto, e ele conseguiu ver seus rostos. Sentiu os pelos da nuca se arrepiarem quando viu as queixadas fortes e grossas e os narizes que tinham se encomprido e alargado a ponto de ficarem parecidos com focinhos. Os olhos eram pequenos e selvagens e pareciam brilhar com um ódio intenso quando os Wargals surravam os celtas com seus chicotes. Em certo momento, quando um deles rosnou para um prisioneiro que tinha tropeçado, Will viu rapidamente suas presas amarelas. Ficou tentado a se encolher ainda mais, mas sabia que qualquer movimento poderia arriscar a sua segurança. Tinha que confiar na proteção de sua capa. Queria fechar os olhos para aqueles rostos de animal, mas, por algum motivo, não conseguia. Ele olhava com um terror fascinado para os terríveis Wargals, criaturas saídas de um pesadelo que cantavam incessantemente e passavam correndo.

O mineiro celta não poderia ter perdido o passo em lugar pior.

Surrado por um dos Wargals, ele tropeçou, cambaleou e então caiu na estrada, derrubando os prisioneiros que estavam ao seu lado. Agora Will podia ver que eles estavam amarrados, unidos por uma grossa guia de couro.

Quando a coluna parou confusa, a cantoria foi interrompida e se transformou numa série de rosnados e grunhidos. Os dois prisioneiros que foram derrubados lutavam para se levantar debaixo de uma chuva de chicotadas. O mineiro que tinha causado a queda estava deitado quieto apesar da violenta surra que levava de um dos Wargals.

Finalmente, outro monstro se juntou ao primeiro e começou a bater na figura imóvel com a haste de sua pesada lança de aço. O mineiro não reagiu. Horrorizado,

Will percebeu que o homem estava morto. Por fim, os Wargals também chegaram à mesma conclusão. Ao comando de um elemento que devia ser o encarregado, os dois pararam de bater no homem morto e cortaram as cordas que o ligavam à guia principal. Em seguida, apanharam o corpo flácido e o jogaram na direção da vala onde Will e os outros estavam escondidos.

O corpo bateu nos arbustos perto da estrada, e Will ouviu Evanlyn soltar um pequeno grito de medo. Com o rosto para baixo, sem saber o que estava acontecendo, o repentino baque nos arbustos evidentemente foi demais para ela.

O grito foi breve, mas o líder dos Wargals parecia ter ouvido alguma

coisa. Ele se virou e olhou com atenção para o ponto em que o corpo estava deitado, perguntando-se se o barulho tinha vindo do mineiro. Obviamente, ele estava desconfiado de que o homem morto estivesse apenas fingindo, numa tentativa de escapar. A criatura apontou e gritou uma ordem, e o Wargal com a lança se aproximou e a atravessou casualmente pelo corpo sem vida.

Mas o comandante ainda não estava satisfeito. Por um longo momento, ele olhou para os arbustos e diretamente para o ponto em que Will estava deitado, enrolado na camuflagem protetora de sua capa de arqueiro. O aprendiz se viu encarando fixamente os zangados olhos vermelhos da coisa selvagem na estrada. Ele queria desviar o olhar, pois estava convencido de que a criatura podia vê-lo. Mas todo o treinamento de Halt no ano anterior lhe dissera que qualquer movimento naquele instante seria fatal, e ele sabia que mover os olhos podia causar um minúsculo movimento involuntário de sua cabeça. O verdadeiro valor das capas camufladas não estava na magia em que tantas pessoas acreditavam, mas na capacidade de quem as usava de permanecer imóvel debaixo de um exame minucioso.

Will continuou imóvel, olhando para o Wargal. Sua boca estava seca, seu coração saltava, batendo duas vezes mais rápido do que o normal. Ele podia ouvir a respiração pesada e ruidosa da figura parecida com um urso, ver as narinas se torcendo ligeiramente enquanto farejava a brisa leve, procurando odores desconhecidos.

Finalmente, o Wargal se virou. Então, de repente, ele se virou novamente para olhar mais uma vez. Felizmente, o treinamento de Will também o tinha preparado para esse truque. O garoto não fez nenhum movimento. Desta vez, o Wargal grunhiu e então gritou uma ordem para o grupo.

Cantando de novo, eles recomeçaram a marchar, deixando o homem morto na beira da estrada.

Quando o som se afastou e eles desapareceram na próxima curva, Will sentiu Horace se movendo atrás dele.

— Fique quieto! — ele sussurrou irritado.

Era possível que um dos Wargals os observasse de longe, um elemento que pudesse capturar fugitivos descuidados que pensavam que o perigo tinha passado.

Ele se obrigou a contar até cem antes de permitir que os outros se mexessem, saíssem rastejando de baixo dos arbustos e esticassem o corpo rígido e dolorido.

Fazendo um sinal para Horace levar Evanlyn de volta ao local do acampamento, Will foi para a estrada com cuidado para examinar o celta. Como

tinha suspeitado, o homem estava morto. Era óbvio que ele tinha sido surrado muitas vezes nos últimos dias. Seu rosto estava machucado e cortado pelas chicotadas dos Wargals.

Não havia nada a fazer pelo homem, então ele o deixou onde estava e foi se reunir aos outros.

Evanlyn estava sentada chorando. Quando ele se aproximou, ela olhou para ele com a face marcada pelas lágrimas. Seus ombros sacudiam com os fortes soluços que a faziam estremecer. Horace estava ao lado dela com uma expressão de impotência no rosto, fazendo pequenos movimentos inúteis com as mãos.

— Sinto muito — Evanlyn finalmente conseguiu falar. — É que... a cantoria... aquelas vozes... eu me lembrei de tudo quando eles...

— Está tudo bem — Will disse a ela baixinho. — Meu Deus, eles são criaturas horríveis!

Horace não tinha visto os Wargals, pois tinha ficado deitado o tempo todo, com o rosto colado no chão arenoso. De certa forma, isso devia ter sido igualmente apavorante.

— Como eles são? — Horace perguntou em voz baixa. Will hesitou. Era quase impossível de descrevê-los.

— Como bestas — ele respondeu. — Como ursos... ou um cruzamento entre um urso e um cachorro. Mas andam retos como homens.

— Eles são horríveis! — Evanlyn exclamou estremecendo. — Criaturas horríveis, medonhas! Oh, meu Deus. Nunca mais quero vê-los!

Will se aproximou dela e, desajeitado, deu-lhe tapinhas no ombro.

— Eles já se foram — ele disse devagar como se estivesse acalmando uma criança pequena. — Eles foram embora e não vão machucar você.

Ela fez um esforço enorme, reuniu coragem e olhou para Will com um sorriso assustado no rosto. Ela pegou a mão de Will, consolando-se com esse simples contato.

Ele deixou que a moça segurasse sua mão por um momento e se perguntou como iria contar para eles o que tinha decidido fazer.



— Seguir eles? Você ficou louco?

Horace, incapaz de acreditar no que estava ouvindo, olhou para a figura pequena e determinada do colega. Will não disse nada, e Horace tentou de novo.

— Will, nós acabamos de passar meia hora escondidos atrás de um arbusto esperando que aquelas coisas não nos vissem. Agora você quer seguir elas e dar outra chance a elas?

Will olhou ao redor para se certificar de que Evan-lyn ainda não podia escutá-los. Ele não queria assustar a garota desnecessariamente.

— Fale baixo — ele avisou Horace, e o amigo falou com mais suavidade, mas não com menos veemência.

— Por quê? — ele quis saber. — O que podemos ganhar seguindo os Wargals?

Inquieto, Will apoiou o peso do corpo primeiro num pé e depois no outro. Francamente, a ideia de seguir os Wargals já o estava assustando. Ele podia sentir o coração batendo mais forte do que o normal. Eles eram criaturas apavorantes e, evidentemente, destituídas de sentimentos de compaixão ou pena, como o destino do prisioneiro tinha mostrado. Mesmo assim, ele achava que aquela era uma oportunidade que não podia ser perdida.

— Olhe — ele disse devagar. — Halt sempre me disse que saber por que seu inimigo está fazendo uma coisa é tão importante quanto saber o que ele está fazendo. Na verdade, às vezes é até mais importante.

Horace balançou a cabeça teimoso.

— Não entendo — ele replicou.

Para ele, a ideia de Will era um impulso louco, irresponsável e assustadoramente perigoso.

Para falar a verdade, Will não tinha certeza absoluta de que estava com a razão. Mas as palavras de Gilan sobre não mostrar insegurança soaram em seus ouvidos, e seus instintos, aguçados pelo treinamento recebido de Halt, lhe diziam que não devia perder essa oportunidade.

— Sabemos que os Wargals estão capturando mineiros celtas e levando eles embora. E sabemos que Morgarath não faz nada sem motivo. Esta pode ser a chance de descobrir o que ele pretende.

— Ele quer escravos — Horace retrucou dando de ombros.

— Mas por quê? E por que apenas mineiros? E- vanlyn disse que eles só estavam interessados nos mineiros. Por quê? Você não percebe? Isso pode ser importante. Halt diz que guerras muitas vezes sofrem uma virada por causa de uma pequena informação.

Horace apertou os lábios pensando no que Will tinha dito.

— Está certo — ele concordou finalmente. — Talvez você esteja certo.

Horace não pensava depressa nem tinha ideias originais, mas era metódico e, à sua maneira, lógico. Will tinha visto instintivamente a necessidade de seguir os Wargals. Horace teve que refletir a respeito. Agora, depois de ter pensado, ele conseguia ver que Will não estava apenas seguindo um impulso descontrolado e arriscado. Ele confiava na linha de raciocínio do aprendiz de arqueiro.

— Bom, se vamos seguir eles, é melhor nós irmos andando — ele acrescentou, e Will o olhou surpreso.

— Nós? — ele repetiu. — Quem falou em nós? Pretendo seguir eles sozinho. Sua função é levar Evanlyn de volta em segurança.

— Quem disse? — o garoto maior perguntou um tanto agressivo — Eu tenho ordens, dadas por Gilan, de ficar com você e manter *você* longe de problemas.

— Bem, eu estou mudando suas ordens — Will retrucou, mas desta vez Horace riu.

— Então, quem morreu e pôs você no lugar do chefe? — ele zombou.

— Você não pode mudar minhas ordens. Gilan é seu superior.

— E a garota? — Will desafiou.

Por um momento, Horace não soube o que responder.

— Vamos dar o cavalo de carga, comida e suprimentos para ela — ele sugeriu. — Ela pode voltar sozinha.

— Isso é muito nobre de sua parte — Will retrucou sarcástico.

— Foi você quem disse que é tremendamente importante seguir os Wargals. — Horace argumentou. — Bom, acho que você tem razão. Portanto, Evanlyn simplesmente vai ter que assumir esse risco, assim como nós. De qualquer jeito, agora estamos mais perto da fronteira e mais uma noite de cavalgada vai ser suficiente para tirar ela de Céltica.

Na verdade, Horace não gostava da ideia de deixar Evanlyn à própria

sorte. Ele tinha começado a gostar muito da garota. Ela era inteligente, divertida e boa companhia. Mas o tempo passado na Escola de Guerra tinha lhe dado um forte senso de dever, e sentimentos pessoais vinham em segundo lugar.

— Posso viajar muito mais depressa sem você — ele ressaltou, mas Horace o interrompeu no mesmo instante.

— E daí? Não precisamos de velocidade para seguir os Wargals. Nós temos cavalos. Não vamos ter problemas para alcançar eles, principalmente porque eles têm de arrastar aqueles prisioneiros.

Horace concluiu que estava gostando da experiência de discutir com Will e ganhar alguns pontos. Talvez passar algum tempo com os arqueiros tivesse feito mais bem a ele do que tinha imaginado.

— Têm mais coisas: e se descobrirmos alguma coisa realmente importante? E se você quiser continuar seguindo eles e precisar enviar uma mensagem para o barão? Se formos dois, poderemos nos separar. Posso levar a mensagem enquanto você continua a seguir os Wargals.

Will pensou na ideia e teve que admitir que Horace tinha razão. Fazia sentido ter alguém em sua companhia.

— Tudo bem — ele concordou finalmente. — Mas nós vamos ter que contar a Evanlyn.

— Contar o quê? — a garota perguntou.

Sem ser vista por nenhum dos rapazes, ela tinha se aproximado até poucos metros de onde os garotos estavam discutindo em voz baixa. Os dois meninos se entreolharam com ar de culpa.

— Hum... Will teve uma ideia, entende... — Horace começou e parou, olhando para Will para ver se o amigo iria continuar.

Mas, como se viu a seguir, não houve necessidade.

— Vocês estão planejando seguir os Wargals — a menina disse secamente, e os dois aprendizes trocaram olhares antes de Will responder.

— Você estava escutando a nossa conversa? — ele acusou. Ela balançou a cabeça.

— Não. É a coisa óbvia a fazer, não é? Esta é nossa chance de descobrir o que eles pretendem fazer e por que estão raptando mineiros.

Pela segunda vez em alguns minutos, Will ouviu o uso do plural.

— Nossa chance? — ele repetiu. — O que exatamente você quer dizer com “nossa chance”?

— É óbvio que, se vocês dois forem segui-los, eu vou junto — ela retrucou dando de ombros. — Vocês não vão me deixar aqui sozinha no meio do nada.

— Mas... — Horace começou, e ela se virou e olhou para ele com calma.
— Eles são os Wargals — ele completou.

— Eu sei — ela respondeu.

Horace lançou um olhar desanimado para Will. O aprendiz de arqueiro deu de ombros, e Horace tentou outra vez:

— Vai ser perigoso. E você...

Ele hesitou, pois não queria lembrá-la do medo que tinha das criaturas e dos motivos para isso. Evanlyn percebeu o que ele ia dizer e sorriu levemente.

— Olhe, tenho medo daquelas coisas — ela confessou. — Mas suponho que vocês queiram segui-las, não se juntar a elas.

— Foi essa a ideia — Will concordou.

— Bom, com aquele barulho que fazem, não precisamos chegar muito perto — ela argumentou virando-se para olhá-lo. — Além disso, esta pode ser a oportunidade de estragar os planos que possam ter. Acho que vou gostar disso.

Will a observou com novo respeito. Ela tinha todos os motivos para ter medo dos Wargals, mais do que ele ou Horace. No entanto, estava disposta a ignorar esse medo para dar um golpe em Morgarath.

— Tem certeza? — ele perguntou finalmente.

— Não. Não tenho certeza de nada. Estou me sentindo realmente nauseada diante da possibilidade de chegar perto daquelas coisas outra vez. Mas também não gosto da ideia de ser abandonada aqui sozinha.

— Não íamos abandonar você... — Horace começou, e ela se virou para ele.

— Então como chama o que iam fazer? — a garota perguntou sorrindo levemente para não soar muito agressiva.

— Abandonar você, eu acho — ele admitiu depois de hesitar um pouco.

— Exatamente — ela respondeu. — Assim, diante das opções de me defrontar com outro grupo de Wargals, ou outros bandidos, ou seguir alguns Wargals com vocês dois, prefiro a última.

— Estamos somente a um dia da fronteira — Will informou. — Depois que você passar ela, vai estar relativamente segura.

Mas, determinada, ela sacudiu a cabeça.

— Eu me sinto mais segura com vocês — disse. — Além disso, eu talvez seja útil. Serei mais uma para montar guarda à noite. Isso significa que vocês vão dormir mais.

— Até agora, essa é a primeira razão sensata que ouvi para que ela nos acompanhe — Horace disse.

Como Will, ele compreendeu que ela já tinha tomado uma decisão. E, de

alguma forma, os dois garotos sabiam que quando Evanlyn fazia isso não havia nada no mundo que a convencesse a mudar de ideia. Ela sorriu para ele.

— Bom, vamos ficar parados aqui o dia todo, jogando conversa fora? — ela perguntou. — Os Wargals estão se afastando cada vez mais.

E foi até onde os cavalos estavam amarrados.



Seguir os Wargals foi mais fácil do que parecia. As criaturas não eram inteligentes e se concentravam apenas na tarefa que tinham recebido: levar os mineiros celtas para o seu destino final. Eles não temiam nenhum ataque naquela região, pois já tinham expulsado todos os habitantes, de modo que não colocaram espiões para vigiar a retaguarda. Sua cantoria constante, por mais ameaçadora que pudesse parecer no início, também servia para mascarar quaisquer sons que pudessem ser feitos por seus perseguidores.

À noite, eles simplesmente acampavam onde quer que estivessem. Os mineiros continuavam acorrentados uns aos outros, e sentinelas os vigiavam enquanto o resto do grupo dormia.

No início do segundo dia, Will começou a ter noção do rumo que os Wargals estavam tomando. Ele vinha cavalgando uns 30 metros na dianteira, confiando que Puxão pressentiria qualquer perigo à sua frente. Agora tinha reduzido um pouco o ritmo, esperando que Horace e Evanlyn o alcançassem.

— Parece que estamos indo para a fenda — ele disse bastante surpreso.

Eles já podiam ver ao longe os penhascos altos que se erguiam acima da enorme fenda na terra. Céltica era um país montanhoso, mas o domínio de Morgarath se levantava centenas de metros acima dele.

— Eu não gostaria de descer esses penhascos com cordas e escadas — Horace disse mostrando-os com um gesto de cabeça.

— Mesmo que você conseguisse, teria que encontrar um local plano do outro lado — Will afirmou. — E, aparentemente, eles são muito poucos. A maioria dos penhascos vai direto para o fundo.

— Mesmo assim, Morgarath conseguiu uma vez — Evanlyn disse olhando para os dois. — Talvez ele esteja planejando atacar Araluen do mesmo jeito.

Pensando no que ela tinha dito, Horace fez seu cavalo parar. Will e Evanlyn pararam ao lado dele. O aprendiz de guerreiro mordeu o lábio por alguns segundos quando lembrou as lições que os instrutores de sir Rodney tinham ensinado.

— A situação é diferente — ele afirmou finalmente.

— A investida contra Céltica foi mais um ataque-surpresa do que uma invasão. Ele certamente não precisou de mais do que 500 homens para isso, e eles tiveram uma viagem fácil. Para atacar Araluen, ele iria precisar de um exército e não conseguiria fazer os homens descerem esses penhascos e atravessassem eles com algumas escadas e pontes de corda.

Will observou Horace com interesse. Aquele lado do amigo era novo para ele. Aparentemente, o aprendizado do amigo nos últimos sete ou oito meses tinha ido além das simples habilidades com a espada.

— Mas certamente se ele tivesse tido tempo e... — Will começou, mas Horace balançou a cabeça outra vez, com mais determinação.

— Homens, sim, ou Wargals, neste caso. Com tempo suficiente, eles conseguiriam. Levaria meses, mas eles conseguiriam. Embora, quanto mais tempo levasse, maiores seriam as chances de que as notícias sobre os acontecimentos se espalhassem. Mas um exército precisa de equipamento: armas pesadas, carroças de suprimentos, provisões, barracas, armas extras, equipamentos de ferreiro para reparos, cavalos e bois para puxar as carroças. Seria impossível descer tudo isso nesses penhascos. E, mesmo que conseguissem, como iriam atravessar para o outro lado? Simplesmente não é viável. Sir Karel costumava dizer que...

Ele percebeu que os outros dois o estavam observando com certo respeito e corou.

— Não tinha intenção de falar sem parar — ele murmurou e fez o cavalo andar novamente.

Will estava impressionado com a compreensão do amigo sobre o assunto.

— Não foi problema nenhum — ele disse. — Tudo o que você falou está certo.

— Ainda resta a pergunta: o que ele pretende? — Evanlyn ajuntou.

— Acho que nós vamos descobrir bem depressa — ele disse impelindo Puxão para a frente para assumir a liderança mais uma vez.



Eles descobriram na noite seguinte.

Como antes, o primeiro indício do que estava acontecendo veio através de um som: o retinir e bater de martelos atingindo pedras ou madeira. Então eles ouviram um som mais agudo à medida que se aproximavam. Era um estalido constante, mas irregular. Will fez sinal para os outros pararem e, desmontando,

avançou com cuidado ao longo da estrada até a curva final.

Encoberto pela capa e se movendo cuidadosamente de um esconderijo para outro, ele se afastou da estrada e atravessou o campo até encontrar um ponto de onde pudesse ver o próximo trecho da estrada. Quase imediatamente, viu o alto de uma imensa estrutura de madeira em construção: quatro torres de madeira unidas por grossas cordas e uma estrutura de troncos. Com o coração apertado, Will já sabia o que estava vendo. Mas ele se aproximou para ter certeza.

Era como temia. Uma imensa ponte de madeira estava no estágio final de construção. No lado extremo da fenda, Morgarath tinha descoberto um dos poucos lugares onde havia uma saliência estreita quase no mesmo nível do lado celta. A saliência natural tinha sido cavada e alargada até que houvesse um trecho de chão plano e de bom tamanho. As quatro torres estavam em pé, duas de cada lado da fenda, unidas por grossos cabos feitos de corda. Apoiado por elas, havia um caminho de madeira construído até metade, capaz de levar seis homens para o outro lado sobre as estonteantes profundezas da fenda.

Vultos reconhecíveis como prisioneiros celtas fervilhavam sobre a estrutura, martelando e serrando. O estalido era provocado pelos chicotes usados pelos vigias Wargals.

O som dos martelos sobre a pedra vinha da boca de um túnel que se abria para a saliência, cerca de uns 50 metros ao sul da ponte. O túnel era pouco mais que uma fenda na parede do penhasco — apenas um pouco mais larga que os ombros de um homem. Os prisioneiros celtas trabalhavam arduamente na entrada, golpeando a pedra dura, alargando e aumentando a pequena abertura.

Will olhou para os penhascos escuros que se erguiam do outro lado. Não havia sinal de cordas ou escadas que levassem para a saliência. Os Wargals e seus prisioneiros certamente a alcançavam pela fenda estreita na rocha.

O grupo que tinham seguido estava cruzando a fenda naquele momento. Os últimos 15 metros da estrada ainda precisavam ser construídos, e apenas uma passarela provisória de madeira estava em seu lugar. Ela mal era larga o bastante para que os celtas fizessem a travessia acorrentados aos pares como estavam, mas os mineiros de Céltica estavam acostumados a andar em lugares estranhos e descidas vertiginosas, por isso não houve incidentes.

Will tinha visto o bastante. Era hora de voltar. Escondido pelas rochas, ele andou de costas com dificuldade. Então, quase se dobrando em dois, correu de volta para onde os dois companheiros o esperavam.

Quando lá chegou, ele se deixou cair, recostando-se nas pedras. A tensão dos últimos dois dias estava começando a surtir efeito, juntamente com a

pressão de estar no comando. Ele ficou um pouco surpreso ao perceber que estava fisicamente exausto, pois não tinha ideia de que a tensão mental pudesse esgotar uma pessoa tão intensamente.

— Então, o que está acontecendo? Você viu alguma coisa? — Horace quis saber.

Cansado, Will olhou para ele.

— Uma ponte — contou. — Eles estão construindo uma ponte enorme.

Espantado com aquilo, Horace ficou sério.

— Por que Morgarath iria querer uma ponte?

— Eu disse que é uma ponte enorme. Grande o bastante para fazer atravessar um exército. Nós discutimos que Morgarath não poderia passar um exército e todo o equipamento pelos penhascos e para o outro lado da fenda e, durante todo esse tempo, ele estava construindo uma ponte para isso.

— É por isso que ele queria os celtas — Evanlyn constatou. Os dois garotos a olharam, e ela continuou.

— Eles são exímios construtores e sabem como fazer túneis. Os Wargals não teriam a capacidade de realizar um empreendimento desses.

— Eles também estão abrindo um túnel — Will informou. — No outro extremo, estão alargando uma pequena fenda parecida com a entrada de uma caverna.

— Para onde leva? — Horace perguntou, e Will deu de ombros.

— Não sei. Talvez seja importante descobrir. Afinal, o planalto do outro lado ainda está centenas de metros acima deste ponto. Mas deve haver algum acesso entre os dois, pois não há sinal de cordas ou escadas.

Horace se levantou e começou a andar de um lado para outro, analisando essa nova informação. Seu rosto estava sério e pensativo.

— Não entendo — ele disse finalmente.

— Não é tão difícil de entender — Will retrucou com alguma aspereza. — Há uma ponte imensa sendo construída sobre a fenda, grande o bastante para que Morgarath, e todos os seus Wargals, e suas carroças de suprimentos, e seus ferreiros, e seus bois passem dançando.

Horace esperou que Will terminasse seu discurso e então inclinou a cabeça para o lado.

— Terminou? — ele disse com suavidade, e Will, percebendo que tinha exagerado um pouco, fez um vago gesto de desculpas. Horace continuou.

— O que eu não entendo — ele disse pronunciando as palavras com cuidado — é por que isso nunca foi mencionado naqueles planos que vocês acharam.

— Planos? — Evanlyn perguntou olhando para eles curiosa. — Que planos?

Mas Will, percebendo que Horace tinha tocado num ponto muito importante, fez um gesto para que ela esperasse a explicação.

— Você tem razão — ele disse devagar. — Os planos nunca mencionaram uma ponte sobre a fenda.

— E não se trata de uma obra pequena. É de se imaginar que isso seria mencionado em algum lugar — Horace afirmou.

Will assentiu. Evanlyn, muito mais curiosa do que antes, repetiu a pergunta.

— Que planos são esses de que vocês falam tanto?

Percebendo o quanto a conversa dos dois devia ser frustrante para ela, Horace ficou com pena da garota.

— Will e Halt, o mestre de ofício dele, pegaram uma cópia dos planos de batalha de Morgarath há algumas semanas. Havia muitos detalhes sobre como suas forças iam sair das Montanhas através do Desfiladeiro dos Três Passos. Havia até a data em que iam fazer isso e como os mercenários escandinavos iam ajudar eles. Só que não falava dessa ponte.

— Por que não? — Evanlyn perguntou.

Mas Will estava começando a entender o que Morgarath tinha em mente, e seu pavor cresceu ainda mais.

— A menos que Morgarath quisesse que achássemos esses planos — ele disse.

— Isso é loucura — Horace disse no mesmo instante. — Afinal, um de seus homens morreu na operação.

— E isso iria impedir Morgarath? — Will retrucou olhando para o amigo. — Ele não se importa com a vida de outras pessoas. Vamos pensar. Halt tem um ditado: Quando não se vê o motivo de alguma coisa, veja qual é o possível resultado e se pergunte quem pode se beneficiar dele.

— E qual foi o resultado de você encontrar esses planos? — Evanlyn questionou.

— O rei Duncan deslocou o exército para as Planícies de Uthal para bloquear o Desfiladeiro dos Três Passos — Horace respondeu prontamente.

Evanlyn assentiu e passou para a segunda parte da equação.

— E quem iria se beneficiar disso?

Will olhou para ela. Ele notou que a garota tinha chegado à mesma conclusão que ele.

— Morgarath. Se aqueles planos eram falsos... — ele disse muito devagar.

Evanlyn concordou. Horace não entendeu a conclusão com a mesma rapidez.

— Falsos? O que você quer dizer?

— Quero dizer que Morgarath queria que achássemos aqueles planos. Ele queria que todo o exército de Araluen se reunisse nas Planícies de Uthal. Porque o Desfiladeiro dos Três Passos não é o lugar em que o verdadeiro ataque vai acontecer. O ataque real vai vir daqui: um ataque-surpresa pelas costas. E nosso exército vai ser encurralado e destruído.

Horace arregalou os olhos horrorizado. Ele conseguia imaginar o resultado de um ataque maciço pela retaguarda. O exército de Araluen seria pego por escandinavos e Wargals pela frente e por outro exército de Wargals pela retaguarda. Era a receita do desastre: o tipo de desastre que todos os generais temiam.

— Então precisamos contar isso a eles — ele disse.

— Agora mesmo!

— Temos que contar isso a eles — Will concordou.

— Mas tem mais uma coisa que quero ver. Aquele túnel que estão cavando. Não sabemos se está terminado e para onde vai. Quero dar uma olhada nele hoje à noite.

Mas Horace discordou do amigo antes mesmo de este terminar de falar.

— Will, nós temos que ir agora. Não podemos ficar aqui só para satisfazer sua curiosidade.

— Você está certo, Horace — Evanlyn disse e pôs fim à discussão. — O rei precisa saber disso o mais rápido possível. Mas temos que ter certeza de não levar outra informação errada para ele. Podem faltar semanas para que o túnel de que Will está falando esteja terminado. Ou ele pode levar para um beco sem saída. Toda essa coisa pode ser outro estratagema para convencer o exército a dividir forças para proteger a retaguarda. Temos que descobrir o máximo que pudermos. Se isso significa esperar mais algumas horas, então acho que devemos ficar.

Will olhou para a garota com curiosidade. Ela certamente parecia ter mais autoridade e decisão do que se esperaria da criada de uma dama. Ele decidiu que a teoria de Gilan estava correta.

— Vai escurecer dentro de uma hora, Horace. Vamos fazer a travessia hoje à noite e ver as coisas de perto.

Horace olhou para os dois companheiros. Não estava satisfeito. Seu instinto o mandava partir naquele momento, o mais rápido possível, e contar as notícias sobre a ponte. Mas ele estava em minoria. E ainda acreditava que os

poderes de dedução de Will eram melhores que os dele. “Sou treinado para agir, não para esse tipo de raciocínio tortuoso”, pensou. E, com relutância, ele se deixou convencer.

— Tudo bem — disse. — Vamos dar uma olhada em tudo à noite. Mas amanhã nós partimos.

Enrolado na capa e se movendo com cuidado, Will voltou ao seu ponto de observação. Analisou a ponte com atenção, imaginando que Halt esperaria que ele desenhasse uma planta precisa da estrutura.

Pouco mais de dez minutos depois, Will ouviu o som forte de uma corneta.

O susto o paralisou. Por um momento, pensou que era um alarme e que uma sentinela o tinha visto se mover entre as rochas. Então ouviu outras chicotadas e os gritos roucos dos Wargals e, quando levantou a cabeça, viu que eles estavam tirando os celtas do túnel e levando-os para a ponte semi-acabada. Enquanto andavam, os prisioneiros guardavam as ferramentas em sacos. Os Wargals começaram a prendê-los a uma corda central.

Ao olhar para o oeste, Will viu a última curva do sol se escondendo atrás das colinas e se deu conta de que a cometa simplesmente tinha anunciado o fim de um dia de trabalho. Agora os prisioneiros estavam sendo devolvidos para o lugar onde ficavam presos.

Houve uma breve discussão, a alguns metros da entrada do túnel, quando dois prisioneiros celtas pararam para tentar levantar uma figura caída. Zangados, os Wargals saltaram para a frente, afastando os mineiros com chicotadas e obrigando-os a deixar a figura imóvel onde estava.

Então, um depois do outro, passaram pela entrada estreita do túnel e desapareceram.

As sombras da enorme ponte se estendiam compridas sobre as colinas. Will continuou imóvel por outros dez minutos, esperando para ver se algum Wargal iria reaparecer no túnel. Mas não houve nenhum barulho, nenhum sinal de ninguém voltando. Somente o vulto imóvel deitado na entrada do túnel. Na luz que desaparecia rapidamente, Will não conseguia enxergá-lo claramente. Parecia ser o corpo de um mineiro, mas ele não tinha certeza.

Então a figura se moveu, e Will percebeu que, quem quer que fosse, ainda estava vivo.



Andando com cuidado, Will e Horace avançaram pela prancha estreita que cobria os últimos 15 metros da fenda. Will, com seu excelente preparo para enfrentar alturas, poderia ter corrido com facilidade sobre ela, sem problemas, mas caminhou devagar em consideração ao seu amigo, maior e menos ágil.

Quando eles finalmente chegaram à estrada acabada, Horace soltou um suspiro de alívio. Em seguida, os dois examinaram a estrutura por alguns momentos. Ela tinha sido construída com a perfeição pela qual os celtas eram conhecidos. Como nação, tinham desenvolvido a arte de abrir túneis e pontes ao longo dos séculos, e aquela era uma típica estrutura resistente.

O cheiro das tábuas de pinho recém-serradas enchia o ar frio da noite e, além disso, havia outro cheiro doce e aromático. Por um instante, eles olharam um para o outro confusos, mas logo Horace reconheceu o aroma.

— Piche — afirmou.

Eles olharam ao redor e constataram que os grossos cabos de corda e as cordas de apoio estavam cobertos com uma grossa camada da substância. Will tocou um deles e ficou com a mão grudenta.

— Acho que o piche não deixa as cordas apodrecerem e arrebentarem — ele deduziu com cautela, percebendo que os cabos principais tinham sido construídos com três cordas grossas trançadas generosamente cobertas com piche. Além disso, à medida que o piche endurecia, ele unia as três cordas permanentemente.

— Nenhum guarda? — Horace indagou olhando ao redor. Havia uma nota de desapontamento em sua voz.

— Ou eles estão muito confiantes, ou são muito descuidados — Will concordou.

A noite já estava adiantada, mas a Lua ainda não tinha surgido. Will foi até a margem direita da fenda. Horace abriu o estojo da espada e o seguiu.

O vulto da entrada do túnel estava deitado do mesmo jeito que Will o tinha visto pela última vez. Não houve mais nenhum sinal de movimento. Os dois garotos se aproximaram dele com cuidado e se ajoelharam ao seu lado.

Agora viam que se tratava de um mineiro celta. Seu peito subia e descia, mas mal se movia.

— Ele ainda está vivo — Will sussurrou.

— Está por um fio — Horace retrucou.

Ele colocou o dedo indicador no pescoço do celta para sentir o pulso. Ao toque, o homem abriu os olhos devagar e olhou para os dois sem entender o que estava acontecendo.

— Quem... vocês? — ele conseguiu gemer.

Will tirou o cantil do ombro e umedeceu os lábios do homem com um pouco de água. A língua se moveu avidamente na superfície úmida, e o homem gemeu outra vez, tentando se apoiar num cotovelo.

— Mais.

Delicadamente, Will fez que ele parasse de se mexer e lhe deu um pouco mais de água.

— Descanse tranquilo, amigo — ele disse baixinho.

— Não vamos machucar você.

Era óbvio que alguém o tinha machucado, e muito. O rosto dele estava manchado de sangue seco que tinha escorrido de dezenas de cortes de chicote. Sua jaqueta de couro estava cortada e rasgada, e o peito nu mostrava sinais de outras chicotadas, recentes e antigas.

— Quem é você? — Will perguntou com suavidade.

— Glendyss — o homem suspirou parecendo se surpreender com o som do próprio nome.

Ele então tossiu. Uma tosse rouca e áspera que fez seu peito estremecer. Will e Horace trocaram olhares tristes. Perceberam que Glendyss não ia viver muito.

— Quando você veio para cá? — Will perguntou ao homem e deixou que mais água escorresse entre seus lábios secos e ressecados.

— Meses... — Glendyss respondeu numa voz que eles mal podiam ouvir. — Estou aqui há muitos meses... trabalhando no túnel.

Novamente, os dois garotos se entreolharam. Talvez o homem estivesse dizendo coisas sem sentido.

— Meses? — Will repetiu. — Mas os ataques dos Wargals só começaram há um mês, não é mesmo?

Mas Glendyss estava balançando a cabeça. Ele tentou falar, tossiu e se acalmou, juntando as forças que começavam a sumir. Então falou tão baixinho que Will e Horace tiveram que se aproximar mais para ouvir.

— Eles nos capturaram há quase um ano... de todos os lugares.

Secretamente... um homem aqui, dois ali... 50 no total. Hoje... a maioria está morta. Eu vou morrer ^{lo}g^o.

Ele parou, respirando com dificuldade. O esforço para falar era quase insuportável para ele. Will e Horace olharam um para o outro atordoados com a nova informação.

— Como ninguém percebeu que isso estava acontecendo? — Horace perguntou ao amigo. — Quer dizer, 50 pessoas desaparecem e ninguém fala nada?

— Ele disse que foram sequestradas de várias vilas em Céltica — Will retrucou. — Assim, quando se trata do desaparecimento de um ou dois homens... as pessoas podem ficar sabendo nas próprias vilas, mas ninguém sabe de tudo o que acontece nas outras.

— Mesmo assim — Horace continuou —, por que fazer isso? E por que agora estão fazendo tudo abertamente?

— Talvez a gente tenha uma ideia se dermos uma olhada por aí — Will respondeu encolhendo ombros.

Eles hesitaram indecisos, sem saber o que fazer com o vulto encolhido e ferido. Enquanto esperavam, a Lua nasceu e se elevou sobre as colinas, enchendo a ponte e a rampa com uma luz pálida e suave. Ela tocou o rosto de Glendyss e ele abriu os olhos. Fraco, tentou levantar o braço para evitar a luz e, gentilmente, Will se inclinou sobre ele para protegê-lo.

— Estou morrendo — o mineiro disse com repentina clareza e um sentimento de paz.

Will hesitou e então concordou com simplicidade.

— Sim.

Não adiantaria mentir para ele, tentar alegrá-lo afirmando que tudo ficaria bem. Ele estava morrendo, e todos sabiam disso. Seria melhor deixá-lo se preparar, deixá-lo enfrentar a morte com calma e dignidade. A mão se agarrou debilmente na manga de Will, e ele a segurou, apertando-a com delicadeza, deixando que o celta sentisse o contato com outra pessoa.

— Garotos — ele disse fracamente. — Não me deixem morrer aqui... na luz.

Novamente, Horace e Will trocaram olhares.

— Quero a paz fora da luz — ele continuou baixinho e, de repente, Will compreendeu.

— Acho que os celtas gostam da escuridão. Afinal, eles passam a maior parte da vida em túneis e minas. Talvez seja isso o que ele quer.

— Glendyss? — Horace chamou e se inclinou para a frente. — Você

quer que a gente leve você para dentro do túnel?

O mineiro virou a cabeça na direção de Horace e assentiu levemente. Só o suficiente para que eles entendessem o gesto.

— Por favor — ele sussurrou — me levem para fora da luz.

Horace concordou com um gesto de cabeça e escorregou os braços sob os ombros e joelhos do celta para levantá-lo. Glendyss era pequeno, e as semanas que tinha passado em cativeiro obviamente tinham sido uma época de fome. Ele era uma carga leve para Horace.

Quando o aprendiz de guerreiro ergueu o corpo do celta nos braços, Will fez sinal para que parasse. Ele percebeu que, assim que o homem estivesse na paz do túnel escuro, soltaria o tênue fio que o prendia à vida. E havia mais uma pergunta que Will precisava fazer.

— Glendyss — ele disse baixinho. — Quanto tempo nós temos?

Sem compreender, o mineiro olhou para ele cansado. Will tentou outra vez.

— Quanto tempo temos antes que terminem a ponte?

Desta vez, ele viu um brilho de compreensão no olhar de Glendyss, e o celta pensou por alguns segundos.

— Cinco dias — ele respondeu. — Talvez quatro. Mais trabalhadores chegaram hoje... então, talvez quatro.

Em seguida, ele fechou os olhos como se o esforço tivesse sido excessivo. Por um segundo, parecia que o homem tinha morrido. Mas então o peito dele subiu num tremor intenso e ele continuou a respirar.

— Vamos levar ele para o túnel — Will disse.

Eles passaram com dificuldade pela abertura estreita. Nos primeiros 10 metros, as paredes do túnel estavam próximas o suficiente para serem tocadas. Então começaram a se abrir, à medida que os resultados do trabalho dos celtas se tornavam evidentes. O lugar era escuro e apertado, iluminado apenas pelas fracas chamas das tochas instaladas em suportes a cada 10 ou 12 metros. Algumas proporcionavam apenas uma luz intermitente e inconstante. Horace olhou ao redor inquieto. Ele não gostava de alturas e, definitivamente, não gostava de lugares fechados.

— Aqui está a resposta — Will disse. — Morgarath precisava daqueles primeiros 50 mineiros para fazer este trabalho. Agora que o túnel está quase terminado, precisa de mais homens para construir a ponte o mais rápido possível.

— Você tem razão — Horace concordou. — A abertura do túnel levaria meses, mas ninguém poderia ver o que estava acontecendo. Depois de começar

a construir a ponte, o risco de ser descoberto seria muito maior.

No fundo do túnel, eles encontraram uma pequena área arenosa, quase uma gruta, num dos lados, e deitaram Glendyss nela. Will percebeu que aquilo devia ter sido o que os dois celtas estavam tentando fazer pelo colega quando a corneta soou anunciando o fim do dia de trabalho.

— Eu me pergunto o que os Wargals vão pensar quando encontrarem ele aqui, amanhã — ele hesitou.

— Talvez pensem que se arrastou até aqui sozinho — Horace sugeriu dando de ombros.

Will pensou nisso. Estava indeciso. Mas então observou a expressão tranquila no rosto do mineiro que agonizava na luz fraca e não conseguiu tornar a levar o homem de volta para fora.

— Só coloque ele um pouco mais para dentro, o mais fora da vista possível — ele pediu.

Havia um pequeno cotovelo na rocha, e Horace colocou o mineiro atrás dele com delicadeza. Agora, só podia ser visto se alguém olhasse com atenção, e Will decidiu que estava bom demais. Horace voltou para o túnel principal, e Will percebeu que, agitado, o amigo ainda olhava em volta.

— O que vamos fazer agora? — Horace perguntou.

— Você pode esperar por mim aqui — Will respondeu, tomando uma decisão. — Eu vou ver até onde vai este túnel.

Horace não discutiu. O pensamento de entrar no fundo do túnel escuro e sinuoso não lhe agradava nem um pouco. Ele encontrou um lugar para se sentar, perto de uma das tochas mais brilhantes.

— Só prometa que vai voltar — ele pediu. — Não quero ter que ir procurar você.



O túnel, plano no início, começou a descrever uma subida íngreme à medida que Will continuava a andar, deixando Horace para trás. As paredes e o chão mostravam sinais das enxadas e brocas dos celtas quando rasgaram e quebraram as pedras para alargar o caminho.

Will adivinhou que o estreito túnel original não tinha sido nada mais do que uma fenda natural na pedra; uma simples fenda. E viu que ela tinha sido muito alargada até haver espaço para quatro ou cinco homens andarem lado a lado. E mesmo assim ela subia até o coração das montanhas.

Um círculo de luz mostrou o fim do túnel. Ele calculou que talvez tivesse andado 300 metros ao todo, e o fim estava a uns 40 de distância. A luz que via parecia ser mais forte do que a simples luz da Lua e, quando saiu cuidadosamente do túnel, descobriu o motivo.

Ali as colinas se separavam e formavam um grande vale de cerca de 200 metros de largura e meio quilômetro de comprimento. De um lado, a luz da Lua mostrava imensas estruturas de madeira que levavam a trechos mais elevados do planalto. Depois de observá-las por alguns momentos, ele percebeu que eram escadas. O chão do vale era iluminado por fogueiras de acampamento, e havia centenas de vultos se movendo na luz trêmula e alaranjada. Will deduziu que ali devia ser a área onde o exército de Morgarath iria se reunir. Naquele momento, era onde os Wargals mantinham os prisioneiros celtas à noite.

Ele parou, tentando formar uma imagem de toda a situação. O planalto que formava a maior parte do domínio de Morgarath ainda estava pelo menos 50 metros acima daquele ponto. Mas os degraus e o declive menos forte das colinas ao redor facilitariam o acesso ao vale. O vale em si devia estar aproximadamente 30 metros acima do nível em que estava a ponte. O túnel em declive levaria as tropas até a ponte. Mais uma vez, as palavras de Halt ecoaram em seu ouvido: nenhum lugar é realmente impossível de atravessar.

Ele foi para a esquerda da entrada do túnel e se escondeu num amontoado de rochas e pedras enormes, para avaliar a situação. Havia um

alambrado tosco no centro do vale. Dentro da cerca de madeira, ele viu várias fogueiras pequenas, cada uma com um grupo de pessoas sentadas ou espalhadas ao seu redor. Aquele certamente era o recinto dos prisioneiros.

Fogueiras maiores fora do recinto marcavam os lugares onde os Wargals estavam acampados. Ele viu as enormes formas cambaleantes com clareza contra a luz do fogo. No entanto, havia uma fogueira perto dele que parecia diferente. Os vultos pareciam mais eretos, e a forma como ficavam em pé e andavam tinha um aspecto mais humanóide. Curioso, ele procurou se aproximar, esgueirando-se pela noite quase sem fazer nenhum barulho, movendo-se rapidamente de um esconderijo para outro até chegar à beira do círculo de luz oferecido pelo fogo — um ponto em que sabia que a escuridão, por contraste, iria parecer mais forte para os que estavam sentados ao redor do fogo.

Havia um pedaço de carne assando lentamente no fogo, e o cheiro o fez ficar com água na boca. Ele tinha viajado por dias comendo rações frias, e a carne enchia o ar com um aroma delicioso. Will sentiu o estômago roncar e o medo percorrer seu corpo. Seria o máximo da falta de sorte ser traído por um estômago barulhento. O medo resolveu o problema matando seu apetite. Com a fome mais ou menos sob controle, ele espiou por trás de uma rocha baixa perto do chão para poder ver melhor os vultos que comiam junto do fogo.

Um deles se inclinou para a frente para cortar um pedaço de carne, fazendo malabarismos com o pedaço de comida quente e gorduroso na mão depois de apanhá-lo. O movimento fez que a luz do fogo brilhasse diretamente sobre ele, e Will viu que aqueles não eram Wargals. A calcular por seus coletes rústicos de pele de ovelha, calças de lã amarradas com fitas e pesadas botas de pele de foca, constatou que eram escandinavos.

Uma observação mais cuidadosa o fez ver os capacetes com chifres, escudos redondos de madeira e achas empilhados num dos lados do acampamento. Ele se perguntou o que estariam fazendo ali, tão longe do oceano.

O homem que tinha se mexido terminou de comer a carne e limpou as mãos no colete de pele de carneiro. Ele arrotou e se ajeitou numa posição mais confortável perto do fogo.

— Vou ficar muito satisfeito quando os homens de Ovlak chegarem — ele disse no sotaque rústico e quase indecifrável da Escandinávia.

Will sabia que os escandinavos falavam a mesma língua do reino, mas ao ouvi-la agora pela primeira vez ele quase não a reconheceu.

Os outros lobos do mar concordaram grunhindo. Havia quatro deles em

volta do fogo. Will foi um pouco para a frente para ouvi-los melhor e então ficou paralisado, horrorizado, quando viu o inconfundível vulto cambaleante de um Wargal se movendo diretamente em sua direção do outro lado do fogo.

Os escandinavos escutaram quando ele se aproximou e olharam para cima cautelosos. Com uma forte sensação de alívio, Will percebeu que a criatura não estava andando até ele, mas sim até a fogueira dos escandinavos.

— Opa — disse um dos escandinavos em voz baixa. — Aí vem uma das belezas de Morgarath.

O Wargal tinha parado do outro lado do fogo. Ele grunhiu alguma coisa ininteligível para o grupo de homens do mar. O que tinha acabado de falar deu de ombros.

— Desculpe, bonitão. Não entendi o que você disse.

Em sua voz, havia um toque evidente de hostilidade, que o Wargal pareceu perceber. Ele repetiu a frase, agora zangado. Novamente, o círculo de guerreiros escandinavos deu de ombros.

O Wargal grunhiu novamente, cada vez mais furioso. Apontou para a carne que pendia sobre o fogo e depois para si mesmo. Em seguida gritou para os escandinavos mostrando com gestos que queria comer.

— O brutalhão feio quer nossa carne — um dos escandinavos disse.

Um baixo rosnado de descontentamento saiu do grupo.

— Ele que cace a própria carne — disse o primeiro homem.

O Wargal entrou no círculo. Ele tinha parado de gritar. Simplesmente apontou para a carne e voltou os olhos vermelhos e brilhantes para o homem que tinha falado. De alguma forma, o silêncio era mais ameaçador do que seus gritos.

— Cuidado, Erak — avisou um dos escandinavos.

— Somos em menor número neste momento.

Erak fez cara feia para o Wargal durante um segundo e então pareceu entender a sensatez do conselho do amigo.

— Vá em frente. Pegue — ele disse com aspereza e fez um gesto zangado em direção à carne.

O Wargal se aproximou, pegou o espeto de madeira do fogo e deu uma grande mordida na carne, arrancando um bom pedaço. Mesmo de onde estava, quase sem ousar respirar, Will viu a luz feia de triunfo nos olhos vermelhos do animal. Em seguida, o Wargal se virou abruptamente e saiu do círculo, obrigando alguns dos escandinavos a se afastarem depressa para não serem pisoteados. Eles ouviram seu riso gutural desaparecendo na escuridão.

— Essas coisas horríveis me dão arrepios — Erak murmurou. — Não sei

por que temos que ficar com eles.

— Porque Horth não confia em Morgarath — um dos outros retrucou. — Se não estivermos com eles, esses malditos homens-urso vão ficar com todo o produto do roubo para eles, e tudo o que receberemos vai ser a batalha terrível nas Planícies de Uthal.

— E uma marcha dura — outro acrescentou. — O que também não seria nada divertido de fazer, mesmo com os homens de Horth. Dar a volta na Floresta Thorn-tree para surpreender o inimigo pela retaguarda vai ser bem difícil, pode ter certeza.

Will franziu a testa quando ouviu essas palavras. Evidentemente, Morgarath e Horth, que Will imaginou ser um líder guerreiro escandinavo, estavam planejando outra surpresa traiçoeira para as forças do reino. Ele tentou visualizar o mapa das terras que cercavam as planícies de Uthal, mas as lembranças eram vagas. Deveria ter prestado mais atenção às aulas de geografia de Halt.

— Por que geografia é tão importante? — ele se lembrou de ter perguntado ao professor.

— Porque mapas são importantes se você quiser saber onde o seu inimigo está e para onde vai — tinha sido a resposta.

Aborrecido, Will percebeu naquele momento como o mestre estava certo. De repente, ao pensar no seu sábio e capaz professor, Will se sentiu muito só e bastante perdido.

— Seja como for — Erak dizia —, as coisas vão ser diferentes quando os homens de Ovlak chegarem. Embora pareça que eles estão levando tempo demais para isso.

— Relaxe — disse um colega. — Leva alguns dias para conduzir 500 homens pelos Penhascos do Sul. Lembre o tempo que nós levamos.

— É — disse outro. — Mas nós estávamos abrindo uma trilha. Eles só precisam seguir ela.

— Bom, espero que cheguem logo — Erak disse, levantou e se espreguiçou. — Bom, eu vou dormir, pessoal, assim que fizer minhas necessidades.

— Bem, não vá fazer perto do fogo — um dos outros falou irritado. — Vá para trás daquelas pedras ali.

Aterrorizado, Will se deu conta de que o escandinavo tinha apontado as pedras onde ele estava escondido.

E agora Erak, rindo para o outro homem, estava andando em sua direção. Will precisava ir embora. Ele se moveu rapidamente de costas por alguns

metros e depois, rastejando depressa de bruços, usou todo o seu treinamento e suas habilidades naturais para se confundir com a paisagem.

Ele tinha se afastado cerca de 20 metros quando ouviu um barulho de líquido caindo no chão vindo de perto de onde tinha se escondido. Em seguida ouviu um suspiro de satisfação e, ao olhar para trás, viu o vulto des- cabelado de Erak recortado contra o brilho de centenas de fogueiras no vale.

Percebendo que o escandinavo estava concentrado no que fazia, Will deslizou pela escuridão e voltou para o túnel. Andou com cuidado os primeiros metros, permitindo que seus olhos se acostumassem à luz fraca das tochas, mas logo começou a correr, quase sem fazer barulho no piso arenoso com as botas macias.



Will encontrou Horace esperando por ele no túnel onde o tinha deixado. O aprendiz de guerreiro estava com a mão sobre o punho da espada.

— Conseguiu descobrir alguma coisa? — sussurrou com a voz rouca. Will soltou a respiração ruidosamente, ao perceber que a estava prendendo há algum tempo.

— Sim — ele disse. — E só coisas ruins.

Ele levantou a mão para impedir o amigo de fazer mais perguntas.

— Vamos voltar e atravessar a ponte — ele pediu.

— Vou contar tudo do outro lado.

Ele olhou para o túnel lateral onde tinham deixado o mineiro celta.

— Você ouviu mais alguma coisa de Glendyss? — ele quis saber, mas Horace apenas balançou os ombros com tristeza.

— Ele começou a gemer uma hora atrás e depois ficou quieto. Acho que está morto. Pelo menos morreu do jeito que queria — Horace concluiu seguindo Will pelo túnel mal iluminado até a ponte.

Eles atravessaram as tábuas outra vez, até onde Evanlyn os esperava com os cavalos, bem longe da ponte e fora de visão. Quando se aproximaram, Will chamou o nome dela baixinho para não assustá-la. Horace tinha deixado a adaga com Evanlyn, e Will pensou que não seria sensato se aproximar da moça armada sem avisar.

Enquanto descrevia a cena que tinha visto do outro lado do túnel, ele rabiscou um mapa apressadamente na areia.

— Nós vamos ter que encontrar um jeito de retardar as forças de Morgarath — ele disse.

Os outros dois olharam para ele curiosos. Retardá-las? Como podiam dois aprendizes e uma garota retardar 500 escandinavos e vários milhares de Wargals implacáveis?

— Pensei que você tinha dito que devíamos levar as notícias para o rei — Evanlyn disse.

— Não temos mais tempo — Will retrucou simplesmente. — Vejam.

Eles se inclinaram para a frente enquanto ele apagava o desenho que tinha feito na areia e rapidamente fazia outro. Não tinha certeza de que o diagrama era preciso, mas incluía os pontos mais importantes do reino, além do Planalto do Sul, governado por Morgarath.

— Eles disseram que têm mais escandinavos subindo os penhascos da costa sul para se juntar aos Wargals que já vimos. Vão atravessar a fenda aqui, onde estamos, e vão até o norte para atacar os barões pela retaguarda, enquanto esperam que Morgarath tente sair do Desfiladeiro dos Três Passos.

— Sim — Horace concordou. — Sabemos disso. Deduzimos isso assim que vimos a ponte.

Will olhou para Horace, que ficou em silêncio. Ele percebeu que o aprendiz de arqueiro tinha algo mais a dizer.

— Mas — Will continuou, enfatizando a palavra e parando um momento — eu também ouvi eles dizerem alguma coisa sobre Horth e seus homens marchando ao redor da Floresta Thorntree. Isso fica ao norte das Planícies de Uthal.

— O que levaria os escandinavos a noroeste do exército do rei — Evanlyn comentou entendendo a ideia imediatamente. — Os barões ficariam encurralados entre os Wargals e os escandinavos que cruzaram a ponte e a outra força do norte.

— Exatamente — Will afirmou encontrando o olhar dela. Os dois conseguiam avaliar o quanto a situação seria perigosa para os barões reunidos lá. Esperando um ataque escandinavo pelos pantanais, a leste, eles seriam pegos de surpresa não de uma, mas de duas direções diferentes, presos e esmagados entre os braços de uma tenaz.

— Então é melhor avisarmos o rei, com certeza! — Horace insistiu.

— Horace — Will começou paciente —, a gente precisaria de quatro dias para chegar às Planícies.

— Mais um motivo para irmos andando. Não temos um minuto a perder! — disse o jovem guerreiro.

— E então — Evanlyn ajuntou entendendo o que Will queria dizer — vai levar pelo menos outros quatro dias até que outra força volte e defenda a ponte. Talvez mais.

— São oito dias ao todo — Will continuou. — Você se lembra do que o pobre mineiro disse? A ponte vai estar pronta em quatro dias. Os Wargals e os escandinavos vão ter tempo suficiente para cruzar a fenda, se reunir em formação de batalha e atacar o exército do rei.

— Mas... — Horace começou, e Will o interrompeu.

— Horace, mesmo que a gente consiga avisar o rei e os barões, eles são em menor número e vão ser pegos, sem condições de recuar, entre duas forças. Os pântanos estarão atrás deles. Sei que temos de avisar eles, mas também podemos fazer algo aqui para equilibrar os números.

— Além disso — Evanlyn disse, e Horace se virou para olhá-la —, se pudermos fazer alguma coisa para impedir que os Wargals e os escandinavos atravessem aqui, o rei vai ter vantagem sobre a força de escandinavos que está no norte.

— E acho que não vão estar em menor número — ele disse.

— Essa é uma parte da questão — Evanlyn acrescentou depois de concordar. — Mas esses escandinavos vão esperar reforços para atacar o rei pela retaguarda: reforços que nunca vão chegar.

A expressão de Horace mostrou que ele finalmente tinha entendido tudo. Ele assentiu com a cabeça várias vezes, mas então voltou a franzir a testa.

— Mas o que podemos fazer para parar os Wargals aqui? — perguntou.

Will e Evanlyn trocaram um olhar. Ele percebeu que tinham chegado à mesma conclusão. Ambos falaram ao mesmo tempo.

— Queimar a ponte.



A cabeça de Blaze pendia baixa enquanto ele trotava lentamente nos arredores do acampamento do rei, nas Planícies de Uthal. Gilan oscilava cansado na sela. Ele quase não tinha dormido nos últimos três dias, aproveitando apenas breves momentos de descanso a cada quatro horas.

Dois guardas deram um passo à frente para impedir seu avanço, e o jovem arqueiro remexeu dentro da camisa em busca do amuleto prateado em forma de folha de carvalho, a insígnia do arqueiro do reino. Quando o viram, os guardas recuaram apressados para abrir caminho. Em tempos como aqueles, ninguém retardava um arqueiro... não, se soubesse o que era bom para si.

— Onde está a barraca do Conselho de Guerra? — Gilan indagou esfregando os olhos cansados.

Um dos guardas apontou com a lança para uma barraca maior do que o normal instalada num outeiro que se erguia sobre o resto do acampamento. Havia mais guardas ali e um grande número de pessoas indo e vindo, como era de se esperar que acontecesse no centro nervoso de um exército.

— Ali, senhor. Naquele pequeno morro.

Gilan assentiu. Ele tinha chegado até ali muito depressa, terminando a jornada de quatro dias em apenas três. Aquelas poucas centenas de metros pareciam quilômetros. Ele se inclinou para a frente e sussurrou no ouvido de Blaze.

— Falta pouco, meu amigo. Só mais um pequeno esforço, por favor.

Os ouvidos do cavalo exausto se agitaram e ele levantou um pouco a cabeça. O incentivo de Gilan o fez passar para um leve trote e eles atravessaram o acampamento.

Tinha poeira misturada com a brisa, cheiro de madeira queimada, barulho e confusão: o acampamento era como qualquer acampamento do exército em qualquer lugar do mundo. Ordens sendo gritadas. O som metálico e o estrépito de armas sendo consertadas ou afiadas. Risos vindos das barracas, onde homens relaxavam deitados, sem tarefas para cumprir, até que seus sargentos os encontrassem e lhes dessem novas ordens. Esse pensamento fez Gilan sorrir

fracamente. Sargentos pareciam não suportar ver homens sem fazer nada.

Blaze parou mais uma vez, e Gilan percebeu, com um choque, que realmente tinha cochilado na sela. Diante dele, dois outros guardas barraram o caminho até o recinto do Conselho de Guerra. Ele olhou para os dois com a vista turva.

— Arqueiro do rei — grunhiu com a garganta seca.

— Mensagem para o conselho.

Os guardas hesitaram. Aquele homem coberto de poeira, semi-adormecido, sentado num cavalo baio exausto e com a boca espumando talvez fosse um arqueiro. Até onde sabiam, estava vestido como tal. No entanto, os guardas conheciam de vista quase todos os arqueiros mais velhos e nunca tinham visto aquele jovem antes. O rapaz não tinha mostrado nenhuma identificação.

Mas o fato mais importante que notaram era que ele carregava uma espada, que definitivamente não era a arma de um arqueiro, de modo que relutaram em permitir sua entrada no cuidadosamente vigiado recinto do Conselho de Guerra. Irritado, Gilan percebeu que não tinha deixado a folha de carvalho de prata à mostra fora da camisa. De repente, o esforço de encontrá-la novamente ficou muito grande. Ele remexeu cegamente no colarinho. Então uma voz conhecida e muito bem-vinda cortou seus pensamentos.

— Gilan! O que aconteceu? Você está bem?

Aquela era a voz que tinha representado conforto e segurança para ele durante todos os cinco anos de seu aprendizado. A voz da coragem, da capacidade e da sabedoria. A voz que sempre sabia exatamente quando era preciso agir.

— Halt — ele murmurou, enquanto percebia que estava oscilando e caindo da sela.

Halt o pegou antes que caísse no chão. Ele olhou para as duas sentinelas que estavam ao seu lado sem saber se deviam ou não ajudar.

— Deem uma mão! — ele ordenou, e os dois guardas saltaram para a frente, deixando cair as lanças com estrépito para apoiar o jovem arqueiro semi-inconsciente.

— Vamos levar você a algum lugar para descansar — Halt disse. — Você está péssimo.

Mas Gilan reuniu suas últimas reservas de energia e, empurrando os soldados, ficou firme nos próprios pés.

— Notícias importantes — ele disse para Halt. — Preciso ver o conselho. Tem uma coisa ruim acontecendo em Céltica.

Halt sentiu a mão fria da premonição agarrar seu coração. Ele olhou ao redor observando o caminho pelo qual Gilan tinha vindo. Más notícias de Céltica. E Gilan aparentemente sozinho.

— Onde está Will? — ele perguntou preocupado.

— Ele está bem?

Seu coração se encheu de alegria quando Gilan assentiu com um gesto, mostrando uma sombra do sorriso habitual.

— Ele está bem — Gilan disse ao arqueiro grisalho. — Eu vim na frente.

À medida que andavam, eles se aproximavam do pavilhão central. Lá havia mais guardas de plantão, que saíram do caminho ao ver o arqueiro mais velho. Ele era uma figura conhecida no Conselho de Guerra. Estendeu a mão para dar apoio ao antigo aprendiz, e os dois entraram na sombra fresca do pavilhão do conselho.

Um grupo de meia dúzia de homens estava reunido em volta de um mapa de areia, uma grande mesa que mostrava as principais características das planícies e das montanhas modeladas em areia.

Eles se viraram ao escutar os passos dos recém-chegados, e um deles se aproximou depressa com a expressão preocupada.

— Gilan! — exclamou.

Era um homem alto cujos cabelos grisalhos revelavam seus 50 e tantos anos. Mas ele ainda se movia com a rapidez e elegância de um atleta ou de um guerreiro. Gilan lhe deu seu sorriso cansado.

— Bom-dia, pai — ele cumprimentou, pois o homem alto e grisalho não era ninguém menos que sir David, mestre de guerra do feudo Caraway e comandante de campo do exército do rei. O mestre de guerra olhou rapidamente para Halt e viu um breve gesto de cabeça que o tranquilizou. Ele percebeu que Gilan só estava exausto. Então, seu senso de dever superou sua reação paternal.

— Cumprimente seu rei adequadamente — pediu com suavidade, e Gilan olhou para o grupo de homens cuja atenção estava toda voltada para ele.

Ele reconheceu Crowley, o comandante do Corpo de Arqueiros, o barão Arald e dois outros barões mais velhos do reino: Thorn de Drayden e Fergus de Caraway. Mas a figura no centro chamou sua atenção. Um homem alto e loiro com quase 40 anos, barba curta e olhos verdes penetrantes. Ele tinha ombros largos e era musculoso, pois Duncan não era um rei que deixava outros lutarem por ele. Ele tinha praticado o uso da espada e da lança desde garoto e era considerado um dos cavaleiros mais capazes de seu próprio reino.

Gilantentou se apoiar num dos joelhos, mas suas articulações gritaram

em protesto e ameaçaram travar. A pressão da mão de Halt sob seu braço foi o que o impediu de cair novamente.

— Senhor... — ele começou em tom de desculpas, mas Duncan já tinha se aproximado, estendendo a mão para firmá-lo.

Gilan ouviu a apresentação de Halt.

— Arqueiro Gilan, meu senhor, ligado ao feudo Meric. Com mensagens de Céltica.

— Céltica? — o rei repetiu cheio de interesse e analisando Gilan com mais atenção. — O que está acontecendo lá?

Os outros membros do conselho tinham se afastado do mapa de areia e se reuniram ao redor de Gilan.

— Gilan estava levando suas mensagens para o rei Swyddned, meu senhor — o barão Arald informou. — Para invocar o tratado mútuo de defesa e solicitar que Swyddned enviasse tropas para se juntar a nós...

— Elas não vão vir — Gilan interrompeu.

Ele percebeu que tinha que contar ao rei suas notícias antes que desmaiasse de exaustão.

— Morgarath encurralou elas na península do sudoeste.

Houve um silêncio atônito no pavilhão do Conselho.

— Morgarath? — o pai de Gilan perguntou incrédulo. — Como? Como ele conseguiu levar qualquer tipo de exército para Céltica?

Gilan balançou a cabeça reprimindo um enorme desejo de bocejar.

— Eles fizeram pequenos grupos descenderem os penhascos até terem tropas suficientes para apanhar os celtas de surpresa. Como o senhor sabe, Swyddned mantém apenas um pequeno exército de prontidão...

O barão Arald assentiu com uma expressão zangada.

— Eu avisei Swyddned, meu senhor — ele afirmou. — Mas esses malditos celtas sempre estiveram mais interessados em cavar do que em proteger o próprio reino.

Duncan fez um pequeno gesto tranquilizador com a mão.

— Não temos tempo para recriminações, Arald — ele disse devagar. — Receio que o que está feito, está feito.

— Imagino que Morgarath venha vigiando os celtas durante anos, esperando que sua avareza superasse o bom senso — o barão Thorn disse com amargura.

Os outros homens concordaram em silêncio. Eles conheciam muito bem a habilidade de Morgarath em manter uma rede de espiões.

— Então Céltica foi derrotada por Morgarath? É isso o que está nos

dizendo? — Duncan perguntou.

A resposta de Gilan trouxe alívio a todos.

— Os celtas estão ocupando o sudoeste, meu senhor. Eles ainda não foram derrotados. Mas o estranho nessa situação é que grupos de Wargals têm sequestrado mineiros celtas.

— O quê? — desta vez foi Crowley que interrompeu. — Que raios de utilidade os mineiros têm para Mor- garath?

— Não tenho ideia, senhor — Gilan respondeu ao chefe, dando de ombros. — Mas pensei que era melhor vir até aqui com as notícias o mais rápido possível.

— Então você viu isso acontecer, Gilan? — Halt perguntou com uma expressão sombria, refletindo confuso sobre o que o jovem arqueiro tinha acabado de contar.

— Não exatamente — Gilan admitiu. — Vimos as cidades mineiras vazias e postos de fronteira desertos. Estávamos indo para o interior de Céltica quando encontramos uma jovem garota que nos contou sobre os ataques.

— Uma garota? Uma celta? — o rei perguntou.

— Não, senhor. Ela é de Araluen. A criada cuja ama estava visitando a corte de Swyddned. Infelizmente, eles se depararam com uma tropa de Wargals. Evanlyn foi a única a escapar.

— Evanlyn? — Duncan repetiu numa voz que era apenas um sussurro.

Os outros se viraram quando ele falou. O rosto do rei tinha empalidecido, e seus olhos estavam arregalados pelo terror.

— Esse é o nome dela, senhor — Gilan disse espantado com a reação do rei.

Mas Duncan não estava ouvindo. Ele tinha se virado e foi cegamente para uma cadeira de lona colocada junto de sua pequena mesa de leitura, deixando-se cair na cadeira com a cabeça escondida nas mãos. Assustados com a reação, os membros do Conselho de Guerra se aproximaram dele.

— Meu senhor — sir David de Caraway disse —, o que aconteceu?

Lentamente, Duncan levantou os olhos para encarar o mestre de guerra.

— Evanlyn... — ele disse com a voz trêmula de emoção. — Evanlyn era a criada de minha filha.



Não havia tempo para colocar o plano em ação naquela noite. O sol ia nascer dali a menos de uma hora. Num determinado momento, Will tinha sugerido que Horace e Evanlyn o deixassem para trás cuidando da ponte e fossem levar as notícias a Araluen. Mas Horace tinha recusado.

— Se formos agora, não vamos saber se você teve êxito. Então, o que vamos dizer ao rei? Que existe uma ponte ou não? — ele argumentou com outro exemplo do sólido bom senso que tinha se tornado parte de seu raciocínio. — E, além disso, destruir uma ponte desse tamanho pode ser uma tarefa um pouco maior do que você consegue enfrentar sozinho... até mesmo um arqueiro famoso como você.

Ele sorriu quando disse essas últimas palavras para que o amigo soubesse que não queria ofendê-lo. Will concordou com tal opinião, pois, secretamente, estava satisfeito de ter os dois com ele. Também acreditava que talvez não fosse capaz de realizar a tarefa sozinho.

Eles tiveram um sono agitado até o amanhecer e finalmente foram acordados pelos sons dos gritos e chicotadas dos Wargals que levavam os mineiros de volta à tarefa de terminar a ponte. Durante todo o dia, eles observaram assustados a passagem se aproximar cada vez mais do lado da ravina onde estavam escondidos. Com uma sensação de desânimo, Will se deu conta de que o cálculo feito pelo mineiro agonizante não era confiável. Talvez os escravos adicionais fossem o motivo, mas era óbvio que a ponte estaria pronta no fim do dia seguinte.

— Temos que agir hoje à noite.

Will sussurrou as palavras na orelha de Evanlyn. Os dois estavam deitados de bruços sobre as pedras e observavam o local da construção. Horace estava distante alguns metros, cochilando calmamente debaixo do frio sol da manhã. A garota mudou de posição para que sua boca ficasse mais perto da orelha do jovem arqueiro e sussurrou de volta.

— Andei pensando... como vamos começar esse fogo? Aqui não há lenha suficiente nem para uma fogueira decente.

A mesma pergunta tinha invadido a mente de Will durante a noite. Mas a resposta também tinha surgido. Ele sorriu tranquilamente enquanto observava um grupo de mineiros celtas martelando tábuas de pinho sobre a estrutura da ponte para formar a passarela.

— Há bastante lenha aqui — ele respondeu. — Se você souber onde procurar.

Evanlyn olhou para ele confusa e então seguiu seu olhar. A expressão preocupada desapareceu de seu rosto, e ela sorriu devagar.

Quando a noite caiu, os Wargals reuniram seus escravos cansados e famintos na ponte e os levaram para o túnel. Will percebeu que no fim da tarde o trabalho de alargamento do túnel parecia ter sido completado. Eles esperaram mais uma hora até que estivesse totalmente escuro. Durante esse tempo, não houve nenhum sinal de atividade no local. Agora que sabiam onde procurar, podiam ver a luz do fogo vindo do vale no outro lado do túnel que se refletia nas nuvens baixas empurradas pelo vento.

— Espero que não chova — Horace disse de repente. — Isso levaria nossa ideia por água abaixo.

Will parou de andar e olhou para ele depressa. Aquele pensamento desagradável não lhe tinha ocorrido.

— Não vai chover — ele disse com firmeza na esperança de ter razão.

Continuou a andar, conduzindo Puxão com delicadeza para a extremidade inacabada da ponte. O pequeno cavalo parou ali com as orelhas em pé e as narinas estremecendo com os cheiros do ar noturno.

— Alerta!

Will falou com suavidade para o cavalo a palavra de comando que lhe dizia para avisar caso sentisse a aproximação do perigo. Puxão balançou a cabeça uma vez mostrando que tinha entendido. Em seguida, e andando com cuidado ao cruzar as vigas estreitas acima do precipício assustador, Will abriu caminho na direção da estrutura da ponte onde a passarela tinha sido completada. Horace e Evanlyn o seguiram com mais cuidado. Mas naquela noite, para alívio de Horace, a distância a atravessar antes de chegar à superfície firme e segura da ponte terminada era menor. Ele percebeu que Will tinha razão. No dia seguinte, a ponte estaria acabada.

Will despreendeu o arco e a aljava e os colocou nas tábuas. Em seguida, tirou a faca do estojo e, caindo de joelhos, começou a levantar as tábuas mais próximas na passarela da ponte. Elas eram de pinho macio e tinham sido serradas grosseiramente, portanto eram perfeitas para acender um fogo.

Horace empunhou a adaga e começou a levantar as tábuas na fileira

seguinte. À medida que eles as soltavam, Evanlyn as colocava de lado, formando uma pilha. Quando juntou seis tábuas com 1 metro de comprimento cada, ela as pegou, correu rapidamente para o extremo oposto da ponte e as empilhou do outro lado da fenda, perto de onde os imensos cabos cobertos de piche estavam amarrados a postes de madeira. Ao voltar, Will e Horace já tinham removido outras seis. Estas foram levadas para o outro cabo.

Will tinha explicado seu plano um pouco antes naquele dia. Para garantir que não restasse nenhuma estrutura do outro lado, eles precisariam queimar totalmente os dois cabos e postes naquela extremidade, deixando a ponte cair nas profundidades da fenda. Os Wargals talvez pudessem cobrir a fenda com uma pequena ponte de corda provisória, mas nada forte o bastante para permitir que tropas numerosas atravessassem em pouco tempo.

Depois de queimar a ponte, eles iriam a toda velocidade alertar o exército do rei sobre a ameaça no sul. Se um número reduzido de Wargals atravessasse a fenda, poderia ser enfrentado com facilidade pelas tropas do reino.

Os dois garotos continuaram a soltar as tábuas. Evanlyn não parou com suas idas e vindas pela ponte até que as pilhas junto de cada poste ficaram bem altas. Apesar da noite fria, os dois garotos estavam suando intensamente por causa do esforço. Finalmente, Evanlyn colocou a mão no ombro de Will quando ele soltou uma tábua e começou imediatamente a trabalhar em outra.

— Acho que é suficiente — ela disse simplesmente, ele parou e enxugou a testa com as costas da mão esquerda.

Ela fez um gesto na direção da outra extremidade da ponte, onde havia pelo menos vinte tábuas empilhadas em cada lado da estrada. Ele tentou se livrar da dor na nuca virando a cabeça de um lado para outro e então se levantou.

— Você tem razão — ele concordou. — Isso deve ser suficiente para fazer o resto queimar.

Com um sinal para que os outros o seguissem, Will pegou o arco e a aljava e foi para o outro lado da ponte.

Ele olhou com atenção para as duas pilhas de madeira por alguns momentos.

— Precisamos acender esse fogo — ele disse olhando ao redor para ver se havia pequenas árvores ou arbustos que pudessem fornecer galhos para começar o ^{fo}g^o.

Mas ele não viu nada. Horace estendeu a mão pedindo a faca de Will.

— Empréstimo por um instante — ele pediu, e Will entregou a arma para o amigo.

Horace testou o equilíbrio da faca pesada por um momento. Então, pegou uma das tábuas compridas, ficou de pé sobre uma de suas extremidades e, com alguns golpes surpreendentemente rápidos, cortou-a em uma dezena de tiras finas.

— Não é a mesma coisa que praticar com a espada — ele riu para os outros dois — mas é bem parecido.

Enquanto Will e Evanlyn formavam duas pequenas piras com os finos pedaços de pinho, Horace pegou outra tábua e trabalhou com mais cuidado, escavando finos rolos de pinho para queimarem com as primeiras faíscas da pedra de fogo que usariam para acender a fogueira. Will olhou uma vez para Evanlyn e, satisfeito em ver que ela sabia o que estava fazendo, voltou-se para a própria tarefa, aceitando os punhados de espirais de pinho que Horace lhe passou e empilhando-os em volta das tábuas.

Quando Will passou para o lado de Evanlyn para fazer a mesma coisa com a fogueira que ela estava preparando, Horace partiu mais algumas tábuas ao meio e cortou as metades em dois. Nervoso com o barulho, Will olhou para cima.

— Não faça barulho — ele pediu ao aprendiz de guerreiro. — Você sabe que esses Wargals não são exatamente surdos, e o som pode atravessar o túnel.

— Bom, eu já acabei mesmo — Horace tornou dando de ombros. Will parou e examinou as duas piras. Satisfeito por elas terem a combinação perfeita de lenha e madeira leve para acender o fogo, ele voltou para junto dos amigos.

— Vão indo na frente — ele disse. — Vou começar o fogo e me encontro com vocês.

Horace não precisou de um segundo convite. Ele não queria ter que atravessar correndo as vigas descobertas da ponte com o fogo lambendo os cabos atrás dele. Queria tempo suficiente para ficar a uma distância segura. Evanlyn hesitou por um momento e depois percebeu a sensatez do conselho de Will.

Eles atravessaram com cuidado, tentando não olhar para as profundezas agonizantes abaixo da ponte, pois havia um espaço aberto maior, já que algumas das tábuas que formavam a passarela tinham sido removidas. Quando chegaram em segurança ao outro lado, eles se viraram e acenaram para Will. Ele era só um vulto agachado e indistinto nas sombras ao lado do suporte direito da ponte. Houve um clarão forte quando ele usou sua pedra de fogo, logo seguido por outro. E, desta vez, um brilho intenso e amarelo se formou na base da pilha de madeira quando as lascas de pinho pegaram fogo e as chamas cresceram.

Will as soprou delicadamente e observou as pequenas chamas ansiosas se

espalharem, lambendo o pinho áspero, alimentando-se da resina inflamável que cobria os veios da madeira, ficando maiores e mais vorazes a cada segundo. Ele viu os primeiros pedaços mais finos se incendiarem e depois as chamas subiram, cobrindo avidamente a balaustrada de corda da ponte e começando a se aproximar dos grossos cabos. O piche começou a chiar. Gotas derretiam e caíam nas chamas, inflamando-se com um clarão azul brilhante.

Satisfeito em ver o primeiro fogo se espalhando conforme o esperado, Will correu para o lado oposto e passou a trabalhar com sua pedra de fogo mais uma vez. Novamente, Horace e Evanlyn viram os clarões brilhantes se transformarem numa labareda amarela que crescia rapidamente.

Will, agora uma silhueta nítida contornada pela luz das duas fogueiras, se levantou e recuou, observando-as até se certificar de que ambas estavam adequadamente acesas. O poste e o cabo da direita já estavam começando a fumegar. Finalmente contente, Will apanhou o arco e a aljava e atravessou a ponte correndo, quase sem diminuir o ritmo ao passar as vigas estreitas.

Ao chegar ao outro lado, ele se virou para olhar para trás e observar seu trabalho. O cabo da direita estava queimando ferozmente. Uma rajada de vento repentina mandou uma chuva de faísca para o alto. A fogueira da esquerda parecia não estar queimando tão bem. Talvez uma contracorrente do vento tivesse impedido as chamas de atingir a corda embebida em piche naquele lado. Talvez a madeira que tinham usado estivesse úmida. O fogo debaixo do cabo da esquerda lentamente se apagou e se transformou num monte de brasas vermelhas.



Gilan desviou o olhar do rosto torturado de seu rei. Todos no pavilhão podiam ver a dor que Duncan sentiu ao saber que a filha tinha sido morta pelos Wargals de Morgarath. Gilan olhou para os outros homens à procura de algum tipo de apoio e viu que nenhum deles conseguia enfrentar o olhar do monarca.

Duncan se levantou da cadeira, andou até a entrada da barraca e ficou olhando para o sudoeste como se pudesse, de alguma forma, ver a filha ao longe.

— Cassandra foi visitar Célitica há oito semanas — ele contou. — Ela é uma grande amiga da princesa Madydd. Quando toda essa história com Morgarath começou, pensei que ela estaria em segurança ali. Não vi motivos para trazê-la de volta.

Ele se afastou da porta e olhou nos olhos de Gilan.

— Conte. Conte tudo o que sabe...

— Meu senhor... — Gilan balbuciou raciocinando, Ele sabia que teria que contar o máximo possível ao rei. Mas também queria evitar um sofrimento desnecessário para ele.

— A garota nos viu e se aproximou. Ela reconheceu Will e a mim como arqueiros. Aparentemente, conseguiu escapar quando os Wargals atacaram seu grupo. Ela disse que os outros foram... — Ele hesitou, pois não conseguia continuar.

— Continue — Duncan pediu com a voz firme.

— Ela disse que os Wargals mataram eles, meu senhor. Todos eles — Gilan terminou apressado.

De alguma forma, sentiu que seria mais fácil se contasse tudo depressa.

— Ela não queria contar detalhes, pois estava exausta, mental e fisicamente.

— Pobre garota — Duncan murmurou. — Deve ter sido uma coisa terrível de ver. Ela é uma boa criada. Na verdade, era mais uma amiga de Cassandra — ele acrescentou com suavidade.

Gilan sentiu necessidade de continuar falando com o rei, de dar a ele todos os detalhes possíveis sobre a perda da filha.

— Primeiro, quase a confundimos com um garoto — ele disse lembrando-se do momento em que Evanlyn se aproximou do acampamento.

Duncan olhou para cima com a expressão confusa.

— Um garoto? — ele repetiu. — Com todos aqueles cabelos ruivos?

— Eles estavam bem curtos — Gilan informou dando de ombros. — Provavelmente para disfarçar sua aparência. As colinas celtas estão cheias de bandidos e ladrões nesse momento. E também de Wargals.

Ele percebeu que alguma coisa estava errada. Estava muito cansado, ansioso por uma cama, e seu cérebro não funcionava direito. Mas o rei tinha dito alguma coisa que não encaixava. Alguma coisa que...

Ele balançou a cabeça, tentando refletir, e vacilou sobre os pés exaustos, satisfeito por ter o braço firme de Halt para apoiá-lo. Ao ver o movimento, Duncan se desculpou de imediato.

— Arqueiro Gilan — ele disse se aproximando e tomando a mão do rapaz —, perdoe-me. Você está exausto e o mantive aqui por causa de minha tristeza. Por favor, Halt, providencie comida e cama para Gilan.

— Blaze...

Gilan começou a dizer, pois se lembrou de seu cavalo cansado e coberto de poeira, parado do lado de fora da barraca.

— Está tudo bem — Halt respondeu. — Vou cuidar de Blaze.

Halt olhou para o rei mais uma vez e fez um gesto de cabeça na direção de Gilan.

— Com sua permissão, majestade.

Duncan fez sinal para que os dois saíssem.

— Sim, por favor, Halt. Cuide de seu camarada. Ele nos prestou um grande serviço.

Quando os dois arqueiros deixaram a barraca, Duncan se virou para seus conselheiros.

— Agora, senhores, vamos ver se podemos compreender esse último movimento de Morgarath.

O barão Thorn olhou rapidamente para os outros, procurando e conseguindo sua aprovação para ser o porta-voz de todos.

— Meu senhor — ele disse sem jeito —, talvez a gente deva lhe dar algum tempo para assimilar as últimas notícias...

Os demais conselheiros murmuraram, concordando com a ideia, mas Duncan balançou a cabeça com firmeza.

— Eu sou o rei — ele disse simplesmente. — E, para o rei, assuntos particulares vêm em último lugar. Questões do reino vêm em primeiro.



— Apagou! — Horace exclamou extremamente desapontado.

Os três olharam na mesma direção, esperando desesperadamente que ele estivesse errado, que seus olhos o estivessem enganando de alguma maneira. Mas ele tinha razão. O fogo debaixo do poste da esquerda tinha se transformado num pequeno amontoado de brasas.

Em comparação, o outro lado estava bem aceso, e o fogo subia vigorosamente pelas cordas cobertas de piche até o grosso cabo que sustentava o lado direito da ponte. De fato, uma das três cordas que formavam o cabo se queimou, e o lado direito da ponte rangeu assustadoramente.

— Talvez um lado seja suficiente — Evanlyn sugeriu esperançosa, mas Will balançou a cabeça frustrado, desejando que a segunda fogueira ganhasse nova força.

— O poste da direita está danificado, mas ainda pode ser usado — ele ressaltou. — Se o lado esquerdo resistir, eles ainda poderão atravessar para este lado. E, se fizerem isso, poderão consertar toda a ponte antes de avisarmos o rei Duncan.

Com determinação, ele pendurou o arco sobre o ombro e começou a atravessar a ponte outra vez.

— Aonde você vai? — Horace perguntou olhando temeroso para a estrutura.

A ponte tinha ficado bem inclinada para um dos lados depois que o cabo da direita tinha se queimado. Depois que Horace fez a pergunta, a estrutura estremeceu de novo, inclinando-se um pouco mais para o fundo do abismo.

Will parou, equilibrado na viga estreita que se estendia de um lado a outro do precipício.

— Vou ter que contar com a sorte — ele disse. — Temos que ter certeza de que não vai restar nada que possam salvar.

E, dizendo isso, correu para o outro lado. Horace ficou enjoado só de vê-lo se movimentar tão depressa por cima daquele abismo tão fundo sem nada além de uma viga estreita debaixo dele. Numa impaciência febril, os outros dois colegas viram Will se agachar perto das brasas. Ele começou a abaná-las e se inclinou para assoprar, até que uma pequena língua de fogo estremeceu na pilha de madeira não queimada.

— Ele conseguiu! — Evanlyn exclamou, mas o triunfo em sua voz desapareceu quando a chama se apagou.

Novamente, Will se inclinou e começou a soprar as brasas suavemente. O cabo do lado direito cedeu mais um pouco, e a ponte vacilou, afundando mais para aquele lado.

— Vamos! Vamos! — Horace dizia repetidas vezes para si mesmo, apertando as mãos uma na outra enquanto observava o amigo.

Então Puxão relinchou baixinho.

Horace e Evanlyn se viraram para olhar o pequeno cavalo. Eles não teriam reagido se tivesse sido uma de suas montarias, mas sabiam que Puxão era treinado para ficar em silêncio, a menos que...

A menos que...! Horace olhou para onde Will estava agachado sobre o que restava do fogo. Evidentemente, ele não tinha ouvido o aviso do animal. Evanlyn puxou o braço de Horace e apontou.

— Olhe! — ela disse, e o garoto seguiu a ponta do dedo da garota até a entrada do túnel, onde uma luz começava a aparecer.

Alguém se aproximava! Puxão bateu a pata no chão e relinchou novamente, um pouco mais alto desta vez, mas Will, perto do barulho do fogo que queimava o cabo da direita, não escutou. Evanlyn tomou uma decisão.

— Fique aqui! — ela ordenou a Horace e começou a atravessar a viga de madeira.

Com o coração aos pulos, caminhou com cuidado enquanto a estrutura enfraquecida da ponte balançava e estremecia. Debaixo dela, havia a escuridão e, bem no fundo, o brilho prateado do rio que corria velozmente pela base da fenda. Ela balançou, recuperou-se e continuou. A passarela estava só a 8 metros de distância. Depois 5. E depois 3.

A ponte oscilou outra vez, e a menina ficou parada por um tenebroso momento, com os braços estendidos para manter o equilíbrio, balançando sobre o terrível abismo. Atrás dela, ouviu o grito de aviso de Horace. Respirando fundo, disparou para a segurança da passarela de tábuas, caindo de comprido no chão áspero de pinho da ponte.

Muito assustada por quase ter caído, ela se levantou e correu. Quando se aproximou, Will percebeu o movimento e olhou para cima. Sem Fôlego, ela apontou para a entrada do túnel.

— Eles estão vindo! — ela gritou.

Naquele momento, quando o pequeno grupo de figuras apareceu, os dois perceberam que a luz refletida do interior do túnel vinha do brilho de várias tochas acesas. Elas pararam na entrada, apontando e gritando quando viram as

chamas que se elevavam bem acima da ponte.

Evanlyn contou seis e, por causa do modo de andar vacilante e desajeitado, ela reconheceu os Wargals.

As criaturas começaram a correr na direção da ponte. Estavam a mais de 50 metros de distância, mas cobriam o trecho rapidamente. E, com certeza, outros deveriam estar vindo atrás deles.

— Vamos sair daqui! — ela disse agarrando a manga da camisa de Will.

Mas ele se soltou da mão dela com sua expressão sombria. Ele apanhou o arco e a aljava, pendurou-a no ombro e verificou se a corda estava bem presa no arco.

— Volte! — ele ordenou. — Eu vou ficar e manter eles para trás.

Quase ao mesmo tempo em que falou, Will ajustou uma flecha na corda e, praticamente sem mirar, atirou na direção do líder. A flecha o acertou no peito, e o Wargal caiu com um grito, ficando depois em silêncio.

Seus companheiros pararam imediatamente ao ver a flecha. Eles olharam ao redor cautelosos, tentando descobrir de onde ela tinha vindo. Sua mente estreita e primitiva lhes dizia que talvez aquilo fosse uma armadilha. De onde estavam, não podiam ver o pequeno vulto no fim da ponte. E, no momento em que olharam, outras três flechas atravessaram assobiando a escuridão. As pontas de aço de duas delas soltaram faíscas quando bateram contra as rochas. A terceira atingiu o braço de um dos Wargals que se encontrava atrás do grupo. Ele gritou de dor e caiu de joelhos.

Os Wargals hesitaram sem saber o que fazer. Quando viram a luz e a fumaça provocadas pelo fogo acima da colina que separava a área do acampamento da ponte, eles tinham vindo investigar. Agora, arqueiros invisíveis os estavam atacando. Tomando uma decisão, e sem ninguém para mandá-los avançar, recuaram rapidamente para o abrigo da entrada do túnel.

— Eles estão voltando! — Evanlyn contou a Will. Mas ele já tinha visto o movimento e estava novamente de joelhos, tentando freneticamente reacender o fogo.

— Vamos ter que arrumar tudo de novo! — ele murmurou. Evanlyn se ajoelhou do lado dele e começou a ajeitar as tiras de madeira e os pedaços maiores, formando uma pira em forma de cone.

— Fique de olho nos Wargals, eu cuido do fogo — ela disse.

Will hesitou. Afinal, aquele era o fogo que ela tinha acendido. Será que tinha feito um bom trabalho? Então ele olhou para a entrada do túnel e viu movimento outra vez. Percebendo que a menina tinha razão, apanhou o arco e foi se esconder atrás de umas rochas próximas, mas Evanlyn o interrompeu.

— A sua faca! — ela pediu. — Deixe-a comigo.

Will não perguntou nada. Tirou a faca do estojo, deixou-a cair na tábua ao lado da menina e foi até as pedras. Ao sair da ponte, ele a sentiu tremer novamente quando o cabo da direita cedeu mais um pouco. Silenciosamente, amaldiçoou o capricho do vento que tinha aumentado uma das fogueiras e apagado a outra.

Encorajados pela falta de flechas assobiando nos últimos minutos, os quatro Wargals restantes saíram do túnel novamente e avançaram cuidadosamente. Sem uma verdadeira liderança inteligente e com uma falsa sensação de superioridade, eles ficaram agrupados, tornando-se um alvo fácil. Will atirou três vezes, mirando com bastante cuidado.

Cada tiro atingiu o alvo. O Wargal sobrevivente olhou para os camaradas feridos e se arrastou para o esconderijo oferecido pelas rochas. Will atirou outra flecha no granito exatamente acima de sua cabeça para encorajá-lo a ficar onde estava.

O garoto examinou a aljava. Ainda restavam 16 flechas. Não era muito, se os Wargals tinham pedido reforços. Ele olhou para Evanlyn. Seus esforços para reavivar o fogo pareciam enlouquecedoramente lentos. Ele queria gritar para que ela se apressasse, mas percebeu que só iria distraí-la e retardá-la. Will olhou novamente para o túnel.

Mais quatro vultos surgiram correndo e se separando para não serem pegos juntos. Will ergueu o arco, mirou e atirou no que estava mais longe, à direita. Ele soltou um pequeno grito de desespero quando a flecha voou para trás da figura que corria e logo desapareceu atrás das pedras.

Agradecendo os meses de treinamento a que Halt o tinha submetido, Will já havia tirado outra flecha da aljava e se preparava para atirar mesmo sem olhar para ela. Mas os outros três vultos também tinham desaparecido.

Naquele momento, um deles se ergueu e disparou para a frente. O tiro sem pontaria de Will cortou o ar acima da cabeça do alvo no momento em que ele se escondeu. Logo, outro se moveu para a esquerda, mergulhando num esconderijo antes que Will pudesse atirar. Os inimigos corriam rapidamente, e Will se esforçou para respirar fundo e se acalmar. Seu coração martelava dentro do peito. Ele se lembrou da última vez, apenas algumas semanas antes, em que o medo o fizera errar o alvo. Seu rosto ficou com uma expressão dura quando ele decidiu que isso não aconteceria de novo.

— Fique calmo — ele falou para si mesmo, tentando ouvir a voz de Halt dizendo essas palavras.

Outro vulto deu uma breve corrida e, desta vez, quando a luz do fogo o

iluminou melhor, os olhos de Will confirmaram o que ele tinha começado a suspeitar.

Os recém-chegados não eram Wargals. Eram escandinavos.



Totalmente exausto, Gilan dormiu como uma pedra por seis horas na barraca para onde Halt o tinha levado. Durante todo esse tempo, não se mexeu nem uma vez. Sua mente e seu corpo se fecharam, tirando novas forças do descanso total.

Depois dessas seis horas, o seu subconsciente começou a ficar agitado e a funcionar, e ele começou a sonhar. Sonhou com Will, Horace e a garota Evanlyn. Mas o sonho era turbulento e confuso, e ele viu os três capturados pelos Wargals, amarrados juntos enquanto os dois ladrões Bart e Carney olhavam e riam.

Gilan virou para o lado resmungando enquanto dormia. Halt, sentado perto dele, consertando as penas de suas flechas, olhou para o jovem arqueiro, viu que ainda estava adormecido e voltou à tarefa rotineira. Gilan resmungou de novo e depois ficou em silêncio.

No sonho, Gilan viu a criada Evanlyn como o rei a tinha descrito: com os cabelos compridos e soltos caindo nas costas, espessos, lustrosos e ruivos.

E então ele se sentou totalmente acordado.

— Meu Deus! — ele disse para um espantado Halt.

— Não é ela!

Halt praguejou quando derrubou a cola grossa e viscosa que estava usando para prender as penas de ganso ao cabo das flechas. O movimento repentino de Gilan o pegara de surpresa. Agora, ele estava limpando o líquido grudento e, um tanto irritado, se virou para o amigo.

— Será que você podia avisar quando vai começar a gritar desse jeito? — ele perguntou de mau humor.

Mas Gilan já estava fora da cama, pegando a calça e a camisa.

— Tenho que ver o rei! — ele disse ansioso.

Halt se levantou cauteloso, pois estava desconfiado de que o rapaz estivesse sofrendo uma crise de sonambulismo. O jovem arqueiro passou por ele depressa e disparou pela noite, enfiando a camisa na calça enquanto andava. Relutantemente, Halt o seguiu.

Houve uma pequena demora quando chegaram ao pavilhão do rei. A guarda tinha sido trocada várias horas antes, e as novas sentinelas não conheciam Gilan. Halt aqueceu tudo, mas não antes de Gilan tê-lo convencido de que era vital ver o rei Duncan, mesmo que isso significasse acordá-lo de um sono merecido.

Contudo, eles constataram que, apesar de ser muito tarde, o rei não estava dormindo. Ele e o comandante supremo de seu exército estavam discutindo possíveis razões para os ataques a Céltica quando Gilan, descalço, despenteado e com vários botões da camisa ainda abertos, recebeu permissão para entrar no pavilhão. Sir David olhou para cima e se assustou com a aparência do filho.

— Gilan! Que diabos você está fazendo aqui? — ele perguntou, mas Gilan o interrompeu com um gesto da mão.

— Um momento, pai — ele pediu. Então continuou encarando o rei.

— Majestade, quando descreveu a criada Evanlyn hoje cedo, falou de cabelos ruivos?

Sir David olhou para Halt em busca de uma explicação. O arqueiro mais velho deu de ombros, e sir David se virou para o filho com uma expressão zangada no rosto:

— Que diferença isso faz?

Mas novamente o filho o interrompeu, ainda se dirigindo ao rei.

— A garota com o nome de Evanlyn é loira, senhor — ele disse simplesmente.

Desta vez, foi o rei Duncan que levantou a mão pedindo silêncio ao seu zangado mestre de guerra.

— Loira? — ele repetiu.

— Loira, senhor. Os cabelos estavam bem curtos, como eu disse, mas eram loiros como os seus. E ela tinha olhos verdes — Gilan contou e observou Duncan com cuidado, porque percebeu a importância do que estava dizendo.

O rei hesitou um momento e cobriu o rosto com uma das mãos. Então ele falou com a esperança crescendo na voz.

— E o corpo? Ela era magra? Pequena estatura?

Gilan assentiu ansioso.

— Como eu disse, senhor, por um momento nós a confundimos com um garoto. Ela deve ter usado a identidade da criada porque pensou que seria mais seguro se permanecesse incógnita.

Agora ele entendia as leves hesitações nas frases de Evanlyn e por que ela entendia mais de política e estratégia do que era de se esperar de uma criada.

Lentamente, Halt e sir David começaram a perceber a importância do que

estava sendo dito. O rei olhou de Gilan para Halt, depois para David e de novo para Gilan.

— Minha filha está viva — ele disse devagar. Houve um longo silêncio que finalmente foi quebrado por sir David.

— Gilan, a que distância você ficou dos dois aprendizes e da garota?

— Possivelmente dois dias a cavalo, pai — o rapaz respondeu, depois de hesitar e seguiu o pai até a mesa do mapa onde indicou o ponto mais distante em que imaginou que Will e os outros pudessem estar naquele momento.

Sir David assumiu o controle imediatamente, mandando mensageiros acordarem o comandante da cavalaria para que preparasse uma companhia que deixaria o acampamento naquele exato momento.

— Vamos mandar uma companhia dos Quintos Lanceiros buscá-los, senhor — ele disse ao rei. — Se partirem daqui uma hora e cavalgarem durante a noite, deverão fazer contato lá pelo meio-dia de amanhã.

— Eu posso guiar eles — Gilan se ofereceu imediatamente, e o pai concordou com um gesto.

— Esperava que dissesse isso.

Gilan segurou o braço do rei e sorriu com verdadeiro prazer diante do alívio que viu no rosto do homem.

— Não posso lhe dizer o quanto estou satisfeito pelo senhor — falou.

O rei olhou para ele um pouco confuso. Muito recentemente, estivera chorando a perda da amada filha, Cassandra. Agora, milagrosamente, ela tinha voltado à vida.

— Minha filha está viva — ele repetiu. — E está em segurança.



Evanlyn se agachou sobre a pilha de madeira ao lado da cerca da ponte. De tempos em tempos, ouvia o som surdo do arco de Will quando ele atirava num inimigo que se aproximava, mas se obrigava a não olhar para cima, concentrando-se na tarefa que tinha a realizar. Ela sabia que tinham uma última chance de acender o fogo adequadamente. Se errasse, isso significaria uma desgraça para o reino. Assim, ela empilhou e arrumou a madeira com cuidado, garantindo que havia espaço suficiente entre os pedaços para uma boa ventilação. Agora, ela não tinha mais raspas de madeira para acender o fogo, mas a alguns metros de distância havia uma fonte de fogo perfeita. O cabo da direita ainda estava ardendo intensamente.

Satisfeita ao ver a madeira empilhada corretamente, ela pegou a faca de

Will e cortou vários pedaços de 1 metro de corda coberta de piche — pedaços finos, não do cabo grosso propriamente dito, pois teria sido quase impossível cortá-los a tempo.

Evanlyn pegou os pedaços de corda, levantou-se e disparou pela ponte até o fogo ardente do outro lado. Eles queimaram com facilidade, então ela correu de volta para a pilha de madeira, pendurando as cordas incandescentes ao redor da base, enfiando-as nos espaços que tinha deixado entre as tábuas. As chamas lambiam seus dedos enquanto empurrava a corda para o meio dos pedaços de madeira. Ela mordeu o lábio ignorando a dor e se certificou de que o fogo queimava livremente.

As chamas alimentadas pelo piche fizeram a madeira estalar e a incendiaram. Evanlyn as abanou por alguns segundos até que ficassem mais fortes e os pedaços de madeira mais finos estivessem queimando intensamente. Logo, as tábuas mais grossas também começaram a pegar logo. O corrimão se incendiou em vários pontos, e línguas de fogo, estimuladas pelo piche, envolveram o cabo e depois subiram até onde ele se juntava à estrutura de madeira do poste.

Somente então a garota se permitiu olhar para Will. Seus olhos estavam ofuscados pelo fogo, e ela o via somente como uma figura embaçada atrás de um monte de rochas, a 5 metros de distância. Ele se levantou e atirou uma flecha. Evanlyn olhou para a escuridão que os cercava, mas não viu sinal de seus atacantes.

A ponte deu outro solavanco violento, e a passarela se inclinou perigosamente quando a segunda das três cordas que formavam o cabo da direita queimou e a estrutura caiu ainda mais para o lado. Eles não teriam muito tempo para voltar para onde Horace e Puxão os esperavam. Ela tinha que avisar Will.

Com a faca na mão, correu o mais depressa que pôde até onde ele estava agachado, atrás das rochas, procurando sinais de movimento na escuridão. Ele olhou rapidamente para Evanlyn quando a garota chegou.

— O outro lado está queimando — ela contou. — Vamos sair daqui.

Com uma expressão sombria, ele balançou a cabeça negativamente e apontou com o queixo para um monte de pedras a cerca de 30 metros de onde estavam.

— Não posso arriscar — ele disse. — Um deles está atrás daquelas pedras. Se sairmos, ele pode ter tempo de salvar a ponte.

Com o canto do olho, ela viu um movimento rápido á esquerda e apontou depressa.

— Lá está um deles!

Will assentiu.

— Estou vendo — ele respondeu devagar. — Está tentando fazer que eu atire nele. Assim que eu fizer isso, o que está mais perto de nós vai ter uma chance. Tenho que esperar que ele se mostre para poder atirar.

Ela olhou horrorizada para o amigo quando entendeu a importância do que ele tinha dito.

— Mas isso significa que outros podem se aproximar da gente — ela concluiu.

Will não disse nada. O pânico que tinha começado a sentir fora agora substituído por um tranquilo sentimento de coragem. No fundo de seu coração, parte dele estava satisfeita por não ter decepcionado Halt e por ter retribuído a confiança que tinha tido nele quando o escolheu como aprendiz.

Ele olhou para Evanlyn por um longo momento, e ela percebeu que o rapaz estava disposto a ser capturado se isso mantivesse o inimigo longe da ponte alguns minutos mais.

“Capturado ou morto”, ela pensou.

Atrás deles ouviu-se um estrondo forte e, quando se virou, Evanlyn viu o primeiro cabo finalmente ceder em meio a uma chuva de chamas e faíscas, levando junto a parte superior do poste. Aquele era o resultado que queriam. Eles tinham discutido a ideia de simplesmente cortar os cabos principais, mas isso teria deixado a estrutura mais importante da ponte intocada. Os postes tinham que ser destruídos. Agora, toda a ponte estava inclinada, suspensa pelo cabo esquerdo, e as chamas já estavam começando a devorá-lo. Ela sabia que a ponte estaria destruída em mais alguns minutos. A fenda seria intransponível outra vez.

Will tentou dar um sorriso tranquilizador, mas não foi muito bem-sucedido.

— Não tem mais muita coisa que você possa fazer aqui — ele disse. — Atravesse a ponte enquanto ainda tem tempo.

Evanlyn hesitou, desejando desesperadamente ir, mas não queria deixar Will sozinho. Ela se deu conta de que ele era apenas um garoto, mas estava disposto a se sacrificar por ela e por todo o reino.

— Vá! — ele ordenou virando-se e empurrando-a.

Evanlyn teve a impressão de ver um brilho de lágrimas nos olhos dele. Os dela também ficaram marejados, e ela não conseguiu vê-lo com clareza. Piscou para enxergar melhor no momento exato em que uma rocha pontiaguda saiu da noite iluminada pelo fogo, descrevendo um movimento em curva.

— Will! — gritou, mas era tarde demais.

A pedra o atingiu na lateral da cabeça. Ele gemeu surpreso, revirou os olhos e caiu aos pés dela com o crânio já ensopado de sangue. A garota ouviu passos correndo vindo de várias direções. Jogou a faca para o lado e procurou o arco de Will na terra. Ela o encontrou e estava tentando colocar nele uma flecha quando mãos ásperas a agarraram, jogaram o arco no chão e prenderam seus bra-

ços ao lado do corpo. O escandinavo a segurou num abraço forte e pressionou o rosto dela contra a pele de carneiro áspera do colete que cheirava a gordura, fumaça e suor, quase a sufocando. Ela tentou chutá-lo, agitando os pés e a cabeça, mas não conseguiu.

Ao seu lado, Will estava deitado imóvel na poeira. Evanlyn começou a soluçar. Sentia-se frustrada, furiosa e triste ouvindo os escandinavos rirem. Então, outro som veio e eles pararam. Os braços que a seguravam afrouxaram um pouco, e ela viu do que se tratava.

Era um gemido forte e agudo vindo da ponte. O suporte do lado direito tinha desaparecido, e o do lado esquerdo, já abalado pelo fogo, estava agora sustentando toda a estrutura. Mesmo se ainda estivesse em perfeitas condições, não tinha sido feito para suportar aquela carga. Com um estalido final, o poste se quebrou no meio e, com cabos e tudo o mais, a ponte caiu lentamente nas profundezas da fenda, deixando uma trilha brilhante de faíscas na escuridão.



Gilan observou impaciente a companhia de cavaleiros montar de novo após uma pausa de quinze minutos. Ele estava ansioso para partir, mas sabia que tanto os cavalos quanto os homens precisavam descansar se quisessem continuar no ritmo acelerado que tinha determinado. Já haviam viajado um dia e meio, e ele calculou que iriam encontrar o grupo de Will em algum momento do começo da tarde.

Depois de verificar se todos os homens tinham montado, ele se virou para o capitão ao seu lado.

— Tudo bem, capitão — ele disse. — Vamos andando.

O capitão tinha respirado fundo para proferir a ordem quando ouviu um chamado da tropa que ia à frente.

— Cavaleiro se aproximando!

Um burburinho de expectativa correu entre os cavaleiros. A maioria não sabia qual era a missão. Eles tinham sido tirados da cama ao amanhecer e recebido ordem de montar e cavalgar. Gilan estava em pé nos estribos, protegendo os olhos com a mão da claridade do meio-dia, e espiava na direção que o soldado tinha indicado.

Eles ainda não tinham chegado à fronteira celta, e ali a região era aberta, coberta somente de grama e bosques ocasionais. Os olhos de Gilan conseguiram enxergar uma pequena nuvem de poeira a sudoeste provocada por uma figura que vinha se aproximando a galope.

— Seja lá quem for, está com pressa — o capitão observou.

E então o soldado que estava à frente gritou mais informações.

— Três cavaleiros! — ele disse.

Mas Gilan já podia ver que a informação não era totalmente correta. Havia três cavalos, mas somente um cavaleiro. Uma sensação de desânimo lhe apertou o peito.

— Devemos mandar alguém interceptar eles? — o capitão perguntou.

Em tempos como aqueles, nem sempre era aconselhável permitir que um estranho se aproximasse naquela velocidade. Mas agora que o cavaleiro estava

mais perto Gilan o reconheceu. Mais exatamente, reconheceu um dos cavalos: pequeno, desgrenhado, peito largo. Era Puxão, o cavalo de Will. Mas não era Will que o montava.

A tropa de comando já tinha se espalhado para parar o cavaleiro.

— Diga a eles para deixar o cavaleiro passar — Gilan disse em voz baixa ao capitão.

O capitão repetiu a ordem em voz bem mais alta, e os soldados se separaram, deixando um espaço para Horace. Ele viu o pequeno grupo de homens ao redor da bandeira da companhia e se dirigiu até eles, fazendo o pequeno cavalo de arqueiro parar na frente dela. Os outros cavalos, que Gilan agora reconhecia como o de Horace e o pônei de carga que Evanlyn tinha montado, estavam seguindo Puxão presos a uma corda.

— Eles pegaram Will! — o garoto gritou com voz rouca reconhecendo Gilan entre o grupo de soldados. — Eles pegaram Will e Evanlyn!

Gilan fechou os olhos brevemente sentindo uma pontada de dor no coração.

— Wargals? — ele perguntou já sabendo a resposta.

— Escandinavos! — o rapaz respondeu. — Eles pegaram os dois na ponte. Eles...

Gilan teve um sobressalto quando ouviu essa palavra.

— Ponte? — ele indagou ansioso. — Que ponte?

Horace respirava com dificuldade por causa do esforço. Ele tinha trocado de cavalo, passando de um para outro, mas sem descansar em nenhum momento. Então, percebendo que devia começar pelo início ele parou para recuperar o fôlego.

— Sobre a fenda — ele contou. — Foi por isso que Morgarath sequestrou os celtas. Eles estavam construindo uma ponte enorme para ele atravessar seu exército. Já estava quase terminada quando chegamos lá.

O capitão, ao lado de Gilan, tinha empalidecido.

— Você quer dizer que há uma ponte atravessando a fenda? — ele indagou.

As implicações desse fato eram terríveis.

— Não mais — Horace retrucou com a respiração mais tranquila e a voz um pouco mais controlada. — Will queimou ela. Will e Evanlyn. Mas eles ficaram do outro lado para manter os escandinavos afastados e...

— Escandinavos! — Gilan interrompeu. — Que diabos os escandinavos estão fazendo no planalto?

— Eles são um grupo de reconhecimento para uma força que está

subindo pelos Penhascos do Sul — Horace contou e fez um gesto impaciente por causa da interrupção. — Os escandinavos iam juntar forças com os Wargals, cruzar a ponte e atacar o exército pela retaguarda.

Os soldados da cavalaria trocaram olhares. Todos imaginavam o quanto esse ataque poderia ser desastroso para as forças do rei.

— Felizmente a ponte não existe mais — disse um tenente. Horace lançou seu olhar atormentado para o oficial, um jovem apenas poucos anos mais velho do que ele.

— Mas eles pegaram Will! — gritou, e seus olhos se encheram de lágrimas ao lembrar como tinha visto o amigo ser derrubado e levado embora.

— E a garota — Gilan acrescentou, mas Horace não deu importância a isso.

— Sim! Claro que pegaram ela! — o garoto reafirmou. — E sinto que ela tenha sido apanhada, mas Will é meu amigo!

— Você sente que ela tenha sido apanhada? Você sabe quem... — o capitão interrompeu indignado, pois era um dos poucos que conhecia a verdadeira natureza de sua missão.

Mas Gilan o impediu antes que pudesse falar mais:

— Já basta, capitão! — replicou com irritação. O oficial olhou para ele zangado, Gilan se inclinou para a frente e falou para que só ele ouvisse.

— Quanto menos pessoas souberem o nome da garota agora, melhor — ele disse, e uma expressão de entendimento surgiu no rosto do capitão.

Se Morgarath soubesse que seus homens tinham a filha do rei como refém, ele teria uma moeda valiosa com que barganhar.

— Horace, eles podem consertar essa ponte? — Gilan perguntou virando-se novamente para o jovem.

O rapaz negou com veemência. Ele estava arrasado com a perda do amigo, mas o orgulho pelo feito de Will era evidente.

— De jeito nenhum — afirmou. — Ela foi totalmente destruída. Will garantiu que nada ficasse do outro lado. É por isso que foi pego. Ele queria ter certeza de que tinha destruído ela por completo.

Ele parou e continuou.

— Talvez eles consigam fazer uma pequena ponte de corda, é claro.

Isso fez Gilan tomar uma decisão. Ele se virou para o capitão.

— Capitão, continue com a companhia e se certifique de que nenhum tipo de ponte seja colocado sobre a fenda. Não queremos que nenhuma força de Morgarath atravesse, por menor que seja. Faça que Horace lhe mostre o local num mapa. Defenda o lado oeste da fenda até ser substituído e envie patrulhas

para localizar outros possíveis pontos de travessia. Não vai haver muitos — ele ajuntou. — Horace, você vem comigo falar com o rei. Agora.

Ele parou abruptamente ao perceber que Horace estava esperando uma oportunidade para falar algo, então fez um gesto para que o garoto continuasse.

— Os escandinavos — Horace falou. — Eles não estão só no planalto. Também estão enviando uma força para o norte da Floresta Thorntree.

Houve outra série de murmúrios quando os oficiais perceberam como seu exército tinha estado perto do desastre. Duas forças inesperadas atacando pela retaguarda teriam deixado os homens do rei em situação muito difícil.

— Você tem certeza disso? — Gilan perguntou, e Horace assentiu várias vezes.

— Will ouviu uma conversa do inimigo. As forças deles no litoral e no pantanal são apenas artifícios. O plano era realizar o verdadeiro ataque por trás.

— Então não temos nenhum momento a perder — Gilan repetiu. — Essa força no noroeste ainda pode representar um problema se o rei não souber a respeito.

Ele se virou para o comandante da companhia.

— Capitão, você já recebeu suas ordens. Leve seus homens até a fenda o mais rápido possível.

O capitão saudou Gilan brevemente e proferiu algumas ordens firmes para seus homens. Eles saíram a galope ao encontro de suas tropas e, depois de uma rápida conferência enquanto Horace mostrava o local da ponte caída num mapa da área, toda a companhia se pôs a caminho dirigindo-se em passo rápido para a fenda.

— Vamos — Gilan disse simplesmente virando-se para Horace. Cansado, o jovem guerreiro concordou e montou o próprio cavalo.

Puxão hesitou, batendo a pata no chão enquanto via a cavalaria se afastar de volta para onde tinha visto seu dono pela última vez. O cavalo deu alguns passos incertos atrás da tropa e então, a um comando de Gilan, relutantemente se colocou atrás do alto arqueiro.



A dor de cabeça de Will era insuportável. Ele ouvia um ruído surdo constante e rítmico que atravessava seu crânio e disparava clarões atrás dos olhos firmemente fechados.

O garoto se obrigou a abrir os olhos e viu um colete de pele de carneiro e a parte de trás de uma calça de lã amarrada com tiras de couro. O mundo estava de cabeça para baixo, e ele percebeu que estava sendo carregado no ombro de alguém. O ruído surdo era provocado pelos pés do homem enquanto corria. Will gostaria que ele andasse.

O aprendiz gemeu alto e o homem parou de correr.

— Erak! — o escandinavo que o carregava gritou.

— Ele acordou.

E, dizendo isso, o escandinavo o abaixou até o chão. Will tentou dar um passo, mas seus joelhos fraquejaram, e ele teve que se agachar. Erak, o líder do grupo, se inclinou e o examinou. Um polegar grosso encostou em sua pálpebra, e Will sentiu o olho ser aberto. O homem não era cruel, mas também não foi muito gentil. Will o reconheceu como o escandinavo que tinha estado muito perto de descobri-lo quando ouvia a conversa junto da fogueira no vale.

— Hum — ele resmungou pensativo. — Parece que é uma concussão. Aquele arremesso de pedra foi muito bom, Nordel — ele disse para um dos outros.

O escandinavo com quem ele falou, um gigante de cabelos loiros arrumados em duas tranças apertadas e engorduradas que ficavam espetadas para o alto como chifres, sorriu com o elogio.

— Cresci caçando focas e pinguins desse jeito — ele contou com alguma satisfação.

Erak soltou a pálpebra de Will e se afastou. Então o menino sentiu um toque mais suave no rosto e, abrindo os olhos outra vez, viu-se olhando para o rosto de Evanlyn. Ela acariciou sua testa gentilmente, tentando limpar o sangue seco que estava grudado ali.

— Você está bem? — ela perguntou, e ele fez que sim e percebeu na

mesma hora que não tinha sido uma boa resposta.

— Ótimo — ele conseguiu dizer lutando contra uma onda de náusea. — Eles também pegaram você? — acrescentou desnecessariamente, e ela assentiu. — Horace? — perguntou devagar, e Evanlyn pôs um dedo sobre os lábios.

— Ele fugiu — ela disse baixinho. — Eu o vi correndo quando a ponte caiu.

— Então nós conseguimos? Derrubamos a ponte?

— Will perguntou suspirando aliviado.

Agora era a vez de Evanlyn concordar. Ela até sorriu ao se lembrar da ponte desabando nas profundezas da fenda.

— Ela se foi. Totalmente.

Erak ouviu as últimas palavras e olhou para eles.

— E vocês não vão receber agradecimentos de Morgarath por isso — falou.

Will sentiu um calafrio de medo ao ouvir o nome do Senhor da Chuva e da Noite. Ali no planalto, ele parecia ainda mais ameaçador, perigoso e perverso. O escandinavo olhou para o sol.

— Vamos fazer uma pausa — ele disse. — Talvez o seu amigo esteja disposto a andar daqui a uma hora.

Os escandinavos abriram as sacolas e tiraram comida e bebida. Jogaram uma garrafa de água e um pequeno pão para Will e Evanlyn, e os dois comeram com vontade. Evanlyn começou a dizer alguma coisa, mas Will levantou a mão para que ficasse em silêncio. Ele estava ouvindo a conversa dos escandinavos.

— Então, o que vamos fazer agora? — perguntou o homem chamado Nordel.

Erak mastigou um pedaço de bacalhau seco, engoliu-o com um gole da bebida forte que carregava num cantil de couro e deu de ombros.

— Por mim, nós sairíamos daqui o mais depressa possível — o outro respondeu. — Só viemos por causa do prêmio, e ele não vai ser grande agora que a ponte não existe mais.

— Morgarath não vai gostar se formos embora — avisou um membro baixo e forte do grupo.

Erak simplesmente deu de ombros.

— Horak, não estou aqui para ajudar Morgarath a conquistar Araluen — ele respondeu. — Nem você. Lutamos pelo dinheiro e, quando tem algum para ser ganho, nós vamos.

Horak olhou para o chão entre os pés e rabiscou na poeira com os dedos. Ele não olhou para cima quando falou outra vez.

— E esses dois? — ele quis saber, e Will ouviu Evanlyn respirar fundo quando percebeu que o escandinavo falava deles.

— Vão com a gente — Erak retrucou e, desta vez, Horak tirou os olhos do chão.

— Que bem eles vão fazer para a gente? Por que simplesmente não entregamos eles aos Wargals? — ele perguntou, e os outros concordaram com murmúrios.

Evidentemente, era uma pergunta que estava na mente de todos, e eles só esperavam que alguém tocasse no assunto.

— Eu vou lhe dizer — Erak começou. — Eu vou lhe dizer o bem que vão fazer para a gente. Em primeiro lugar, eles são reféns, certo?

— Reféns! — resmungou o quarto membro do grupo, que não tinha falado até aquele momento.

Erak se virou para encará-lo.

— Isso mesmo, Svengal — ele confirmou. — São reféns. Eu participei de mais ataques e campanhas que qualquer um de vocês e não gosto do que está acontecendo com este. Parece que Morgarath está ficando esperto demais, todo esse vazamento de planos falsos, e construção de túneis secretos, e planejamento de ataques-surpresa com Horth e seus homens vindo pela Floresta Thorntree é complicado demais. E, quando se enfrentam pessoas como os araluenses, nada se pode ser complicado.

— Horth ainda pode atacar pelo lado de Thorntree — Svengal disse teimoso, mas Erak balançou a cabeça negativamente.

— Ele pode. Mas não vai saber que a ponte não existe mais, vai? Vai esperar um apoio que nunca chegará. E tenho a impressão de que Morgarath não está com pressa de contar isso para ele, pois sabe que Horth iria desistir se descobrisse. Escute o que estou dizendo: essa batalha vai ser resolvida na sorte. Esse é o problema com planos inteligentes! Se faltar um elemento, toda a coisa pode desabar.

Houve um curto silêncio. Os outros escandinavos pensavam sobre o que o colega tinha dito. Alguns concordaram com um gesto, e Erak continuou.

— Vou lhes dizer, rapazes, não gosto do rumo que as coisas estão tomando e digo que devemos aproveitar a oportunidade de chegar até os navios de Horth pelo pantanal.

— Por que não voltar pelo caminho pelo qual viemos? — Svengal perguntou, mas seu líder balançou a cabeça com ênfase.

— E tentar descer esses penhascos outra vez com Morgarath atrás de nós? Não, obrigado. Não acho que ele trataria desertores com delicadeza.

Vamos ficar com ele até o Desfiladeiro dos Três Passos e depois, quando estivermos em terreno aberto, vamos para a costa leste.

Ele fez uma pausa para que todos assimilassem suas palavras.

— E vamos ter esses dois reféns no caso de os a-raluenses tentarem nos parar — acrescentou.

— Mas são crianças! — Nordel ajuntou irônico. — Que utilidade têm como reféns?

— Você não viu o amuleto em forma de folha de carvalho que o garoto está usando? — Erak perguntou e, instintivamente, a mão de Will foi até o cordão pendurado no pescoço. — Esse é o símbolo dos arqueiros. O garoto é um deles. Talvez algum tipo de aprendiz.

— E a menina? — Svengal perguntou. — Ela não é arqueira.

— É verdade — Erak concordou. — É só uma menina. Mas não vou entregar nenhuma garota para os Wargals. Vocês viram como eles são. Essas criaturas são piores do que animais. Não. Ela vem com a gente.

Houve outro momento de silêncio.

— Acho justo — Horak concordou finalmente.

Erak olhou para os demais e viu que Horak tinha falado em nome de todos. Os escandinavos eram guerreiros e homens duros, mas não totalmente desumanos.

— Bom — ele disse. — Agora vamos pegar a estrada outra vez.

Ele se levantou e andou até Will e Evanlyn, enquanto os outros escandinavos guardavam o que tinha sobrado da breve refeição.

— Você consegue andar? — ele perguntou para Will. — Ou Nordel vai ter que carregar você de novo?

Will corou de irritação e se levantou depressa, mas no mesmo instante desejou ter ficado sentado. O chão oscilou e a cabeça dele girou. O garoto cambaleou e somente a mão firme de Evanlyn em seu braço evitou que caísse. Mas estava determinado a não mostrar fraqueza na frente de seus captores. Endireitou o corpo e lançou para Erak um olhar desafiador.

— Vou andar — ele conseguiu dizer, e o grande escandinavo o analisou por um momento com um olhar avaliador.

— Sim — ele disse finalmente. — Tenho certeza que vai.



O mestre de guerra David torcia as pontas do bigode ao olhar para o plano desenhado na mesa de areia.

— Não sei, Halt — ele disse em tom de dúvida. — É muito arriscado. Um dos princípios da luta armada é nunca dividir as forças.

Halt concordou. Ele sabia que as críticas do cavaleiro tinham intenção de ser construtivas, não eram simplesmente pensamentos negativos. Sir David tinha a função de encontrar falhas no plano e compará-las a possíveis vantagens.

— Isso é verdade — o arqueiro respondeu. — Mas também é verdade que a surpresa é uma arma poderosa.

O barão Tyler andou ao redor da mesa, analisando o plano sob outro ponto de vista. Ele apontou a massa verde que representava a Floresta Thorntree com a adaga.

— Você tem certeza de que Gilan consegue guiar uma grande força de cavalaria através de Thorntree? Pensei que ninguém fosse capaz de atravessar essa floresta — ele perguntou hesitante, e Halt concordou.

— Os arqueiros mapearam e estudaram cada centímetro do reino durante anos, meu senhor — ele disse ao barão. — Especialmente as partes que as pessoas acham que são intransponíveis. Podemos surpreender essa força no norte. E então Morgarath vai ser apanhado também, quando nenhum escandinavo surgir atrás de nós.

Tyler continuou a andar em volta da mesa, olhando atentamente para os desenhos feitos ali e para os marcadores colocados no mapa de areia.

— Mesmo assim, vamos estar numa grande enrascada se os escandinavos derrotarem Halt e a cavalaria aqui, no norte. Afinal, vocês vão ter quase a metade de homens.

— Isso é verdade — Halt concordou. — Mas nós vamos pegar eles em terreno aberto, e isso é uma vantagem. E não esqueça que vamos levar 200 unidades de arqueiros. Elas devem equilibrar um pouco esse número.

Uma unidade de arqueiro consistia em dois homens: um arqueiro e um

lanceiro, apoiando-se mutuamente. Contra uma infantaria levemente armada, eles eram uma combinação mortal. Os arqueiros podiam reduzir um grande número de inimigos a distância. Quando a batalha se transformava num combate corpo a corpo, o lanceiro assumia a luta e permitindo que os arqueiros se retirassem em segurança.

— Mas — o barão Tyler insistiu — vamos supor que os escandinavos consigam vencer e atravessar. Então a mesa vai ser virada. Nós vamos enfrentar um inimigo real no noroeste com a retaguarda exposta para os War-gals de Morgarath vindos do desfiladeiro.

Arald conseguiu reprimir um suspiro. Como estrategista, Tyler era conhecidamente cauteloso.

— Por outro lado — ele disse tentando ao máximo manter a impaciência fora da voz — se Halt tiver êxito, vai ser o grupo dele que Morgarath avistará vindo do noroeste. Vai supor que são os escandinavos nos atacando daquela direção e vai levar suas forças para as planícies para nos atacar por trás. E então nós o pegaremos. De uma vez por todas.

A possibilidade pareceu agradar a ele.

— Ainda é um risco — Tyler retrucou teimoso.

Halt e Arald trocaram um olhar, e o barão deu de ombros levemente.

— Toda luta armada é arriscada, senhor. Do contrário, seria fácil.

O barão Tyler olhou para ele com uma expressão zangada, mas Halt o encarou com tranquilidade. Quando o barão abriu a boca para responder, sir David o impediu batendo uma luva na palma da mão num gesto decisivo.

— Tudo bem, Halt — ele disse. — Vou apresentar seu plano ao rei.

Ao ouvir a menção ao rei, a expressão de Halt se suavizou um pouco.

— Como sua majestade está encarando as novidades? — ele perguntou, e sir David deu de ombros infeliz.

— É claro que pessoalmente ele está arrasado. Foi um golpe muito cruel ver as esperanças renascerem para logo depois serem derrubadas novamente. Mas ele encontra um jeito de deixar a vida pessoal de lado e continuar a desempenhar suas funções de rei. Diz que vai se lamentar mais tarde, quando tudo isso acabar.

— Talvez não haja motivos para lamentações — Arald ajuntou, e David sorriu para ele tristemente.

— Eu falei isso para ele, mas ele disse que prefere não alimentar falsas esperanças outra vez.

Houve um silêncio esquisito na barraca. Tyler, Fergus e sir David sentiam muita tristeza pelo rei. Duncan era um monarca popular e justo. Halt e o barão

Arald, por sua vez, sentiam muito a perda de Will. Num tempo incrivelmente curto, o garoto tinha se tornado parte integrante do Castelo Redmont. Finalmente, foi sir David quem quebrou o silêncio.

— Senhores, talvez vocês queiram começar a preparar suas ordens. Vou levar este plano ao rei.

E, quando ele entrou nas seções internas do pavilhão, os barões e Halt deixaram a grande barraca. Arald, Fergus e Tyler se afastaram rapidamente para preparar ordens de movimento para o exército. Halt viu um vulto desanimado com a capa verde e cinzenta esperando no posto da sentinela e desceu a pequena colina para falar com seu antigo aprendiz.

— Quero partir e atravessar a fenda atrás deles — Gilan disse. Halt sabia como o rapaz sofria com a perda de Will. Gilan se recriminava por tê-lo deixado sozinho nas colinas de Célitica. Não importava quantas vezes Halt e os outros arqueiros lhe tivessem dito que aquela tinha sido a medida acertada, ele se recusava a acreditar nisso. Agora, Halt sabia que iria doer mais se seu pedido fosse recusado.

No entanto, como arqueiros, seu primeiro dever era para com o reino. Ele fez que não e respondeu ríspidamente.

— Recusado. Precisamos de você aqui. Vamos levar uma força através de Thortree para impedir a passagem dos homens de Horth. Vá até a barraca de Crowley e pegue os mapas que mostram as trilhas secretas para aquela parte do país.

— Mas... — Gilan começou depois de hesitar um pouco.

Seu rosto estava tenso, mas algo no olhar de Halt o fez parar quando o arqueiro mais velho se inclinou para a frente.

— Gilan, será que passou pela sua cabeça que não quero arrancar pedra atrás de pedra daquele planalto até encontrar Will? Você e eu fizemos um juramento quando aceitamos estas folhas de carvalho de prata, e agora temos que cumprir o que prometemos.

Gilan baixou o olhar e concordou. Seu ombros ficaram caídos quando ele cedeu.

— Tudo bem — ele disse em voz baixa, e Halt pensou ter visto um brilho de lágrimas em seus olhos.

Ele se virou depressa antes que Gilan percebesse que os dele também estavam úmidos.

— Pegue os mapas — ele disse rapidamente.



Os quatro escandinavos e seus prisioneiros haviam caminhado com dificuldade pelo planalto deserto e varrido pelo vento até a noite chegar. Erak ordenou que parassem somente várias horas depois de escurecer, e Will e Evanlyn se deixaram cair no chão pedregoso agradecidos. A dor de cabeça de Will tinha diminuído um pouco durante o dia, mas o ferimento ainda latejava. O sangue seco onde a pedra pontiaguda o tinha atingido coçava terrivelmente, mas ele sabia que, se coçasse o ferimento, abriria e tornaria a sangrar.

Pelo menos Erak não os tinha mantido amarrados ou impedido seus movimentos de nenhuma forma. Como o líder dos escandinavos tinha dito, não havia lugar para onde os prisioneiros pudessem fugir.

— Este lugar está cheio de Wargals — ele tinha dito asperamente. — Vocês podem se arriscar a encontrar com eles, se preferirem.

Assim, eles ficaram no meio do grupo, passando por bandos de Wargals o dia todo e indo cada vez mais para o nordeste, na direção do Desfiladeiro dos Três Passos. Naquele momento, os quatro escandinavos soltaram as pesadas sacolas no chão, e Nordel começou a juntar lenha para o fogo. Svengal jogou uma grande panela de cobre aos pés de Evanlyn e fez sinal na direção de um riacho que borbulhava entre pedras próximas.

— Vá pegar água — ele disse de mau humor.

A garota hesitou por um momento, então deu de ombros, pegou a panela e se levantou gemendo suavemente quando seus músculos e juntas cansados foram obrigados mais uma vez a suportar seu peso.

— Venha, Will — ela disse como quem não quer nada. — Venha me ajudar.

Erak estava remexendo na sacola aberta e virou a cabeça de repente:

— Não! — ele disse ríspidamente, e todo o grupo se virou para olhá-lo.

Erak apontou o dedo grosso para Evanlyn.

— Não me importo que você saia por aí — ele disse — porque sei que vai voltar. Mas o arqueiro pode resolver fugir, apesar de tudo.

Will, que tinha pensado em fazer exatamente isso, tentou parecer

surpreso.

— Não sou um arqueiro — ele disse. — Sou só um aprendiz.

— Talvez seja verdade — Erak respondeu rindo com desdém. — Mas você derrubou aqueles Wargals na ponte tão bem quanto qualquer arqueiro. Fique onde eu possa vigiar.

Will deu de ombros, sorriu fracamente para Evanlyn e se sentou de novo, suspirando ao se recostar numa rocha. Ele sabia que logo ela ficaria dura, encaroçada e desconfortável. Mas, naquele exato momento, era uma bênção.

Os escandinavos se puseram a montar acampamento. Não demorou muito para que tivessem acendido um bom fogo; quando Evanlyn voltou com o pote cheio de água, Erak e Svengal pegaram provisões secas que colocaram na panela para fazer um cozido. A refeição era simples e um tanto insípida, mas era quente e encheu o estômago. Pesaroso, Will se lembrou da comida que saía da cozinha do mestre Chubb. Com tristeza, ele se deu conta de que agora esses pensamentos e os momentos passados na floresta com Halt eram somente lembranças. Imagens vinham à sua mente sem ser convidadas: Puxão, Gilan e Horace. O Castelo Redmont, visto sob os últimos raios do sol poente, com suas paredes de pedras duras como ferro que emitiam um brilho vermelho pálido como se tivessem uma luz interior. Lágrimas se formaram em seus olhos e arderam ao serem derramadas. Sem que ninguém visse, ele tentou enxugá-las com as costas da mão. De repente, a refeição ficou com menos gosto que antes.

Evanlyn pareceu perceber aquela tristeza cada vez maior. Will sentiu a mão quente e pequena da garota cobrir a sua e soube que ela estava olhando para ele. Mas o aprendiz não conseguiu encarar aqueles olhos verdes, pois as lágrimas estavam prestes a cair.

— Vai ficar tudo bem — ela sussurrou.

Will tentou falar, mas não conseguiu proferir as palavras. Então, ele fixou o olhar na superfície arranhada da tigela de madeira em que os escandinavos tinham lhe dado comida.

Eles estavam acampados a alguns metros da estrada, no alto de uma pequena elevação. Erak tinha dito que gostava de ver qualquer pessoa que quisesse se aproximar. Nesse momento, virando uma curva da estrada a várias centenas de metros de distância, vinha um grande grupo de cavaleiros seguidos por uma tropa de Wargals que corriam para acompanhar o trote dos cavalos. O som da cantoria das criaturas chegou até eles trazido pela brisa, outra vez, e Will sentiu um calafrio na nuca.

Erak se virou rigidamente para os dois, fazendo um gesto para que se escondessem entre as pedras atrás do acampamento.

— Depressa, vocês dois! Atrás das pedras, se dão valor à vida! Aquele é o próprio Morgarath no cavalo branco! Nordel, Horak, venham para baixo da luz encobrir eles.

Will e Evanlyn não precisaram de um segundo convite. Eles se esgueiraram abaixados até o esconderijo proporcionado pelas pedras. Seguindo as ordens de Erak, os dois escandinavos se levantaram e ficaram junto da luz da fogueira, desviando a atenção dos cavaleiros que se aproximavam das duas pequenas figuras que se encontravam na semi-escuridão.

A cantoria, misturada com o bater dos cascos dos cavalos e o tilintar dos escudos e das armas, ficou mais próxima quando Will se deitou de bruços, com um dos braços cobrindo Evanlyn. Como já tinha feito antes, ele puxou o capuz da capa sobre a cabeça para esconder o rosto nas sombras profundas. Havia uma pequena fresta entre duas rochas e, sabendo que estava correndo um risco terrível, mas incapaz de resistir, ele espiou através dela.

A visão estava restrita a alguns metros. Erak estava do outro lado da fogueira, de frente para os cavaleiros que se aproximavam. Will percebeu que, ao fazer isso, ele tinha colocado o brilho da luz do fogo entre os recém-chegados e o ponto em que ele e Evanlyn estavam escondidos. Se algum dos Wargals olhasse em sua direção, olharia diretamente para o fogo brilhante. Era uma lição de tática que ele guardou para uso futuro.

O barulho de cavalos e homens parou. A cantoria dos Wargals morreu abruptamente. Houve um silêncio de um ou dois segundos. Então, uma voz se fez ouvir. Uma voz baixa que sibilava como uma cobra.

— Capitão Erak, para onde está indo?

Will se esforçou para ver quem falava. Não havia dúvida de que aquela voz fria e perversa pertencia a Morgarath. Ela soava como se estivesse envolta em gelo e ódio. Tinha o som de unhas raspando em ladrilhos. O sangue gelava quando ela se fazia ouvir. Os pelos da nuca de Will se eriçaram e, debaixo de sua mão, ele sentiu Evanlyn estremecer.

Mas, se a voz exercia o mesmo efeito em Erak, ele não demonstrava.

— Meu título correto é “jarl”, lorde Morgarath — ele disse com calma —, não “capitão”.

— Então preciso tentar me lembrar disso, no caso de eu ter algum interesse em saber — Morgarath disse com a voz fria. — Agora... capitão — ele continuou enfatizando o título —, eu repito: para onde está indo?

Houve um ruído de arreios e, pela fresta nas pedras, Will viu um cavalo branco avançar. Não um cavalo branco de pelos brilhantes como o que seria montado por um galante cavaleiro, mas um cavalo claro com um pelo sem

brilho e sem vida. Ele era enorme, de um branco sujo e com olhos selvagens que não paravam de se movimentar. O aprendiz se inclinou um pouco para o lado e conseguiu enxergar uma mão coberta por uma luva preta que segurava as rédeas levemente. Mas isso foi tudo o que viu do cavaleiro.

— Pensamos que iríamos unir nossas forças no Desfiladeiro dos Três Passos, senhor — Erak explicou. — Suponho que o senhor ainda continuará com o ataque, mesmo que a ponte tenha caído.

Morgarath praguejou terrivelmente à menção da ponte. Sentindo sua fúria, o cavalo branco deu alguns passos para o lado, e assim Will pôde ver quem o montava.

Imensamente alto, mas magro, ele estava todo vestido de preto. Inclinou-se na sela para falar com os escandinavos, e os ombros curvos e a capa preta o faziam parecer um abutre.

O rosto era fino, e o nariz parecia um bico. A pele do rosto era branca e pálida como o cavalo. Os cabelos compridos loiros esbranquiçados e já rareando estavam arrumados de modo a emoldurar o contorno do couro cabeludo. Por contraste, os olhos eram lagos negros. Ele não usava barba, e sua boca era uma linha vermelha que cortava a palidez do rosto.

O Senhor da Chuva e da Noite pareceu sentir a presença de Will. Ele olhou para cima e para além de Erak e seus três companheiros, procurando algo na escuridão atrás deles. O garoto ficou paralisado, mal ousando respirar enquanto os olhos negros o procuravam. Mas a luz do fogo derrotou Morgarath e ele voltou a atenção para Erak.

— Sim — ele respondeu. — O ataque vai acontecer. Agora que Duncan está com as forças distribuídas no que considera uma posição defensiva forte, ele vai permitir que cheguemos até as planícies antes de atacar.

— Momento em que Horth vai apanhar ele pelas costas — Erak completou com uma risadinha, e Morgarath olhou para ele com a cabeça levemente inclinada estudando-o.

Novamente, a pose parecida com a de um pássaro lembrou a Will um abutre.

— Exatamente — ele concordou. — Seria preferível que houvesse duas forças que atacassem pelas laterais, como eu tinha planejado originalmente, mas uma deve ser suficiente.

— Também penso assim, senhor — Erak concordou, e houve um longo momento de silêncio.

Obviamente, Morgarath não tinha interesse em saber se Erak concordava ou não com ele.

— Tudo seria mais fácil se seus companheiros não tivessem nos abandonado — Morgarath disse por fim. — Disseram para mim que seu compatriota Ovlak navegou de volta para a Escandinávia com seus homens. Eu tinha planejado que eles subissem os Penhascos do Sul para nos fortalecer.

— Ovlak é um mercenário — Erak disse, dando de ombros, recusando-se a assumir a culpa por algo que estava fora de seu alcance. — Não se pode confiar em mercenários. Eles lutam só pelo dinheiro.

— E você... não? — Morgarath perguntou sem emoção, com uma nota de escárnio na voz.

Erak endireitou os ombros.

— Eu honro qualquer tarefa que assumo — ele disse rígido. Morgarath olhou para ele durante um longo e silencioso momento. O escandinavo o encarou e, finalmente, foi o outro quem desviou o olhar.

— Chirath me disse que você fez um prisioneiro na ponte... um guerreiro poderoso, ele disse. Eu não vejo ele.

Novamente, Morgarath tentou enxergar na escuridão do outro lado da luz. Erak soltou uma risada áspera.

— Se Chirath era o líder de seus Wargals, ele também não viu o prisioneiro — o escandinavo respondeu irônico. — Ele passou a maior parte do tempo na ponte escondido atrás de uma pedra e se desviando das flechas.

— E o prisioneiro? — Morgarath repetiu.

— Morto — Erak respondeu. — Nós matamos ele e jogamos no abismo.

— Um fato que me desagrada profundamente — Morgarath retrucou, e Will sentiu um arrepio percorrer sua pele. — Eu teria preferido fazer ele sofrer por interferir nos meus planos. Você deveria ter trazido ele vivo para mim.

— Bem, nós preferiríamos que ele não tivesse atirado flechas em volta de nossas orelhas. Ele sabia atirar, isso é verdade. A única forma de pegar ele foi acabando com sua vida.

Houve outro silêncio enquanto Morgarath pensava na resposta. Aparentemente, ela não o satisfazia.

— Que isso sirva de conselho para o futuro. Não aprovei o que fez.

Desta vez, foi Erak que deixou o silêncio se prolongar. Ele deu de ombros levemente, como se o desprazer de Morgarath não o interessasse. Por fim, o Senhor da Chuva e da Noite pegou as rédeas e as sacudiu, obrigando o cavalo a se virar, afastando-se da fogueira com selvageria.

— Espero ver você no Desfiladeiro dos Três Passos, capitão — ele disse. Então, como se tivesse pensado melhor, fez o cavalo voltar.

— E, capitão, nem pense em desertar. Você vai lutar conosco até o fim.

— Eu já disse, senhor, vou honrar o acordo que fizemos.

Desta vez, Morgarath sorriu, apenas um movimento leve dos lábios no rosto branco e sem vida.

— Pois faça isso, capitão — ele disse devagar.

Em seguida, agitou as rédeas, seu cavalo se virou e começou a galopar. Os Wargals o seguiram e a cantoria recomeçou, enchendo a noite. Will percebeu que, atrás das pedras, ele tinha prendido a respiração por muito tempo. Soltoou o ar dos pulmões e ouviu outro suspiro de alívio dos escandinavos.

— Meu Deus das Batalhas — Erak comentou. — Esse homem realmente me assusta.

— Parece que ele já morreu e foi para o inferno — Svengal disse. Erak andou em volta da fogueira e parou onde Will e Evanlyn ainda estavam agachados, atrás das rochas.

— Vocês ouviram isso? — ele perguntou, e Will fez que sim. Evanlyn continuou agachada, de rosto para baixo, atrás das pedras.

Erak a cutucou com a ponta do pé.

— E você, mocinha — ele disse. — Você também ouviu?

Evanlyn olhou para ele com lágrimas de terror marcando a poeira em seu rosto. Sem palavras, ela assentiu. Erak olhou na direção para onde Morgarath e seus Wargals tinham ido.

— Então se lembrem disso se estiverem planejando fugir — ele tornou. — Isso é tudo o que espera vocês se se afastarem de nós.



As Planícies de Uthal formavam um enorme espaço aberto de campinas onduladas e cobertas de grama verde e abundante. Havia poucas árvores, embora montes e colinas baixas ocasionais servissem para quebrar a monotonia. As planícies começavam a se erguer aos poucos, formando um pequeno morro a uma pequena distância de onde o exército de Araluen estava posicionado.

Mais perto dos pântanos, onde os Wargals estavam se reunindo, passava um riacho sinuoso. Normalmente apenas um fio de água, ele tinha encorpado por causa das chuvas recentes de primavera e deixara o chão além de onde estavam os Wargals macio e pantanoso, impedindo qualquer ataque da cavalaria pesada por parte de Araluen.

O barão Fergus de Caraway protegeu os olhos contra o sol forte do meio-dia e examinou as planícies com cuidado, até a entrada do desfiladeiro dos Três Passos.

— Eles são muitos — disse em voz baixa.

— E tem mais chegando — Arald de Redmont a- juntou, ajeitando a espada de folha larga na bainha.

Os dois barões estavam conduzindo seus cavalos de batalha lentamente à frente do exército formado por Duncan. Arald acreditava que fazia bem aos homens ver seus líderes relaxados e conversando casualmente enquanto observavam os inimigos surgindo do desfiladeiro estreito na montanha e se espalhando nas planícies. Eles ouviam vagamente a cantoria ameaçadora e ritmada dos Wargals enquanto corriam para suas posições.

— Esse maldito barulho é mesmo irritante — Fergus resmungou, e Arald concordou.

Aparentemente casual, lançou um olhar para os homens atrás deles. O exército estava a postos, mas o mestre de guerra David tinha mandado todos ficarem em posição de descanso. Consequentemente, a cavalaria estava desmontada, e a infantaria e os arqueiros estavam sentados na inclinação coberta de grama.

— Não há sentido em cansá-los com a posição de sentido no sol —

David tinha dito e recebido a concordância dos outros.

Pelo mesmo motivo, ele tinha ordenado aos vários mestres de cozinha que fornecessem frutas e bebidas geladas à vontade aos homens. Os ajudantes vestidos de branco se movimentavam entre os integrantes do exército, carregando cestos e recipientes de água. Arald olhou para eles e sorriu diante da aparência imponente de mestre Chubb, chef do Castelo Redmont, supervisionando um grupo de infelizes aprendizes que ofereciam maçãs e pêssegos aos homens. Como sempre, sua colher se levantava e abaixava com frequência assustadora na cabeça de qualquer aprendiz que ele achasse estar se movendo devagar demais.

— Dê uma clava a esse seu mestre de cozinha e ele vai conseguir derrotar o exército de Morgarath sozinho — Fergus comentou fazendo Arald sorrir pensativo.

Os homens em volta de Chubb e seus aprendizes, distraídos pelas caretas do gordo cozinheiro, não prestavam atenção à cantoria que atravessava as planícies. Em outras áreas, Arald podia ver sinais de inquietação e mostras de que os homens estavam ficando cada vez mais incomodados na posição de descanso.

Ao olhar à sua volta, Arald viu um capitão de infantaria sentado com sua companhia. Suas armaduras reduzidas, capas xadrez e espadas de folha larga mostravam que pertenciam a um dos feudos do norte. Ele fez sinal para que o homem se aproximasse e se inclinou na sela para cumprimentá-lo.

— Bom-dia, Capitão — ele disse com tranquilidade.

— Bom-dia, senhor — o oficial respondeu com um forte sotaque do norte que tornava suas palavras quase incompreensíveis.

— Diga-me, capitão, o senhor tem tocadores de gaita entre os seus homens? — o barão perguntou sorrindo.

— Ah, sim, senhor — o oficial respondeu imediatamente muito sério. — McDuig e McForn estão conosco. Eles vêm sempre quando vamos para a guerra.

— Então, o senhor pode pedir a eles que toquem uma ou duas músicas para nós? — o barão sugeriu. — Certamente será um som mais agradável do que esses grunhidos monótonos que vêm de longe.

Ele inclinou a cabeça na direção dos Wargals e logo um sorriso se espalhou em seu rosto. O capitão concordou de imediato.

— Ah, sim, senhor. Vou providenciar. Não há nada como uns toques de gaita para fazer o sangue de um homem correr mais depressa nas veias!

Cumprimentando rapidamente o barão, ele se afastou na direção de seus

homens, gritando enquanto corria.

— McDuig! McForn! Respirem fundo e peguem suas gaitas, homens! Vamos ouvir um pouco de música!

Enquanto os dois barões continuavam a percorrer as linhas, eles ouviram os primeiros acordes das gaitas-de-foles enchendo o ar. Fergus estremeceu, e Arald sorriu para ele.

— Nada como alguns toques de gaita para fazer o sangue de um homem correr mais depressa nas veias! — repetiu.

— No meu caso, isso faz meus dentes baterem — seu companheiro declarou e disfarçadamente cutucou o cavalo com o calcanhar para afastá-lo um pouco do som selvagem das gaitas.

Mas, quando olhou para os homens atrás deles, percebeu que a ideia de Arald tinha funcionado. As gaitas estavam conseguindo abafar a cantoria monótona, e os dois músicos, marchando e contra-manchando na frente do exército, atraíam a atenção de todos os homens perto deles.

— Boa ideia — ele disse para Arald. — Não posso deixar de me perguntar se essa é igualmente boa — ele acrescentou, fazendo um gesto para o outro lado da planície, onde os Wargals estavam surgindo do desfiladeiro e assumindo suas posições.

— O meu instinto diz que vamos acabar com eles antes que tenham a chance de entrar em formação.

Arald deu de ombros. Essa questão tinha sido acaloradamente discutida pelo Conselho de Guerra nos últimos dias.

— Se os atacarmos quando saírem, vamos simplesmente contê-los — ele disse. — Se quisermos destruir o poder de Morgarath de uma vez por todas, temos que deixar que ele traga suas forças para terreno aberto.

— E esperar que Halt tenha sido bem-sucedido em parar o exército de Horth — Fergus completou. — Estou ficando com dor no pescoço de tanto olhar sobre o ombro para me certificar de que não há ninguém atrás de nós.

— Halt nunca nos decepcionou antes — Arald disse com tranquilidade.

— Eu sei disso — Fergus concordou infeliz. — Ele é um homem notável. Mas há tantas coisas que podem ter dado errado. Ele pode não ter encontrado o exército de Horth. Ainda pode estar tentando atravessar Thorntree. Ou, ainda pior, Horth pode ter derrotado seus arqueiros e a cavalaria.

— Não há nada que possamos fazer sobre isso, além de esperar — Arald ressaltou.

— E ficar de olho no noroeste, esperando não ver achas e capacetes com

chifres atravessando aquelas colinas.

— Aí está um pensamento reconfortante — Arald disse tentando brincar.

No entanto, não conseguiu resistir à tentação de se virar na sela e espiar ansiosamente em direção às colinas do norte.



Erak tinha esperado até que as últimas poucas centenas de Wargals estivessem descendo o Desfiladeiro dos Três Passos para as planícies e então obrigou seu pequeno grupo a entrar no meio das criaturas apressadas. Houve alguns rosnados e caras feias quando os escandinavos abriram caminho aos empurrões entre o fluxo vivo que seguia as trilhas estreitas e sinuosas do desfiladeiro, mas os guerreiros do mar; pesadamente armados, rosnaram de volta e manejaram suas achas com tamanha facilidade que os zangados Wargals logo recuaram e os deixaram em paz.

Evanlyn e Will estavam no centro do grupo cercados pelos corpulentos escandinavos. A capa de arqueiro de Will, facilmente reconhecível, tinha sido escondida em uma das sacolas e tanto ele quanto Evanlyn usavam casacos de pele de carneiro grandes demais. Os cabelos curtos de Evanlyn estavam cobertos por um capuz de lã. Até aquele momento, nenhum dos Wargals tinha prestado atenção neles, supondo que eram criados ou escravos do pequeno grupo de guerreiros do mar.

— Fiquem de boca fechada e com os olhos no chão! — Erak tinha dito a eles quando atravessaram a multidão de Wargals apressados.

As trilhas estreitas do desfiladeiro ecoavam a cantoria monótona que os Wargals usavam para marcar a cadência. O som se espalhava e flutuava ao redor deles. O plano de Erak era avançar para o leste tão logo tivesse saído do desfiladeiro, aparentemente com o propósito de ocupar uma posição no flanco direito do exército dos Wargals. Assim que a oportunidade aparecesse, os escandinavos se afastariam e fugiriam para a selva alagadiça dos pântanos, viajando pelos charcos e ilhas cobertas de grama até as praias em que a frota de Horth estava ancorada.

Eles avançaram com dificuldade, girando e virando de acordo com as curvas do desfiladeiro. A trilha estreita descia através das montanhas por pelo menos 5 quilômetros, e Will entendeu por que ela sempre tinha sido uma barreira de ambos os lados. Os homens de Morgarath não podiam passar em grandes números a menos que Duncan ficasse para trás e permitisse. Da mesma forma, o exército do rei não podia entrar no desfiladeiro para atacar

Morgarath no planalto.

Paredes negras de rochas lisas, úmidas e brilhantes se elevavam acima deles de ambos os lados. O desfiladeiro via a luz do sol por menos de uma hora todos os dias, perto do meio-dia. A qualquer outra hora, era frio, úmido e envolto em sombras. Isso tudo ajudava a esconder a presença dos dois jovens membros de olhares curiosos.

Will sentiu o chão debaixo dos seus pés começar a ficar plano e percebeu que eles deviam estar no final do desfiladeiro, quase no nível da planície. Preso no meio da multidão agitada e apressada, não havia como enxergar o chão adiante dele. Eles viraram a última curva, e um raio de sol mergulhou no desfiladeiro, obrigando o garoto a proteger os olhos com a mão. Eles tinham chegado à entrada.

— Vá para a direita! — Erak gritou empurrando-o.

Os quatro escandinavos mudaram de direção, abrindo caminho entre a multidão até chegarem ao lado direito do desfiladeiro. Houve grunhidos e resmungos zangados por parte dos Wargals, pois vários deles foram atirados para a frente e quase caíram antes de recuperar o equilíbrio.

A luz do sol os atingiu como uma barreira física quando saíram da escuridão do desfiladeiro e, por um momento, Will e Evanlyn hesitaram. Erak os empurrou novamente, mais ansioso agora que ouvia uma voz conhecida gritando comandos para os Wargals.

Morgarath estava ali, dirigindo as operações.

— Maldito seja! — Erak resmungou. — Eu esperava que ele estivesse com a vanguarda do exército. Continuem andando, vocês dois!

Ele empurrou Will e Evanlyn para que andassem um pouco mais depressa. Will olhou para trás. Acima das cabeças dos Wargals, conseguiu ver a figura alta e magra do Senhor da Chuva e da Noite, agora usando roupa e armadura totalmente pretas, ainda sentado em seu cavalo branco e gritando ordens para os violentos e sonoros Wargals.

Aos poucos, eles estavam se posicionando em formações ordenadas e se juntando ao exército principal. Quando Will olhou para trás, o rosto pálido se virou para o grupo de escandinavos apressados, e Morgarath fez o cavalo avançar na direção deles, sem dar importância ao fato de que estava pisoteando os próprios homens para chegar lá.

— Capitão Erak! — ele chamou.

A voz não era alta, mas se fez ouvir, fina e cortante, através da cantoria dos Wargals.

— Continuem a andar! — Erak ordenou em voz baixa. — Continuem a

se mexer.

— Parem!

A raiva fria da voz instantaneamente parou e silenciou os Wargals, que ficaram paralisados. Os escandinavos fizeram o mesmo com relutância, e Erak se virou para encarar Morgarath.

O Senhor da Chuva e da Noite conduziu o cavalo pela multidão, empurrando Wargals ou fazendo que caíssem para abrir caminho para ele. Lentamente, seus olhos encontraram os de Erak, e ele desmontou. Mesmo em pé, erguia-se acima do forte líder escandinavo.

— E para onde você e seus homens estão indo hoje, capitão? — ele indagou com uma voz suave.

Erak fez sinal para a direita.

— Eu e meus homens costumamos lutar na ala direita — ele explicou o mais casualmente possível. — Mas, se isso não estiver bom, vou para onde necessitar de mim.

— É mesmo? — Morgarath retrucou com sarcasmo. — Será que vai? Mas como o senhor é gentil. Você...

— ele se interrompeu ao olhar para as duas figuras menores que os outros escandinavos tentavam esconder sem sucesso.

— Quem são eles? — Morgarath perguntou, e Erak deu de ombros.

— Celtas — o escandinavo disse rapidamente. — Nós prendemos eles em Céltica e estou planejando vender para o oberjarl Ragnak como escravos.

— Céltica é minha, capitão. Escravos de Céltica também são meus. Eles não estão aqui para você levar e vender eles para o seu rei bárbaro.

Os escandinavos que cercavam Will e Evanlyn se mexeram zangados com essas palavras. Morgarath voltou os olhos frios para eles e então observou os milhares de Wargals que os cercavam: cada qual pronto para obedecer a qualquer ordem sem perguntas. A mensagem estava clara.

Erak tentou iludir Morgarath.

— Nosso acordo diz que deveríamos lutar pelo prêmio, e isso inclui escravos — ele insistiu, mas Morgarath o interrompeu.

— Se vocês lutassem! — ele gritou furioso. — Não se ficassem assistindo à minha ponte ser destruída.

— Era seu homem, Chirath, que estava no comando na ponte — Erak disparou de volta. — Foi ele que decidiu não deixar nenhum guarda de vigia. Nós fomos os únicos que tentaram salvar a ponte enquanto ele estava escondido atrás das pedras.

O olhar de Morgarath se fixou no de Erak mais uma vez e sua voz caiu

para um tom quase inaudível.

— Ninguém fala comigo nesse tom, capitão Erak — ele disparou. — Peça desculpas imediatamente. E depois...

Ele parou no meio da sentença. Parecia possuir sentidos periféricos anormais. Embora estivesse olhando para Erak sem piscar, aparentemente tinha percebido alguma coisa num dos lados. Os olhos negros se viraram e ficaram presos em Will. Um dedo branco e ossudo estava levantado, apontado para a garganta do garoto.

— O que é isso?

Erak olhou e sentiu um frio na boca do estômago.

Um brilho pálido de bronze estava visível na abertura da gola da camisa de Will. Logo, Erak se sentiu empurrado para um lado quando Morgarath se moveu, rápido como uma serpente, e agarrou a corrente em volta do pescoço do rapaz.

Horrorizado com a fúria implacável que viu naqueles olhos apagados, Will cambaleou para trás. Ao seu lado, ele ouviu Evanlyn respirar fundo quando Morgarath olhou para a pequena folha de bronze em sua mão.

— Um arqueiro! — ele berrou. — Ele é um arqueiro! Aqui está seu símbolo!

— Ele é um menino... — Erak começou, mas a fúria de Morgarath se voltou contra ele, e o líder sombrio estapeou o rosto do escandinavo com as costas da mão.

— Ele não é um menino! Ele é um arqueiro!

Quando o colega foi estapeado, os outros três escandinavos se afastaram, com as armas prontas. Morgarath nem mesmo teve que falar. Virou os olhos cintilantes na direção dos Wargals e 20 deles se aproximaram grunhindo, com bastões e lanças preparados.

Erak fez um sinal para que seus homens se acalmassem. A marca vermelha do tapa de Morgarath brilhava em seu rosto.

— Você sabia — Morgarath acusou. — Você sabia — então ele compreendeu. — É ele! Flechas, você disse! Os meus Wargals estavam se escondendo de flechas enquanto a ponte queimava! Arma de arqueiro! Esse é o porco que destruiu minha ponte!

A voz se transformou num grito esganiçado.

A garganta de Will estava seca, e o pavor fazia seu coração bater forte. Ele conhecia o lendário ódio de Morgarath pelos arqueiros: todos os arqueiros conheciam. Ironicamente, o próprio Halt detonara esse ódio quando liderou o ataque-surpresa ao exército de Morgarath em Hackman Heath, dezesseis anos

antes.

Erak ficou parado diante do lorde Negro sem falar nada.

Will sentiu uma mão pequena e quente se enroscar na dele: Evanlyn. Por um momento, ficou admirado com a coragem da garota de se unir a ele daquela forma diante da fúria e do ódio implacável de Morgarath.

Então, outro cavalo abriu caminho à força entre a multidão. Na sela, vinha um dos tenentes de Morgarath, um dos Wargals que tinha conhecimentos elementares da comunicação com os humanos.

— Meu senhor — ele chamou no tom estranho e sem emoção dos Wargals. — Avanço do inimigo.

O Senhor da Chuva e da Noite tomou uma decisão. Ele saltou para a sela de seu cavalo, com o olhar furioso agora preso em Will, não em Erak.

— Nós vamos terminar isso mais tarde — ele avisou virando-se então para um sargento entre os que tinham cercado os escandinavos. — Mantenha esses prisioneiros aqui até eu voltar. Sob pena de perder sua vida.

O Wargal saudou seu chefe com um punho levantado no lado esquerdo do peito e grunhiu um comando aos seus homens. Eles cercaram o grupo dos escandinavos. Os quatro lobos do mar agora formavam um pequeno círculo e olhavam para fora, mantendo Will e Evanlyn no centro. Prontos para o ataque, eles seguravam as armas. A situação estava equilibrada e obviamente eles estavam preparados para lutar até a morte.

— Vamos resolver isso mais tarde, Erak — Morgarath repetiu. — Tente escapar e meus homens vão cortar vocês em pedaços.

Virando o cavalo, ele galopou entre a multidão outra vez, espalhando soldados em seu caminho, pisoteando os que eram lentos demais para sair dele. A voz fina e na- salada continuou gritando ordens para suas forças até desaparecer.



O primeiro choque entre os dois exércitos não foi decisivo. A linha dispersa do rei, consistindo em infantaria leve acompanhada por arqueiros, avançou pelo flanco esquerdo de Morgarath numa manobra de reconhecimento, recuando rapidamente quando um batalhão de infantaria pesada se formou e avançou para enfrentá-las.

Os homens levemente armados fugiram precipitadamente para a segurança das próprias linhas, adiante dos Wargals que avançavam lentamente. Então, enquanto uma companhia de cavalaria pesada trotava para a frente, na direção do flanco esquerdo do batalhão de Wargals, estes refizeram a formação, passando das colunas de quatro fileiras para um quadrado de infantaria mais lento e defensivo, e recuaram para as próprias linhas.

Durante as próximas horas, esse continuou sendo o padrão da batalha: pequenas forças faziam reconhecimento das defesas do inimigo; forças maiores ofereciam oposição, e o primeiro ataque perdia força. Arald, Fergus e Tyler montavam seus cavalos ao lado do rei num pequeno morro, no centro do exército real. O mestre de guerra David acompanhava um pequeno grupo de cavaleiros que fazia uma das muitas incursões na direção do exército de Wargals.

— Todas essas idas e vindas estão me aborrecendo — Arald disse amargo.

O rei sorriu para ele. Tinha uma das mais importantes qualidades de um bom comandante: uma paciência quase ilimitada.

— Morgarath está esperando — ele disse simplesmente. — Está esperando que o exército de Horth apareça às nossas costas. Tenho certeza de que então ele vai atacar.

— Vamos partir para o ataque — Fergus grunhiu, mas Duncan fez que não, apontando para o solo imediatamente na frente da posição de Morgarath.

— A terra ali está mole e pantanosa — ele afirmou.

— Isso vai reduzir a eficiência de nossa melhor arma, a cavalaria. Vamos esperar até que Morgarath venha até nós. Daí, poderemos combatê-lo num

terreno mais apropriado.

Houve um bater de cascos apressados vindo da retaguarda. O grupo real se virou e viu um mensageiro conduzindo o cavalo para a última subida do morro. Ele puxou as rédeas, olhou em volta e viu a cabeça loira do rei, então impeliu o cavalo novamente, finalmente fazendo-o parar junto deles. Sua capa verde, a malha da armadura leve e a espada de lâmina fina mostravam que era um batedor.

— Majestade — ele disse sem fôlego, — uma mensagem de sir Vincent.

Vincent era o líder do Corpo de Mensageiros, um grupo de soldados que agia como olhos e ouvidos do rei durante um conflito, levando mensagens e ordens para todas as partes do campo de batalha. Duncan fez um gesto com a cabeça indicando que o homem deveria continuar e apresentar a mensagem.

O cavaleiro engoliu a saliva várias vezes e olhou ansiosamente para o rei e os três barões. No mesmo instante, Arald soube que as notícias não eram boas.

— Senhor — o homem começou hesitante. — Os respeitos de sir Vincent, senhor, e... parece que há escandinavos atrás de nós.

Houve exclamações espantadas de vários dos oficiais jovens que rodeavam o grupo de comando. Fergus se virou para eles com a testa franzida numa expressão séria.

— Fiquem quietos! — ele vociferou e, num instante, o barulho desapareceu.

Os ajudantes pareceram envergonhados por sua falta de disciplina.

— Exatamente onde estão esses escandinavos? E quantos são? — Duncan perguntou com calma ao mensageiro.

Seus modos tranquilos pareceram contagiar o rapaz. E ele respondeu com muito mais confiança.

— O primeiro grupo pode ser visto no cume mais baixo a noroeste, majestade. Até agora só podemos ver cerca de cem. Sir Vincent sugere que a melhor posição para vocês observarem a situação seria da pequena colina ao fundo, à nossa esquerda.

O rei concordou e se virou para um dos oficiais mais jovens.

— Ranald, talvez você possa ir avisar sir David dessa nova situação. Diga a ele que estamos mudando o posto de comando para a colina que sir Vincent sugeriu.

— Sim, meu senhor! — o jovem cavaleiro respondeu. Ele virou o cavalo e saiu a galope. O rei então se virou para os companheiros.

— Amigos, vamos dar uma olhada nesses escandinavos.



O barão Arald estudou o pequeno grupo de homens na colina atrás deles. Mesmo àquela distância, era possível distinguir os capacetes com chifres e os enormes escudos redondos que os guerreiros do mar carregavam. Um pequeno grupo tinha avançado para perto da colina, e era fácil vê-lo.

Igualmente óbvia foi a escolha da típica formação em ponta de flecha. Ele calculou que várias centenas de inimigos estavam agora visíveis e que havia muitos outros mais escondidos do outro lado das colinas. Sentiu um grande peso de tristeza nos ombros. O fato de os escandinavos estarem ali significava apenas uma coisa: Halt tinha fracassado. E, conhecendo Halt como conhecia, sabia que isso provavelmente significava que o velho arqueiro tinha morrido na tentativa. Ele sabia que Halt nunca se renderia, não quando a necessidade de impedir os escandinavos de chegar à retaguarda do exército era tão importante.

Duncan disse o que pensava a todos os seus companheiros.

— São mesmo os escandinavos.

Ele olhou para o alto da colina.

— Vamos ter que lutar na defensiva, meus senhores — ele continuou. — Sugiro que comecemos a reunir nossos homens num círculo em volta desta colina. É um ponto tão bom quanto outro qualquer para lutar dos dois lados.

Todos sabiam que era apenas uma questão de tempo antes que Morgarath avançasse e os esmagasse entre as duas mandíbulas da armadilha que tinha preparado.

— Cavaleiro se aproximando! — gritou um dos soldados, enquanto apontava com o dedo.

Todos se viraram para olhar o ponto que o rapaz indicou. De um bosque à direita de um morro, um cavaleiro solitário ficou visível de repente. Vários escandinavos o perseguiram, jogando lanças e bastões atrás dele. Mas ele cavalgava colado ao pescoço do cavalo, com a capa cinza-esverdeada cintilando no vento, e logo deixou o inimigo para trás.

— É Gilan — o barão Arald murmurou reconhecendo o cavalo baio.

Ele procurou em vão um segundo arqueiro atrás de Gilan, esperando, mesmo sabendo ser improvável, que Halt tivesse sobrevivido de alguma forma. Mas não viu ninguém mais. Os ombros do barão se curvaram um pouco ao se dar conta de que Gilan parecia ser o único sobrevivente da força que tinha partido com tanta ousadia para a Floresta Thorntree.

Gilan já estava em terreno plano e ainda galopava a toda a velocidade. Ele viu os estandartes reais balançando na colina e conduziu Blaze naquela direção.

Em poucos minutos e coberto de poeira, puxou as rédeas ao lado dos outros homens, com uma das mangas da túnica rasgada e uma atadura manchada de sangue ao redor da cabeça.

— Senhor! — ele disse sem fôlego, esquecendo o protocolo para se dirigir à realeza. — Halt diz que o senhor pode...

Ele não conseguiu falar mais, pois pelo menos quatro pessoas o interromperam. A voz do barão Fergus, contudo, era a mais alta.

— Halt? Ele está vivo?

— Ah, sim, senhor! Vivo e em plena atividade — ele respondeu sorrindo.

— Mas os escandinavos... — o rei Duncan começou e mostrou as linhas de homens ao longe.

O sorriso de Gilan aumentou ainda mais.

— Derrotados, senhor. Nós os pegamos totalmente de surpresa e os fizemos em pedaços. Esses homens são nossos arqueiros usando os capacetes e escudos tomados do inimigo. Foi ideia de Halt...

— Com que objetivo? — Arald perguntou asperamente, e Gilan se virou para ele com um gesto de desculpas para o rei.

— Para enganar Morgarath, senhor — ele explicou.

— Ele está esperando que os escandinavos ataquem pela retaguarda, e é o que vai acontecer. É por isso que eles até fingiram tentar me parar agora. Nossa cavalaria está exatamente atrás do morro. Halt propõe avançar com os arqueiros, obrigando vocês a se virarem para a retaguarda. Então, com alguma sorte, enquanto Morgarath ataca com seus Wargals, os arqueiros e o seu exército principal devem abrir um caminho no centro, permitindo que a cavalaria oculta passe e atinja Morgarath quando estiver em terreno aberto.

— Meu Deus, é uma ótima ideia! — Duncan elogiou com entusiasmo. — É provável que levantemos tanta poeira e criemos tanta confusão que ele não vai ver a cavalaria de Halt até que ela esteja bem na frente dele.

— Então, meu senhor, podemos distribuir a cavalaria pesada de qualquer um dos lados para atingir os Wargals pelos flancos.

Quem falava agora era sir David. Ele tinha chegado despercebido enquanto Gilan explicava o plano de Halt.

O rei Duncan hesitou por um segundo, passando a mão pela barba curta, e depois concordou com um gesto determinado.

— Vamos em frente! — ele disse. — Senhores, é melhor irem falar com seus comandantes imediatamente. Fergus, Arald, levem uma divisão da cavalaria pesada para a esquerda e outra para a direita e fiquem preparados. Tyler, comande a infantaria no centro. Certifique-se de que eles saibam que esse é

um falso ataque. E diga para gritarem e baterem as espadas nos escudos quando os “escandinavos” se aproximarem. Vamos fazer parecer uma batalha de verdade. Deixe-os preparados para se separar e ir para os lados ao terceiro som da corneta.

— Ao terceiro som da corneta. Sim, meu senhor — Tyler afirmou. Ele cutucou seu cavalo de batalha com os estribos e se afastou a galope para assumir o comando da infantaria. Duncan olhou para os outros comandantes.

— Vamos em frente, senhores. Não temos muito tempo.

Um dos ajudantes chamou.

— Senhor! Os escandinavos estão descendo a colina!

Alguns segundos depois, outro homem repetiu o grito.

— E os Wargals estão começando a avançar!

Duncan deu um sorriso sombrio para seus comandantes:

— Acho que chegou o momento de fazer uma pequena surpresa para Morgarath.



De sua posição de comando no centro de seu exército, Morgarath observava a aparente confusão nas forças do rei. Cavalos galopavam de um lado para outro, homens giravam no lugar em que estavam, berros e gritos pairavam pela planície e chegaram até o exército da Chuva e da Noite.

Morgarath estava de pé nos estribos. De longe, ele via movimento no morro ao norte do exército do reino. Homens entravam em formação e avançavam. Ele se esforçou para enxergar melhor. Aquela era a direção de onde esperava que Horth aparecesse, mas a poeira levantada por toda a movimentação dificultava ver os detalhes.

Embora grande parte das forças de Morgarath consistisse em Wargals, cujos corpos e mentes tinham sido escravizados de acordo com sua vontade, o Senhor da Chuva e da Noite estava cercado por uma pequena roda seleta de homens que tinham tido a permissão de conservar seus poderes de pensamento e decisão. Renegados, criminosos e párias, eles vinham de todos os lados do país. O mal sempre atrai o mal, e o círculo interno de Morgarath era, de todas as formas, impiedoso, perverso e depravado. Todos eram guerreiros capazes e quase todos eram assassinos frios.

Naquele momento, um deles cavalgou para junto de Morgarath.

— Meu senhor! — ele gritou com um sorriso largo no rosto. — Os bárbaros estão atrás das forças de Duncan! E estão atacando agora!

Morgarath devolveu o sorriso para o jovem rapaz. Seus olhos eram conhecidos pela perspicácia.

— Tem certeza? — ele perguntou com a voz fina e monótona. O tenente vestido de preto fez que sim com segurança.

— Vejo seus ridículos capacetes com chifres e os escudos redondos, senhor. Nenhum outro guerreiro os usa.

Isso era verdade. Embora algumas das forças do reino usassem escudos redondos, os dos escandinavos era imensos e feitos de madeira reforçada com metal. Eles tinham mais de 1 metro de diâmetro e apenas os enormes escandinavos, com músculos fortes de tanto remar seus navios nos mares

gelados, poderiam carregar escudos tão pesados numa batalha por tempo indeterminado.

— Olhe, meu senhor! — continuou o jovem oficial. — O inimigo está se virando para enfrentar eles.

E assim parecia ser. As fileiras da frente do exército voltadas para eles agora estavam se movimentando confusas e se virando. Os gritos e o barulho ficavam cada vez mais altos. Morgarath olhou para a direita e viu a pequena colina onde o estandarte do rei marcava o posto de comando do inimigo. Vultos montados e virados para o norte e surgiam no alto.

Ele sorriu mais uma vez. Mesmo sem as forças que cruzariam a ponte que atravessaria a fenda, seu plano seria bem-sucedido. Ele tinha encurralado as forças de Duncan entre o martelo dos escandinavos e a bigorna dos Wargals.

— Avance — ele disse em voz baixa.

Então, como o mensageiro a seu lado não ouviu as palavras, ele se virou com o rosto inexpressivo e chicote- ou o homem no rosto com o cabo do chicote de montaria de aço coberto de couro.

— Dê ordem para avançar — ele repetiu no mesmo tom de voz anterior.

O Wargal, ignorando a dor do corte feito pelo chicote e o sangue que escorria da testa para o olho, levou a corneta para os lábios e tocou uma escala ascendente de quatro notas.

Ao longo das linhas do exército de Wargals, comandantes de companhia deram um passo à frente, um a cada 100 metros. Eles ergueram as espadas curvas e entoaram os primeiros sons da cadência dos Wargals. Como uma máquina irracional, todo o exército começou imediatamente a cantoria, desta vez num ritmo bem lento, e avançou para a frente.

Morgarath deixou que as primeiras dezenas de fileiras passassem por ele e então, com seus ajudantes, impeliu os cavalos para a frente e acompanhou o exército.

O Senhor da Chuva e da Noite sentiu a respiração acelerar e o coração bater mais rápido. Esse era o momento que tinha planejado e esperado nos últimos quinze anos. No alto de suas montanhas varridas pelo vento e pela chuva, ele tinha aumentado sua força de Wargals até que formassem um exército que nenhuma infantaria poderia derrotar. Como não eram donos de suas mentes, quase não sentiam medo. Eles eram inexoráveis. Sofreriam perdas que nenhuma outra tropa suportaria e continuariam a avançar.

Eles tinham apenas um ponto fraco: enfrentar a cavalaria. As montanhas altas não eram lugar para cavalos, e ele tinha sido incapaz de condicionar suas mentes a enfrentar soldados montados. Morgarath sabia que perderia muitas

tropas para a cavalaria de Duncan, mas não se importava com isso. Num confronto normal, a cavalaria do rei seria um fator decisivo em sua batalha. Agora, porém, divididos entre os Wargals e os escandinavos, seus homens seriam insuficientes para pará-lo. Ele aceitava sem escrúpulos o fato de que a cavalaria de Duncan iria causar grandes perdas entre suas tropas. Não dava a mínima importância ao seu exército, somente aos próprios desejos e planos.

A poeira se levantava dos milhares de pés que corriam de um lado para outro. A cantoria o cercava, um ritmo primitivo de ódio e maldade implacável. Ele começou a rir. Suavemente no início, depois cada vez mais alto e descontroladamente. Aquele era o seu dia. Aquele era o seu momento. Aquele era o seu destino.

Cruel, perverso e totalmente implacável, ele era o Senhor da Chuva e da Noite. Também era, sem dúvida alguma, insano.

— Mais depressa! — ele gritou desembainhando a enorme espada de folha larga e agitando-a em largos círculos sobre a cabeça.

Os Wargals não precisavam ouvir nenhuma palavra. Eles estavam ligados a ele num elo mental inquebrável. A cadência do canto aumentou e o exército negro começou a se mover cada vez mais depressa.

Mais à frente, tudo era confusão. O inimigo, que primeiro se virara para enfrentar os escandinavos, agora via a nova ameaça se aproximando na retaguarda. O exército do rei hesitou e, por algum motivo inexplicável, reagiu aos três toques de cometa se afastando para os lados, abrindo um espaço no coração de suas linhas. Morgarath gritou triunfante. Ele levaria seu exército para esse espaço, separando as alas da direita e da esquerda. Quando a linha de frente de um exército era quebrada, ela perdia toda a coesão e o controle, e o caminho para a derrota já estava parcialmente percorrido. Agora, em pânico, o inimigo o estava presenteando com a oportunidade perfeita para golpeá-lo no fundo de seu coração. Até tinha deixado o caminho aberto para o centro de comando: o pequeno grupo de cavaleiros parados debaixo do estandarte real na colina.

— Para a direita! — Morgarath berrou e apontou a espada na direção da água que enfeitava o estandarte do rei Duncan.

Como antes, os Wargals ouviram suas palavras e seu pensamento. O exército virou ligeiramente, dirigindo-se para o espaço. E agora, acima da cantoria, Morgarath ouviu um som retumbante e monótono. Um som inesperado.

O bater de cascos de cavalo.

A dúvida repentina em sua mente imediatamente se comunicou com as

mentes dos integrantes de seu exército. Houve uma vacilação momentânea no avanço e então, amaldiçoando os Wargals, ele os impeliu para a frente novamente. Mas o barulho dos cascos de cavalo continuava e, examinando as nuvens de poeira levantadas pelo exército do inimigo, ele viu a movimentação e sentiu uma repentina e incontrolável onda de medo. Então o exército de Wargals hesitou novamente.

E, desta vez, antes que pudesse mentalmente mandá-los avançar, a cortina de poeira pareceu se dissipar, e ele viu a cavalaria investindo a menos de 100 metros da linha de frente de seu exército.

Não havia tempo para formar o tipo de quadrado defensivo que seria a única esperança contra um ataque da cavalaria. Os soldados vestidos de armaduras invadiram com violência a extensa linha de frente dos Wargals, destruíram a formação e entraram no centro do exército de Morgarath. E, quanto mais penetravam, maior ficava o espaço, pois a cavalaria se espalhava e separava os Wargals, exatamente como Morgarath tinha planejado fazer com o inimigo.

Morgarath ouviu um longo toque de cometa ao longe. De pé nos estribos, ele olhou para a direita e para a esquerda e viu, vindo de cada ala do exército de Duncan, mais elementos da cavalaria se aproximando por seus flancos e derrubando suas formações. Vagamente, ele se deu conta de que tinha exposto seu exército à pior situação possível que poderia ter imaginado: ser apanhado em terreno aberto com a força total da cavalaria de Duncan.

Os Wargals enfrentavam a única força que poderia provocar medo em seus corações. Morgarath sentiu a faísca da derrota nas suas sombrias ondas mentais. Com o pensamento, ele tentou obrigá-los a continuar, mas a barreira do medo estava por demais arraigada neles. Gritando furioso, ele os fez recuar. Então, virou seu cavalo e, com os ajudantes que restavam, galopou de volta entre seu exército, abrindo caminho com a espada.

No Desfiladeiro dos Três Passos, formou-se um grande emaranhado quando milhares de soldados da retaguarda tentaram forçar passagem pela estreita abertura entre as rochas. Não haveria escapatória para ele ali, mas fugir era o último pensamento em sua mente. Seu único desejo era se vingar das pessoas que fizeram seus planos caírem por terra. Ele reuniu as tropas restantes num semicírculo defensivo, com as costas voltadas para as rochas lisas que barravam o caminho para o alto do planalto.

Frustrado e furioso, ele tentou entender o que tinha acabado de acontecer. O ataque dos escandinavos tinha dado em nada, como se nunca tivesse acontecido. Os soldados que avançaram morro abaixo usavam capacetes e

escudos escandinavos, mas tinha sido um estratagema para fazê-lo avançar. O fato de eles estarem usando capacetes e escudos significava que, em algum lugar, as forças de Horth tinham sido derrotadas. Isso só poderia ter sido conseguido se alguém tivesse guiado uma força para interceptá-las através do impenetrável labirinto da Floresta Thorntree. Alguém?

No fundo de sua mente, Morgarath sabia quem era essa pessoa. Não sabia como nem por quê. Mas sabia que tinha de ser um arqueiro... e somente um deles poderia ter feito isso.

Halt.

Um ódio amargo e sombrio nasceu em seu coração. Por causa de Halt, seu sonho estava se desmanchando na frente de seus olhos. Por causa de Halt, metade de seus soldados Wargals estava caída na poeira do campo de batalha.

Sabia que o dia estava perdido. Mas ele se vingaria de Halt. E estava começando a ver como conseguiria atingir seu objetivo. Ele se virou para um de seus capitães.

— Prepare uma bandeira de trégua — ele disse



O principal exército do reino avançava lentamente pelo campo de batalha em desordem. Os fortes ataques realizados pela cavalaria vindo de três lados tinham lhe dado uma vitória decisiva no espaço de alguns poucos minutos.

Na segunda linha do grupo de comando, Horace cavalgava ao lado de sir Rodney. O mestre de guerra tinha escolhido Horace como eu ajudante, cavalgando ao seu lado direito, em reconhecimento aos seus serviços ao reino. Era uma honra rara para quem participava de sua primeira batalha, mas sir Rodney era da opinião que o rapaz tinha mais que merecido.

Horace viu o campo de batalha com um misto de emoções. Por um lado, estava vagamente desapontado pelo fato de que, até ali, não tinha sido chamado para lutar. Por outro, sentia um grande alívio. A realidade da batalha nada tinha a ver com os sonhos glamourosos que tinha tido quando menino. Ele tinha imaginado uma batalha como uma série de ações cuidadosamente coordenadas, quase coreografadas, envolvendo guerreiros habilidosos executando atos de coragem. Era desnecessário dizer que nesses sonhos o guerreiro mais notável e corajoso no campo tinha sido o próprio Horace.

Em vez disso, ele viu com certo horror os golpes, as estocadas e derramamento de sangue, a poeira e os gritos diante dele. Homens, Wargals e cavalos tinham morrido, e seus corpos estavam agora espalhados na poeira das Planícies de Uthal como um monte de bonecas de trapo. Foi tudo muito rápido, violento e confuso. Ele olhou para sir Rodney. O rosto sombrio do mestre de guerra lhe disse que era sempre daquele jeito.

A garganta de Horace estava seca, e ele tentou aliviá-la engolindo um pouco de saliva. Uma pontada de dúvida o atingiu. Ele se perguntou, caso fosse chamado para lutar, se iria simplesmente ficar paralisado de medo. Pela primeira vez na vida, tinha se dado conta de que as pessoas realmente morriam nas guerras. E que ele poderia ser uma dessas pessoas. Tentou engolir novamente, mas não foi mais bem-sucedido do que na primeira vez.



Morgarath e seus soldados remanescentes estavam numa formação defensiva na base dos penhascos. O chão macio mantinha a cavalaria afastada, e não havia escolha a não ser avançar com a infantaria e terminar o serviço numa luta corpo a corpo.

Qualquer comandante normal de forças inimigas já teria admitido o resultado inevitável e se rendido para poupar as vidas das tropas restantes. Mas aquele era Morgarath, e todos sabiam que não haveria negociação. Os guerreiros se endureceram para a difícil tarefa que os esperava. Seria uma luta sangrenta e sem sentido, mas não havia outra alternativa. De uma vez por todas, o poder de Morgarath devia ser derrubado.

— No entanto — Duncan disse sombrio quando sua linha de frente parou a apenas algumas centenas de metros do meio círculo defensivo dos Wargals —, vamos lhe oferecer a oportunidade de se render.

Ele respirou fundo, pronto para mandar o corneteiro dar o sinal para uma conferência, quando houve uma movimentação na linha de frente do exército dos Wargals.

— Senhor! — Gilan disse de repente. — Eles estão com uma bandeira de trégua.

Os líderes do reino olharam com surpresa a bandeira branca ser desfraldada e carregada por um soldado desmontado. Ele se aproximou e parou no terreno entre as duas forças. Do fundo das fileiras dos Wargals, veio um toque de corneta, cinco notas ascendentes: o sinal universal que solicitava uma conferência. O rei Duncan fez um pequeno gesto de surpresa, hesitou e deu um sinal para o próprio corneteiro.

— Acho que é melhor ouvir o que ele tem a dizer — murmurou. — Dê a resposta.

O corneteiro umedeceu os lábios e tocou a aceitação em resposta: as mesmas notas na ordem inversa.

— Deve ser algum tipo de truque — Halt disse preocupado. — Morgarath vai enviar um mensageiro para falar enquanto foge. Ele vai...

O arqueiro parou de falar quando as fileiras de Wargals se separaram mais uma vez e uma figura se aproximou em um cavalo. Imensamente alto e magro, usando uma armadura preta e um capacete preto de bico de pássaro, era sem dúvida alguma o próprio Morgarath. A mão direita de Halt foi instintivamente para a aljava pendurada em suas costas e, num segundo, uma flecha pesada, própria para perfurar armaduras, foi colocada na corda do arco.

O rei Duncan viu o movimento.

— Halt — ele disse asperamente. — Concordei com uma trégua. Não me faça quebrar minha palavra, nem mesmo para Morgarath.

O sinal da cometa era uma promessa de segurança e, relutantemente, Halt devolveu a flecha à aljava. Duncan fez um rápido contato visual com o barão Arald, dando sinal para que ele ficasse de olho no arqueiro. Halt deu de ombros. Se decidisse atirar uma flecha no coração de Morgarath, nem o barão, nem qualquer outro homem seria rápido o bastante para impedi-lo.

Lentamente, a figura semelhante a um abutre se aproximou no cavalo branco com o Wargal que levava o estandarte à sua frente. Um baixo murmúrio se ergueu em meio ao exército do reino quando os guerreiros viram, pela primeira vez, o homem que durante os últimos quinze anos tinha sido uma constante ameaça para suas vidas e seu bem estar, Morgarath parou a uns 30 metros da linha de frente e viu o grupo do rei no local onde tinha parado para encontrá-lo. Seus olhos se estreitaram quando olhou para a pequena figura encolhida numa capa cinzenta sobre um pônei desgrehado.

— Duncan! — ele chamou com a voz fina atravessando o repentino silêncio. — Reclamo meus direitos!

— Você não tem direitos, Morgarath — o rei respondeu. — Você é um rebelde, um traidor e um assassino. Renda-se agora, e seus homens serão poupados. Esse é o único direito que vou lhe conceder.

— Exijo o direito de disputar um combate direto com você! — Morgarath gritou de volta ignorando as palavras do rei. — Ou você é covarde demais para aceitar um desafio, Duncan? — ele continuou com insolência. — Vai deixar que mais alguns milhares de seus homens morram enquanto se esconde atrás deles? Ou vai deixar que o destino decida a questão aqui?

Duncan foi pego de surpresa. Morgarath esperou sorrindo calmamente para si mesmo. Ele podia adivinhar os pensamentos que passavam pelas mentes do rei e de seus conselheiros. Ele tinha oferecido um curso de ação que poderia poupar a vida de milhares de seus soldados.

Arald moveu seu cavalo para perto do rei.

— Ele não tem direito aos privilégios de um cavaleiro. Ele merece a forca. Nada mais — disse zangado.

Alguns dos outros murmuraram concordando.

— No entanto... — Halt disse em voz baixa, e todos se viraram para encará-lo. — Isso poderia resolver o problema que enfrentamos. Os Wargals estão mentalmente presos à vontade de Morgarath. Agora que não podemos usar a cavalaria, eles irão continuar a lutar enquanto ele desejar. E vão matar milhares de nossos homens nesse processo. Mas, se Morgarath fosse morto

num combate direto...

— Os Wargals ficariam sem comando — Tyler interrompeu compreendendo o raciocínio. — É provável que simplesmente parem de lutar.

— Não temos certeza disso... — Duncan ponderou preocupado.

— Certamente, senhor, vale a pena tentar — interrompeu sir David de Caraway, — Acho que Morgarath foi esperto. Sabe que não podemos desistir à oportunidade de pôr fim a isso com um combate homem a homem. Ele jogou os dados hoje e perdeu. Mas é obvio que planeja desafiá-lo e matá-lo como um ato final de vingança.

— O que quer dizer? — Duncan perguntou.

— Como mestre de guerra real, posso responder a qualquer desafio feito ao senhor, meu rei.

Houve um breve murmúrio quando ele disse isso. Morgarath poderia ser um oponente perigoso, mas sir David era o mais habilidoso cavaleiro do reino. Como o filho, ele tinha treinado com o renomado mestre espada-chim MacNeil, e sua capacidade no combate homem a homem era lendária.

— Morgarath está usando as regras da classe dos cavaleiros para ter uma chance de matá-lo, senhor — ele falou ansioso. — Evidentemente, esqueceu o fato de que, como rei, o senhor pode ser representado por um campeão. Dê-lhe o direito de desafiá-lo. E então permita que eu aceite.

Duncan considerou a ideia. Ele olhou para os conselheiros e viu que todos concordavam. Abruptamente, tomou uma decisão.

— Tudo bem — disse finalmente. — Aceito seu direito ao desafio. Mas ninguém diz nada sobre a aceitação. Somente eu, está claro?

O conselho concordou. Uma vez aceito o desafio, não se podia voltar atrás. Duncan ficou de pé nos estribos e se dirigiu à ameaçadora figura negra.

— Morgarath — Duncan chamou —, embora acreditemos que você tenha perdido qualquer direito que pudesse ter tido como cavaleiro, vá em frente e faça seu desafio. Como você disse, vamos deixar o destino decidir essa questão.

Morgarath permitiu que um sorriso se espalhasse por seu rosto e não tentou mais escondê-lo daqueles que o observavam. Sentiu uma rápida onda de triunfo no peito e então um ódio frio o dominou quando olhou diretamente para a figura pequena de aspecto insignificante atrás do rei.

— Então, como é meu direito perante Deus — ele disse com cuidado certificando-se de usar as palavras exatas e antigas para propor um desafio — e diante de todos aqui presentes, faço meu desafio, para provar que minha causa é correta e justa, para... — ele não conseguiu deixar de hesitar e saborear o

momento por um segundo — Halt, o arqueiro.

Seguiu-se um silêncio perplexo. Então, quando Halt impeliu Abelard para a frente para responder, o “não!” penetrante de Duncan o fez parar. Seus olhos tinham um brilho intenso.

— Vou correr o risco, meu senhor — ele disse sombrio, mas Duncan estendeu o braço para impedi-lo de prosseguir.

— Halt não é um cavaleiro. Você não pode desafiá-lo — ele disse depressa.

Morgarath deu de ombros.

— Na verdade, Duncan, posso desafiar qualquer um. E qualquer um pode me desafiar. Como cavaleiro, não tenho que aceitar qualquer desafio, a menos que seja feito por outro cavaleiro. Mas posso escolher quem quero desafiar.

— Halt está proibido de aceitar! — Duncan retrucou zangado.

— Então vai fugir e se esconder, Halt? — ele zombou rindo. — Como todos os arqueiros. Eu contei que um de seus jovens arqueiros é nosso prisioneiro?

Ele sabia que o Corpo de Arqueiros era um grupo muito unido e esperava enfurecer Halt com a notícia de que tinha capturado um de seus alunos.

— Tão pequeno que quase o jogamos fora. Mas decidi manter e torturar ele. Assim haverá menos um espião sorrateiro no futuro.

Halt sentiu o sangue fugir de seu rosto. Havia apenas uma pessoa de quem Morgarath podia estar falando. Furioso, ele impeliu Abelard para a frente.

— Você está com Will? — ele perguntou em voz baixa, mas penetrante.

Morgarath sentiu o mesmo choque de triunfo novamente. Aquilo era ainda melhor do que esperava! Era óbvio que o menino arqueiro era querido por Halt. Uma súbita sensação de alegria tomou conta dele. Seria ele aprendiz do próprio Halt? De repente, de alguma forma, ele soube que essa era a verdade.

— Sim, Will está conosco — ele respondeu. — Mas não por muito tempo, é claro.

Halt sentiu uma intensa onda de fúria e ódio pela figura semelhante a um abutre que estava à sua frente. Mãos se estenderam a fim de pará-lo, mas ele fez o cavalo avançar e encarou Morgarath.

— Então, Morgarath, sim, eu...

— Halt! Ordeno que pare! — Duncan gritou interrompendo-o. Mas então todos os olhos foram atraídos para um movimento repentino na segunda fileira do exército. Uma figura montada se aproximou e cobriu a curta distância até

Morgarath num segundo. O Senhor da Chuva e da Noite tentou pegar a espada, mas percebeu que a arma do recém-chegado estava embainhada. Em vez disso, seu braço direito se movimentou para trás, e ele jogou a luva no rosto magro de Morgarath.

— Morgarath! — gritou com a jovem voz aguda.

— Eu o desafio a um combate homem a homem!

Então, virando o cavalo e se afastando alguns passos, Horace esperou a resposta de Morgarath.



Will e Evanlyn nunca souberam o que provocou a onda de incerteza nos Wargals. Na verdade, tudo aconteceu no momento em que Morgarath percebeu que tinha sido enganado. A repentina agitação de medo que passou por sua mente foi transmitida instantaneamente para todos os seus escravos mentais.

Os dois prisioneiros e os quatro escandinavos notaram a inquietação e hesitação nos 20 e tantos Wargals que tinham ficado para vigiá-los. Percebendo uma oportunidade, Erak rapidamente olhou para seus homens. Até aquele momento, eles não tinham sido desarmados. A diferença de 4 contra 20 era muito grande, mesmo para os escandinavos, e os Wargals só tinham recebido ordens de detê-los, não de desarmá-los.

— Alguma coisa está acontecendo — o líder dos escandinavos murmurou. — Fiquem preparados. Todos vocês.

Disfarçadamente, o pequeno grupo se certificou de que suas armas estavam livres e prontas para a ação. Então o momento de incerteza se transformou num medo real e palpável entre os Wargals. Morgarath tinha acabado de sinalizar uma retirada geral, e os que estavam na retaguarda não se sentiram diferentes das tropas da linha de frente, para quem a ordem era destinada. Mais da metade dos Wargals que os vigiavam simplesmente correu. Um sargento, contudo, reteve um vestígio de raciocínio independente e grunhiu um aviso para suas divisões, oito no total. Enquanto seus companheiros lutavam e brigavam para abrir caminho na apertada entrada para o Desfiladeiro dos Três Passos, as oito tropas vestidas de preto mantiveram sua posição.

Mas eles estavam distraídos e nervosos, e Erak decidiu que a oportunidade não ficaria melhor do que estava naquele momento.

— Agora, rapazes! — ele gritou e atirou seu machado de duas lâminas na direção do sargento.

O Wargal tentou levantar a lança de ferro para se defender, mas foi lento demais. A pesada arma atravessou sua armadura e ele caiu.

Enquanto Erak procurava outro oponente, seus homens caíam sobre o resto da tropa de Wargals. Eles escolheram o momento em que outro comando

mental foi enviado por Morgarath, para que seus homens recuassem e entrassem numa posição defensiva. As ordens confusas em suas mentes os tornaram alvos fáceis para os escandinavos, os Wargals caíram um depois do outro. Os demais que ali estavam, preocupados em escapar para o Desfiladeiro dos Três Passos, não deram atenção ao conflito breve e sangrento.

Erak olhou ao redor com alguma satisfação e limpou a lâmina do machado num pano que tinha tirado de um dos Wargals mortos.

— Assim está melhor — ele disse animado. — Fazia tempo que eu queria fazer isso.

Mas os Wargals não tinham deixado de causar danos. Nordel cambaleou e caiu lentamente no chão, apoiado num joelho. Sangue vivo manchava o canto de sua boca, e ele, sem saber o que fazer, olhou para o líder. Erak se aproximou dele e se ajoelhou ao seu lado.

— Nordel! — ele gritou. — Onde você foi ferido?

Mas Nordel mal podia falar. Ele estava segurando o lado direito do corpo, onde o colete de pele de carneiro já estava bastante manchado de sangue. A espada pesada que ele preferia usar como arma tinha caído de sua mão. Com os olhos arregalados de medo, tentou pegá-la, mas estava longe demais. Rapidamente, Horak apanhou a arma e a colocou na mão dele. Nordel agradeceu com um gesto e lentamente se deixou cair sentado. O medo tinha deixado seu olhar. Will sabia que os escandinavos acreditavam que um homem tinha que morrer com a arma na mão para que sua alma não vagasse atormentada por toda a eternidade. Agora que segurava a espada com firmeza, Nordel não tinha medo de morrer. Fraco, ele fez um gesto para que se afastassem.

— Vão! — ele disse, quando finalmente conseguiu falar. — Estou... acabado... Vão para os navios.

— Ele tem razão — Erak concordou depressa e se levantou. — Não tem nada que a gente possa fazer.

Os outros concordaram. Então, Erak primeiro agarrou Will, depois Evanlyn e os empurrou para a frente.

— Vamos, vocês dois — ele disse com grosseria.

— A menos que queiram ficar aqui até Morgarath voltar.

E, movendo-se juntos num sólido e pequeno grupo, os cinco abriram caminho pela multidão confusa de Wargals que tentavam avançar em direções opostas.



Morgarath foi atingido pelo impacto da pesada luva de couro em sua face. Furioso, ele se virou para encarar o desafiante que tinha arruinado seu plano. Então deixou o leve sorriso se espalhar novamente pelo rosto.

Ele se deu conta de que o desafiante não era mais do que um garoto. Grande e musculoso, certamente, mas o rosto jovem debaixo do simples capacete cônico não podia ter mais que 16 anos.

Antes que os membros perplexos do conselho pudessem reagir, ele respondeu rapidamente.

— Aceito o desafio!

Ele falou um segundo antes do grito furioso de Duncan.

— Não! Eu proíbo!

Percebendo que era tarde demais, apelou para Morgarath.

— Por Deus, Morgarath, como você pode ver, ele é apenas um garoto. Um aprendiz. Você não pode aceitar esse desafio!

— Ao contrário — Morgarath replicou. — Como acabei de ressaltar, tenho esse direito. E, como você sabe, uma vez feito e aceito o desafio, não se pode voltar atrás.

Ele estava certo. As normas rígidas dos embates entre cavaleiros, que todos tinham jurado seguir solenemente, ordenavam exatamente isso. Morgarath sorria agora para o garoto ao seu lado. Acabaria com ele depressa. E a morte rápida do menino serviria para deixar Halt ainda mais enfurecido.

Enquanto isso, Halt observava o Senhor da Chuva e da Noite com os olhos semicerrados.

— Morgarath, você é um homem morto — ele murmurou. Halt sentiu uma mão firme no braço e encontrou o olhar sombrio de sir David quando se virou. O mestre de guerra tinha desembainhado a espada e a levava apoiada no ombro direito.

— O garoto vai ter que se arriscar, Halt — ele disse.

— Arriscar? Risco é tudo o que ele tem! — Halt replicou.

— Seja o que Deus quiser — sir David respondeu com tristeza. — Você não pode interferir nesse combate.

Vou impedir você mesmo que *só* pense em tentar. Não me obrigue a isso. Somos amigos há muito tempo.

Ele observou o olhar zangado de Halt por alguns segundos e então, aborrecido, o arqueiro concordou. Ele sabia que o cavaleiro não estava brincando. O código de honra dos cavaleiros significava tudo para sir David.

Essa cena não passou despercebida para Morgarath. Ele tinha certeza de

que, no momento em que o garoto caísse, Halt aceitaria o desafio original com ou sem a permissão do rei. E então, finalmente, ele conheceria a satisfação de matar seu antigo e odiado inimigo antes que o seu mundo desabasse ao seu redor.

Ele se virou para encarar Horace.

— Que armas, garoto? — ele perguntou num tom ofensivo. — Como prefere lutar?

O rosto de Horace estava branco e tenso de medo. Por um momento, a sua voz ficou presa na garganta. Não tinha certeza do que tinha se passado com ele quando avançou a galope e apresentou seu desafio. Certamente não tinha sido algo planejado. Aparentemente, uma raiva intensa tinha tomado conta dele e, quando se deu conta, estava diante de todo o exército, jogando a luva no rosto confuso de Morgarath. Então pensou na ameaça que o inimigo tinha feito a Will, em como tinha sido obrigado a deixar o amigo na ponte e, finalmente, conseguiu falar.

— Com o que temos aqui — ele disse.

Os dois carregavam espadas. Além disso, o longo escudo em forma de pipa de Morgarath estava pendurado em sua sela, e Horace levava o seu escudo redondo preso às costas. Mas a espada de Morgarath era de folha larga, quase 30 centímetros mais comprida do que a espada comum de cavalaria que Horace usava. Morgarath se virou para falar novamente com Duncan.

— O filhote quer lutar com as armas que temos. Suponho que você vai ficar atento às regras de conduta, não é mesmo? — ele perguntou.

— Você vai lutar sem ser perturbado — Duncan concordou num tom amargo.

Aquelas eram as regras do combate homem a homem. Morgarath concordou e se curvou de modo zombeteiro para o rei.

— Apenas se certifique de que Halt, esse assassino, entenda isso — ele avisou, continuando seu plano de provocar uma fúria fria no arqueiro. — Eu sei que ele conhece pouco as regras dos cavaleiros.

— Morgarath — Duncan disse com frieza —, não finja que o que está fazendo tem algo a ver com o verdadeiro código de cavaleiros. Eu lhe peço mais uma vez, poupe a vida do garoto.

— Poupá-lo, majestade? — Morgarath indagou aparentando surpresa. — Ele é um garoto enorme, grande para a idade. Talvez fosse melhor pedir a ele para me poupar.

— Se você insiste em cometer assassinato, a escolha é sua, Morgarath. Mas nos livre de seu sarcasmo — Duncan pediu.

Novamente, Morgarath se curvou zombeteiro e casualmente disse para Horace:

— Está pronto, garoto?

Horace engoliu em seco e concordou.

— Sim — ele disse.

Foi Gilan quem viu o que ia acontecer e gritou um aviso no momento exato. A imensa espada de folha larga tinha saído da bainha como uma cobra, com velocidade inacreditável, e Morgarath a agitou à esquerda do garoto. Avisado pelo grito, Horace rolou para o lado, e a lâmina passou assobiando a centímetros de sua cabeça.

No mesmo movimento, Morgarath tinha batido as esporas em seu cavalo branco desbotado e se afastava a galope, apanhando o escudo e ajustando-o ao braço esquerdo. Seu riso zombeteiro chegou até Horace enquanto o garoto se recuperava.

— Então, vamos começar! — ele riu, e Horace sentiu a garganta seca ao se dar conta de que estava arriscando a vida.



Morgarath estava fazendo que o cavalo descrevesse um grande círculo para ganhar espaço. Horace sabia que ele logo voltaria e o atacaria usando o impulso do movimento e a força da espada para tentar derrubá-lo da sela.

Guiando o animal com os joelhos, ele se virou para a direção oposta, sacudiu o escudo com um movimento forte para que saísse das costas e deslizou o braço esquerdo pelas tiras. Ele olhou por cima do ombro e viu Morgarath a 80 metros de distância impelindo o cavalo a toda velocidade. Horace bateu os calcanhares nas costelas de seu cavalo e correu para enfrentar a figura vestida de preto.

O barulho provocado pelos cascos dos dois cavalos se confundiu quando os cavaleiros trovejaram na direção um do outro. Sabendo que seu oponente tinha a vantagem da distância, Horace decidiu deixar que ele desferisse o primeiro golpe para depois tentar contra-atacar. Eles já estavam bem perto um do outro quando, de repente, Morgarath se levantou nos estribos e, de toda a sua altura, desferiu um golpe acima do ombro do garoto. Horace, que esperava o movimento, levantou o escudo.

A força do golpe de Morgarath foi arrasadora. A espada tinha o comprimento do dono, a força de seu braço e o impulso do cavalo a galope. Coordenando perfeitamente os movimentos, ele tinha canalizado todas essas forças e as tinha concentrado na espada quando a abaixou sobre Horace. Nunca em sua vida o garoto tinha sentido uma força tão destrutiva. Os que assistiam ao duelo se encolheram quando a espada bateu no escudo e provocou um ruído metálico. Eles viram Horace oscilar sob o golpe violento e quase ser derrubado da sela.

A ideia de desferir um contra-ataque tinha desaparecido. Tudo o que podia fazer era se ajeitar na sela outra vez enquanto seu cavalo disparava, para longe, dançando para o lado enquanto a montaria de Morgarath, treinada para batalhas, atacava com os cascos traseiros.

O braço esquerdo de Horace, que segurava o escudo, estava completamente adormecido pela terrível força do golpe. Ele o sacudiu repetidas

vezes enquanto cavalgava para longe, movendo o braço em pequenos círculos para tentar recuperar a sensibilidade. Nesse momento, sentiu uma dor fraca que pareceu se estender por todo o membro. Agora sabia o que era o verdadeiro medo. Ele não conhecia nenhuma forma de conter a força esmagadora dos golpes de espada de Morgarath. Percebeu que todo o seu treinamento, toda a sua prática, não eram nada comparados aos anos e anos de experiência do oponente.

Horace se virou para encarar Morgarath e deu impulso ao cavalo outra vez. Na primeira passagem, eles tinham se encontrado escudo a escudo. Desta vez, ele viu que o adversário estava se preparando para passar do seu lado direito, lado em que segurava a espada, e compreendeu que o próximo choque não iria recair em seu escudo. Ele teria que se defender com a espada. Sua boca estava seca quando galopou para a frente, tentando desesperadamente se lembrar do que Gilan lhe tinha ensinado.

Mas Gilan nunca o tinha preparado para enfrentar uma força tão descomunal. Ele sabia que não podia se arriscar a segurar a espada levemente e aumentar a pressão no momento do impacto. Os nós de seus dedos ficaram brancos sobre o punho da arma. De repente, Morgarath estava em cima dele, e a imensa espada de folha larga se agitou num arco cintilante sobre sua cabeça. Bem a tempo, Horace levantou a espada para se defender.

O choque violento e o grito agudo do aço batendo no aço fez os nervos dos espectadores estremecer. Novamente, Horace oscilou na sela por causa da força do golpe. Seu braço direito estava dormente da ponta dos dedos até o cotovelo. Ele sabia que teria que interromper esse ciclo de golpes violentos, mas não sabia como.

O garoto ouviu cascos de cavalo atrás dele e, ao se virar, se deu conta de que Morgarath não tinha se afastado para ganhar terreno para outro ataque. Em vez disso, tinha virado o cavalo quase imediatamente, sacrificando a força extra ganha no impulso em troca de um ataque rápido. A espada de folha larga se agitou novamente.

Horace fez o cavalo se erguer nas patas traseiras, fazendo-o girar no lugar em que estava, e recebeu a espada de Morgarath no escudo outra vez. Desta vez, a força do golpe foi um pouco menos arrasadora, mas não muito. Horace desferiu dois golpes no senhor negro, de frente e à esquerda. Era mais fácil brandir sua espada menor e mais leve do que a poderosa espada de folha larga, mas seu braço direito ainda estava entorpecido pela defesa e seus golpes eram muito fracos. Morgarath os desviava com facilidade, quase com desdém, e voltou a atacar Horace, agora por cima do ombro, de pé nos estribos para dar

um impulso adicional.

O escudo de Horace recebeu a força do golpe da espada novamente. O pedaço circular de aço quase foi dobrado em dois pelos golpes pesados que recebeu. Mais alguns iguais a esses e ele ficaria praticamente inutilizado. Lutando para continuar montado, o garoto conduziu o cavalo para longe de Morgarath.

Sua respiração estava ofegante, e o suor cobria seu rosto. Ele sabia que era o suor do medo e do esforço. Horace sacudiu a cabeça desesperado para aclarar a vista. Morgarath novamente estava cavalgando em sua direção. O menino alterou seu rumo no último instante, puxando a cabeça de sua montaria para a esquerda, fazendo-a atravessar o caminho do cavalo de Morgarath, tentando escapar à enorme espada. Morgarath viu o movimento e mudou para uma cortada à esquerda, atingindo a borda do escudo do rapaz.

A espada de folha larga fez um corte profundo no aço do escudo e ficou presa ali. Aproveitando o momento, Horace se levantou nos estribos e deu uma cortada por cima do ombro em Morgarath. O escudo preto subiu apenas uma fração de segundo tarde demais, e o golpe de Horace atingiu levemente o capacete preto em forma de bico de pássaro. O choque fez vibrar todo o seu braço, mas a sensação foi boa. Ele desferiu outro golpe enquanto Morgarath se torcia e levantava para remover a espada.

Desta vez, Morgarath levou um golpe no escudo e, pela primeira vez, Horace conseguiu conferir bastante força à pancada, e o Senhor da Chuva e da Noite grunhiu quando foi sacudido em sua sela. Seu escudo não caiu por pouco.

Então, Horace usou a parte mais curta da espada para dar uma estocada no espaço que se abriu entre o escudo e o corpo e levou a ponta até as costelas de Morgarath. Por um momento, os espectadores viram uma breve chama de esperança. Mas a armadura negra suportou a investida, que tinha sido dada de uma posição inadequada e sem força. Mesmo assim, ela machucou Morgarath, fraturando uma costela atrás da armadura de malha, fazendo-o praguejar de dor e torcer o corpo quando sua espada foi atingida mais uma vez.

E, então, o desastre!

Enfraquecido pelos fortes golpes dados por Morgarath, o escudo de Horace simplesmente cedeu. A imensa espada desceu, finalmente livre, e rasgou as tiras de couro que o prendiam ao braço do garoto. O escudo amassado e disforme se soltou e voou pelo ar. Horace vacilou na sela outra vez, tentando desesperadamente manter o equilíbrio. Perto demais para usar toda a força de sua lâmina, Morgarath bateu o punho duplo da espada na lateral do capacete do

menino, e os espectadores gemeram desanimados quando Horace caiu da sela.

Seu pé ficou preso no estribo, e ele foi arrastado por cerca de 20 metros atrás do apavorado cavalo que galopava velozmente. Curiosamente, esse fato provavelmente salvou sua vida, pois ele foi levado para fora do alcance da espada assassina. Quando finalmente o garoto conseguiu se libertar, rolou na poeira, ainda segurando a espada na mão direita.

Cambaleando, levantou-se com os olhos cheios de suor e poeira.

Vagamente, viu Morgarath disparando em sua direção. Segurando a espada com as duas mãos, ele bloqueou o golpe da enorme arma do inimigo, mas foi jogado de joelhos no chão, tamanha foi sua força. O golpe do casco do cavalo o atingiu nas costelas, e ele tornou a cair no chão enquanto Morgarath se afastava a galope.

O silêncio tinha caído sobre os espectadores. Os Wargals não se importavam com o espetáculo, mas o exército do reino assistia à competição desigual num terror silencioso. Todos sabiam que o fim era inevitável.

Lentamente, dolorosamente, Horace se levantou mais uma vez. Morgarath virou o cavalo e se preparou para outro ataque. Horace observou-o se aproximar sabendo que aquela competição só podia ter um resultado. Uma ideia desesperada estava se formando em sua mente enquanto o cavalo de batalha desbotado trovejava em sua direção, dirigindo-se para a sua direita, deixando espaço para Morgarath atacá-lo com a espada. O rapaz não sabia se sua armadura poderia protegê-lo caso colocasse em prática o que tinha em mente. Ele poderia morrer. Então, sombriamente, riu para si mesmo. Ele ia ser morto de qualquer forma.

Preparado, Horace esperou tenso. O cavalo já estava quase em cima dele, desviando-se para a direita para dar espaço de ataque a Morgarath. Nos últimos metros, Horace virou para a direita e deliberadamente se atirou debaixo dos cascos dianteiros do cavalo.

Um forte grito sem palavras surgiu dos espectadores quando, por um momento, a cena foi obscurecida por uma nuvem de poeira. Horace sentiu um casco atingi-lo nas costas, entre as omoplatas, e então viu um breve clarão vermelho quando outro bateu em seu capacete, arrebatando a tira e arrancando-o da cabeça. Depois ele foi atingido mais outras incontáveis vezes, e o mundo se transformou numa confusão de dor, poeira e, principalmente, barulho.

Despreparado para essa ação suicida, o cavalo tentou desesperadamente evitá-la. Suas patas dianteiras se cruzaram. O animal tropeçou e caiu na poeira, depois deu um salto mortal que formou um emaranhado de patas e corpo.

Morgarath, que conseguiu tirar os pés dos estribos no momento certo, foi jogado por cima do pescoço do animal e caiu no chão com violência, deixando a espada de folha larga escapar de sua mão.

Gritando com fúria e medo, o cavalo branco lutou para se levantar. Ele chutou a figura que o tinha feito cair e se afastou trotando. Horace grunhiu de dor e tentou se levantar. Ele ficou de joelhos e, vagamente, ouviu os vivas do exército.

Então os vivas morreram aos poucos quando a figura imóvel vestida de preto, caída a alguns metros de distância, também começou a se mexer.

Morgarath estava sem fôlego, nada mais. Ele respirou bem fundo, levantou-se, olhou para os lados. Viu a espada de folha larga meio enterrada na poeira e foi pegá-la. O coração de Horace se apertou no peito quando a figura alta, agora emoldurada pelo sol baixo da tarde, começou a avançar sobre ele com um passo largo de cada vez. Desesperado, o rapaz pegou a espada e se levantou com dificuldade. Morgarath tinha se livrado do escudo triangular preto. Segurando a espada com as duas mãos, avançou. Horace, sentindo dor em todo o corpo, ficou firme para esperá-lo.

Novamente se ouviu o choque irritante de aço contra aço. Morgarath desferiu um golpe após outro na espada de Horace. Apavorado, o aprendiz de guerreiro se desviava e os bloqueava. Mas, a cada pancada violenta, seus braços perdiam a força. Ele começou a recuar, e Morgarath avançava, derrubando as defesas do garoto com um golpe violento atrás do outro.

E então, quando Horace deixou a ponta da espada baixar, incapaz de encontrar forças para mantê-la erguida, a enorme arma de folha larga de Morgarath desceu assobiando mais uma vez e atingiu a espada menor, partindo a lâmina em dois.

Ele recuou um passo com um sorriso cruel no rosto, enquanto Horace olhava atordoado para a lâmina quebrada na mão direita.

— Acho que estamos quase no fim — Morgarath disse em um tom de voz suave e inexpressivo.

Horace ainda olhava para a espada inútil. Quase inconscientemente, a mão esquerda procurou a adaga e a desembainhou. Morgarath viu o movimento e riu.

— Não acho que isso vá lhe fazer muito bem — ele zombou. Então, deliberadamente, levantou e ajeitou a grande espada para o último golpe, que iria cortar Horace na cintura.

Foi Gilan quem percebeu o que ia acontecer um segundo antes do golpe.

— Oh, meu Deus, ele vai... — ele disse devagar e sentiu uma ridícula

ponta de esperança.

Cortando o ar, a espada de folha larga começou a descrever um arco descendente. E Horace, jogando tudo num último esforço, deu um passo à frente, cruzando as duas lâminas que segurava, a adaga apoiando a espada quebrada.

As duas lâminas receberam o impacto do golpe poderoso de Morgarath. Mas o rapaz tinha se aproximado do homem mais alto, o que reduziu a potência da longa lâmina e a força do golpe. A espada de Morgarath bateu com um som metálico no X formado pelas duas lâminas.

Os joelhos de Horace se dobraram, mas ele ficou firme e, por um momento, os dois oponentes ficaram peito a peito. Horace viu a fúria perplexa na expressão do louco enquanto se perguntava como tinham chegado àquela situação. Então a fúria se transformou em surpresa, pois Morgarath sentiu uma agonia profunda e ardente atravessar seu corpo quando Horace fez a adaga escorregar e, com toda a força que lhe restava, atravessar a malha de ferro de Morgarath, penetrando seu coração.

Lentamente, o Senhor da Chuva e da Noite desabou no chão. Um silêncio assustado tomou conta dos espectadores por vários segundos. E logo os vivas começaram.



O que tinha sido, alguns minutos antes, um campo de batalha, agora tinha se transformado em confusão. O exército Wargal, livre instantaneamente do controle mental de Morgarath, vagueava sem rumo, esperando que alguma força lhe dissesse o que fazer em seguida. Toda a agressividade os tinha deixado, e a maioria simplesmente largou as armas e partiu. Outros se sentaram e cantaram em voz baixa para si mesmos. Sem a orientação de Morgarath, pareciam crianças pequenas.

O grupo que tentava escapar pelo Desfiladeiro dos Três Passos agora estava parado em silêncio e imóvel, esperando pacientemente que os da frente abrissem caminho.

Duncan examinava a cena atordoado.

— Vamos precisar de um exército de cães pastores para reunir essa turma — ele disse ao barão Arald e fez o conselheiro sorrir.

— É melhor do que tudo o que tivemos que enfrentar, meu senhor — ele disse, e Duncan teve que concordar.

O pequeno círculo de tenentes de Morgarath era uma questão diferente. Alguns foram capturados, mas outros tinham fugido para a região deserta dos pântanos. Crowley, o comandante do Corpo de Arqueiros, ficou desanimado quando se deu conta de que ele e seus homens iriam passar vários dias, longos e duros, sobre a sela. Ele teria que organizar uma força-tarefa e enviar arqueiros para caçar os tenentes de Morgarath e trazê-los de volta para enfrentar a justiça do rei. “É sempre assim”, ele pensou aborrecido. Enquanto todos os outros podiam sentar e relaxar, o trabalho dos arqueiros continuava sem parar.

Horace, cheio de hematomas, marcas e sangue, tinha sido levado para a barraca do rei para ser tratado. Ele estava muito ferido depois do salto louco para debaixo dos cascos do cavalo de batalha. Tinha vários ossos quebrados, e uma orelha sangrava. Mas, para surpresa de todos, nenhum dos ferimentos era fatal, e o curandeiro do rei, que o tinha examinado imediatamente, estava confiante de que ele iria se recuperar totalmente.

Sir Rodney tinha corrido até o campo quando os ajudantes se preparavam

para levar o garoto. Parado junto do aprendiz, ele tremia de raiva.

— Que diabos você pensou que estava fazendo? — ele rugiu fazendo Horace se encolher. — Quem lhe disse para desafiar Morgarath? Você não passa de um aprendiz, garoto, e muito desobediente, por sinal!

Horace se perguntou se os gritos iam continuar por muito tempo. E ele quase desejou voltar a enfrentar Morgarath. Estava atordoado, doente e tonto, e o rosto vermelho e zangado de sir Rodney surgia e desaparecia na sua frente. As palavras do mestre de guerra pareciam saltar de um lado para outro de seu cérebro, e ele não tinha certeza de por que o homem gritava tanto. Talvez Morgarath ainda estivesse vivo e, ao pensar nessa possibilidade, ele tentou se levantar.

No mesmo instante, a expressão de Rodney mudou e ele pareceu preocupado. Gentilmente, impediu o aprendiz ferido de se levantar, inclinándose e apertando a mão do garoto com firmeza.

— Descanse, garoto — ele recomendou. — Você fez muita coisa hoje. Você se saiu muito bem.



Enquanto isso, Halt abria caminho entre os indefesos Wargals. Eles se afastavam para o lado sem nenhuma resistência ou ressentimento enquanto ele procurava desesperadamente Will.

Mas não havia sinal do garoto nem da filha do rei. Depois de ouvir os insultos de Morgarath, o rei e os outros tinham se dado conta de que, se Will ainda estava vivo, havia uma chance de que Cassandra, que era o verdadeiro nome de Evanlyn, também tivesse sobrevivido. O fato de Morgarath não ter mencionado a moça indicava que sua identidade ainda era segredo. Halt imaginou que esse fora o motivo pelo qual ela tinha assumido a identidade da criada. Ao fazer isso, tinha evitado que Morgarath soubesse o poder que tinha nas mãos.

Impaciente, ele empurrou outro grupo de Wargals silenciosos e parou ao ouvir um choro fraco.

Um escandinavo, quase morto, estava sentado, recostado no tronco de uma árvore. Ele tinha escorregado para o chão. Suas pernas estavam estendidas na poeira e sua cabeça caía fracamente para o lado. Uma grande mancha de sangue marcava um lado do colete de pele de carneiro. Uma pesada espada estava ao seu lado, a mão fraca demais para continuar a segurá-la.

Ele fez uma débil tentativa de pegá-la e pediu ajuda a Halt com o olhar.

Nordel, cada vez mais fraco, tinha soltado a arma sem querer. Debilitado, quase cego e sabendo estar perto da morte, ele não conseguia achá-la. Halt se ajoelhou ao seu lado. Ele percebeu que o homem não representava perigo, pois estava muito mal para tentar qualquer truque. Halt pegou a espada e a colocou no colo do homem, pondo as mãos dele no punho revestido de couro.

— Obrigado... amigo... — Nordel disse ofegando fracamente. Halt respondeu com um gesto triste. Ele admirava os escandinavos como guerreiros e o aborrecia ver um deles naquela situação, tão fraco que não conseguia segurar a arma. O arqueiro sabia o que isso significava para os guerreiros do mar. Ele se levantou devagar e começou a se virar, mas parou.

Horace tinha dito que Will e Evanlyn tinham sido levados por um pequeno grupo de escandinavos. Talvez aquele homem soubesse alguma coisa. Ele se ajoelhou novamente, pôs a mão no rosto do homem e o virou para si.

— O menino — ele disse ansioso, pois sabia que tinha apenas alguns minutos. — Onde ele está?

Nordel franziu a testa. As palavras despertaram uma lembrança em sua mente, mas tudo o que tinha acontecido parecia muito distante e sem importância.

— Menino... ? — ele repetiu com a voz rouca.

Halt não conseguiu se conter e sacudiu o homem agonizante.

— Will! — ele disse com o rosto a somente alguns centímetros de distância do do homem. — Um arqueiro. Um garoto. Onde ele está?

Uma breve luz de compreensão brilhou nos olhos de Nordel quando ele se lembrou do menino. Ele tinha admirado sua coragem. Admirado a forma como os tinha mantido a distância na ponte. Sem perceber, pronunciou as duas últimas palavras.

— Na ponte... — ele sussurrou, e Halt o sacudiu de novo.

— Sim! O menino na ponte! Onde ele está?

Nordel olhou para ele. Havia uma coisa que tinha que lembrar. Ele sabia que era importante para esse estranho de expressão zangada e queria ajudar. Afinal, o estranho o tinha ajudado a encontrar sua espada. Ele se lembrou do que era.

— ...foi embora — conseguiu dizer finalmente.

Ele gostaria que o estranho não o sacudisse. Não sentia nenhuma dor, pois não conseguia sentir mais nada. Mas o gesto o acordava do sono quente e suave em que estava mergulhando. O rosto barbado estava bem longe dele agora, no fim de um túnel. A voz ecoava até ele através do túnel.

— Embora para onde?

Ele ouviu o eco. Ele gostava do eco. Fazia lembrar o... algum fato da infância.

— Onde-onde-onde? — o eco repetiu e então o homem lembrou.

— Os pântanos — ele disse. — Pelos pântanos até os navios.

Ele sorriu quando disse isso. Queria ajudar o estranho e tinha conseguido. E, desta vez, quando a maciez morna tomou conta dele, o estranho não o sacudiu. Ele ficou satisfeito com isso.

Halt se levantou e se afastou do corpo de Nordel.

— Obrigado, amigo — ele disse apenas.

Correu para onde tinha deixado Abelard pastando calmamente e saltou sobre a sela.

Os pântanos eram um labirinto de capim alto, terrenos alagadiços e passagens sinuosas de água límpida. Para a maioria das pessoas, eles eram intransponíveis. Um passo em falso poderia fazer que uma pessoa afundasse rapidamente num dos atoleiros pegajosos de areia movediça escondidos por todos os lados. Uma vez nos brejos obscuros, era fácil se perder totalmente e vagar até ser dominado pela exaustão ou ser encontrado pelas venenosas cobras-d'água.

Pessoas sensatas evitavam os pântanos. Apenas dois grupos conheciam as trilhas secretas que os atravessavam: os arqueiros e os escandinavos, que vinham percorrendo a costa há mais tempo do que Halt podia se lembrar.

Mesmo sendo Abelard um cavalo de andar seguro, como todos os animais dos arqueiros, quando Halt entrou nas profundezas do labirinto de capim alto e terreno alagadiço, ele desmontou. Os sinais de trilhas seguras eram mínimos e passavam facilmente despercebidos, e ele precisava estar perto do chão para segui-los. Ele não tinha caminhado muito quando começou a ver indícios de que um grupo tinha passado por ali. Halt se animou. Certamente eram os escandinavos, com Will e Evanlyn.

Ele apressou o passo e logo pagou o preço por agir assim, perdendo um sinal importante na trilha e acabando mergulhado até o peito numa grossa massa de lama sem fundo. Felizmente, ainda segurava as rédeas de Abelard com firmeza e, a um comando seu, o cavalo robusto o arrastou para fora do perigo.

Aquela era outra boa razão para continuar levando o cavalo atrás de si.

Ele voltou para a trilha, determinou sua posição e recomeçou a andar. Apesar de muito agitado pela impaciência, obrigou-se a avançar com cuidado. As marcas deixadas pelo grupo que tinha passado à sua frente estavam se tornando cada vez mais visíveis. Ele sabia que estava alcançando os

escandinavos. A questão era se chegaria até eles a tempo.

Mosquitos e moscas do pântano zumbiam e gemiam em volta dele. Sem o menor sinal de brisa, o pântano estava abafado e quente, e Halt suava em abundância. Suas roupas estavam molhadas e encharcadas com aquela lama malcheirosa, e ele tinha perdido uma bota quando Abelard o puxou para fora do poço. Mesmo assim, continuou mancando, aproximando-se mais de seu objetivo a cada passo.

Ao mesmo tempo, sabia que estava chegando ao fim do pantanal. E isso significava que se aproximava da praia em que estavam ancorados os navios dos escandinavos. Ele tinha que encontrar Will antes que o grupo alcançasse a praia. Depois que o garoto estivesse num dos navios, estaria perdido para sempre, pois seria levado para o outro lado do Mar das Tormentas Brancas, para a terra fria coberta de neve dos escandinavos, onde seria vendido como escravo e levaria uma vida de trabalho pesado e interminável.

Acima do cheiro podre dos pântanos, ele sentiu o perfume fresco de sal no ar. Estava perto do mar! Halt redobrou os esforços, esquecendo-se totalmente da cautela enquanto dava tudo de si para alcançar os escandinavos antes que chegassem à água.

O capim já estava rareando, e o chão debaixo de seus pés ficava mais firme a cada passo. Ele começou a correr com o cavalo trotando atrás dele e finalmente chegou à praia varrida pelo vento.

Uma pequena elevação formada por dunas na sua frente bloqueava a vista para o mar. Ele saltou na sela rapidamente e fez Abelard galopar. Eles atravessaram as dunas, o arqueiro inclinado para a frente, colado ao pescoço do cavalo, impelindo-o a aumentar a velocidade.

Havia um navio ancorado longe da praia. Na beira da água, um grupo de pessoas estava embarcando num pequeno bote e, mesmo aquela distância, Halt reconheceu a pequena figura no meio como o seu aprendiz.

— Will! — ele gritou, mas o vento do mar levou as palavras para longe.

Com as mãos e os joelhos, ele fez que Abelard avançasse.

Foi o bater dos cascos que alertou os escandinavos. Erak, com água até a cintura e empurrando com Horak o barco para o fundo da água, olhou sobre o ombro e viu a figura vestida de cinza e verde cavalgando em sua direção.

— Pelas barbas de Netuno! — ele gritou. — Vamos depressa!

Will, sentado ao lado de Evanlyn no centro do bote, se virou quando o escandinavo falou e viu Halt a menos de 200 metros de distância. Ele se levantou tentando manter o equilíbrio precariamente no barco instável.

— Halt! — ele berrou e, no mesmo instante, Sven- gal o atingiu com as

costas da mão, fazendo-o cair no fundo da pequena embarcação.

— Fique abaixado! — ele ordenou quando Erak e Horak voltaram para o barco, e os remadores fizeram que atravessasse a primeira linha de ondas.

O vento, que os tinha impedido de ouvir o chamado de Halt, levou o grito fraco do garoto até os ouvidos do arqueiro. Abelard também o escutou e se esforçou ao máximo, retesando os músculos do corpo e galopando a toda velocidade. Halt não estava segurando as rédeas, pois posicionava uma flecha na corda do arco.

A pleno galope, ele mirou e atirou.

O remador da proa soltou um grunhido de surpresa e caiu de lado sobre a amurada do barco quando a pesada flecha de Halt o atingiu e atravessou seu braço. O barco começou a girar, e Erak disparou para a frente, empurrando o homem para o lado e assumindo o remo.

— Remem com toda a força! — ordenou. — Se ele chegar perto demais, estaremos todos mortos.

Agora Halt guiava Abelard com os joelhos, fazendo-o entrar no mar e impelindo-o para a frente para tentar alcançar o bote. Ele atirou novamente, mas a distância era grande e o alvo estava se levantando e abaixando ao sabor das ondas. Além disso, Halt não podia atirar perto do centro da embarcação, pois tinha receio de atingir Will ou Evanlyn. Sua melhor chance seria se aproximar o bastante para atirar com facilidade e atingir um remador de cada vez.

Halt atirou novamente, e a flecha entrou no fundo das tábuas do bote, a poucos centímetros da mão de Horak, na popa. Ele puxou a mão com um movimento violento, como se tivesse sido queimado, e gritou de surpresa. Então se encolheu quando outra flecha passou assobiando e caiu na água atrás do barco a menos de 30 centímetros de distância.

Mas agora o bote estava se afastando, pois Abelard, com o peito mergulhado nas ondas, não podia mais manter a mesma velocidade. O cavalo se esforçava valentemente dentro da água, mas o barco flutuava perto do navio, e Abelard ainda estava a 100 metros de distância. Halt impeliu o cavalo a se aproximar mais alguns metros e parou derrotado quando viu as pessoas sendo içadas do bote.

Os dois passageiros menores foram conduzidos para o leme, perto da popa. A tripulação de escandinavos cercava os lados do navio, parada na balaustrada, soltando gritos de desafio para a pequena figura quase escondida pelas ondas agitadas e cinzentas.

No navio, Erak gritou para eles e se escondeu atrás da sólida amurada.

— Abaixem-se, seus idiotas! É um arqueiro!

Ele tinha visto Halt preparar o arco e suas mãos se moverem a uma velocidade incrível. As nove flechas que lhe restavam estavam voando no ar antes que a primeira atingisse o alvo.

No espaço de dois segundos, três dos escandinavos parados na balaustrada caíram sob a tempestade de flechas. Dois deles estavam gemendo de dor, o outro estava assustadoramente quieto. O resto da tripulação se jogou no convés quando as flechas passaram sibilando e caíram com um barulho forte ao seu redor.

Com cuidado, Erak levantou a cabeça acima da amurada, certificando-se de que Halt não tinha mais flechas.

— Ponham-se a caminho — ele ordenou e pegou o remo de direção.

Will, temporariamente esquecido pelos escandinavos, se aproximou da balaustrada. Eram apenas algumas centenas de metros e ninguém estava prestando atenção nele. Sabia que podia nadar aquela distância e começou a estender a mão para o parapeito. Mas então hesitou pensando em Evanlyn. Não podia abandoná-la. No instante em que refletia sobre o assunto, a enorme mão de Horak se fechou sobre a gola de sua jaqueta e ele perdeu a oportunidade.

Quando o navio começou a ganhar velocidade, Will olhou para a figura montada ao longe, atacada pelas ondas. Halt estava tão perto e, ao mesmo tempo, totalmente fora do alcance. Seus olhos se encheram de lágrimas e, muito distante, ele ouviu a voz de Halt.

— Will! Fique vivo! Não desista! Vou encontrar você aonde quer que eles levem você!

Sufocado pelas lágrimas, o garoto levantou o braço num gesto de adeus para o amigo e mentor.

— Halt! — ele gemeu, mas sabia que o arqueiro não poderia ouvi-lo. Mais uma vez, ele escutou a voz do mestre acima dos sons do vento e do mar.

— Vou achar você, Will!

Então o vento encheu a enorme vela quadrada do navio que se afastou da praia, movendo-se cada vez mais depressa na direção nordeste.

Durante um longo tempo depois que a embarcação tinha desaparecido atrás do horizonte, a figura encharcada permaneceu sentada em seu cavalo mergulhado nas ondas até o peito, olhando para o vazio.

Seus lábios ainda se moviam numa promessa silenciosa que só ele podia ouvir.



Este *ePub* foi criado em Março de 2014 por

LeYtor

Tendo como base a digitalização em *Doc* de

Lene (Papyrus Digitais) e Yuna (Toca Digital)

